

Sexta-feira
3 Setembro 2010
www.ipsilon.pt

Publico
P

ípsilon

*Alexandra Lencastre,
"Um Eléctrico Chamado Desejo"*

Actriz de cristal

MIGUEL MANSO - ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO Nº 7456 DO PÚBLICO E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Isobel Campbell Mark Lanegan João Tordo Christophe Honoré João Nicolau Gayngs



PERCURSO E OBRA DOS GRANDES NOMES DA PINTURA PORTUGUESA



Grão Vasco
14 Setembro



Josefa de Óbidos
21 Setembro



Domingos Sequeira
28 Setembro



Henrique Pousão
5 Outubro



Columbano B. Pinheiro
12 Outubro



António Carneiro
19 Outubro



Aurélia de Sousa
26 Outubro



Maria Helena Vieira da Silva
2 Novembro



Amadeo de Sousa Cardoso
9 Novembro



Almada Negreiros
16 Novembro



António Dacosta
23 Novembro



Mário Eloy
30 Novembro



Paula Rego
7 Dezembro



Júlio Pomar
14 Dezembro



Nikias Skapinakis
21 Dezembro

COLECÇÃO PINTORES PORTUGUESES.

Descubra 16 grandes pintores portugueses numa edição ricamente ilustrada e de grande rigor biográfico.

Conheça as pequenas histórias de cada quadro, o seu significado no contexto da obra e as curiosidades técnicas do seu autor.

Colecção Pintores Portugueses.

A melhor exposição que pode ver em casa.

Todas as terças, com o Público.

Público



As cabanas de pescadores são "actos de resistência" aos arranha-céus galopantes do Bahrein: o júri apreciou a lucidez da auto-análise proposta pelos arquitectos Noura Al-Sayeh e Fuad Al-Ansari

O júri da Bienal de Arquitectura de Veneza gostou do Bahrein

Uma exposição em torno de três cabanas tradicionais de pescadores do Bahrein conquistou o Leão de Ouro para o melhor pavilhão nacional da Bienal de Arquitectura de Veneza 2010. O júri, salientando que o país do Golfo podia ter tido a tentação de mostrar projectos modernos, mostrou-se "impressionado com a escolha", que considerou "uma auto-análise lúcida e poderosa sobre a relação do país com as rápidas mudanças na sua linha costeira".

As cabanas são construções de madeira, muito frágeis, situadas no extremo de pontes estreitas, mas são também, lembrava o "Guardian", espaços

simples onde as pessoas podem socializar ao ar livre e "actos de resistência" para preservar o que ainda resta das áreas costeiras do país, ameaçadas pelos arranha-céus. Os arquitectos Noura Al-Sayeh e Fuad Al-Ansari foram os curadores da exposição - que marca a primeira participação do Bahrein na Bienal de Veneza.

O júri premiou também o atelier japonês Junya Ishigami Associates com o Leão de Ouro para o melhor projecto da exposição principal, enquanto o Leão de Prata foi atribuído ao atelier belga Office Kersten Geers David Van Severen (com o fotógrafo Bas Princen) para a melhor jovem promessa. O arquitecto holandês Rem Koolhaas, autor da Casa da Música no Porto, recebeu o Leão de Ouro pela carreira e o japonês Kazuo Shinohara, que morreu em 2006, recebeu um Leão de Ouro póstumo.

A fragilidade das cabanas dos pescadores parece fazer sentido numa bienal como a deste ano que, na leitura - bastante coincidente - dos enviados de jornais como o "New York Times", o "Guardian" ou o "Financial Times", é diferente do que tem sido em anos anteriores. É a primeira vez que a bienal tem como comissário-geral uma mulher e uma asiática - a arquitecta japonesa Kazuyo Sejima. E a opção de Sejima fica clara logo no título: "People Meet in Architecture". Esta quer ser uma bienal (também) sobre as pessoas e as relações destas com os espaços.

O resultado da exposição principal é não uma apresentação de projectos, de edifícios mais ou menos extravagantes, mas um conjunto

de espaços, sem o peso da teoria de edições anteriores. Edwin Heathcote, do "Financial Times", conta no seu texto que desta vez demorou apenas dez minutos a percorrer a exposição principal e ficou sobretudo com "algumas experiências sensoriais memoráveis". Experiências que se podem viver em espaços como "Cloudscapes", de Trassolar & Tetsuo Kondo, uma rampa ondulante que conduz a uma nuvem de vapor, ou "Split Second House", instalação do artista plástico Olafur Eliasson, com estruturas de água iluminadas por luz strobe.

Bonito, sem dúvida, escreve o jornalista do "Financial Times", mas demasiado "leve no que diz respeito a ideias". Uma bienal em que "a política foi excluída" e "a experiência privilegiada em relação ao intelecto".

Alexandra Prado Coelho

Sumário

Alexandra Lencastre 6
Bruscamente, neste Verão, ela regressa ao teatro

Isobel Campbell 14
Pela América fora, com Mark Lanegan

Gayngs 18
10cc para sempre

João Tordo 20
Fechou-se com as suas personagens numa casa em Itália

Christophe Honoré 24
Fez um filme para Chiara Mastroianni

João Nicolau 27
Um óvni do cinema português em Veneza

Ficha Técnica

Directora Bárbara Reis
Editor Vasco Câmara, Inês Nadais (adjunta)
Conselho editorial Isabel Coutinho, Óscar Faria, Cristina Fernandes, Vítor Belanciano
Design Mark Porter, Simon Esterson, Kuchar Swara
Directora de arte Sónia Matos
Designers Ana Carvalho, Carla Noronha, Mariana Soares
Editor de fotografia Miguel Madeira
E-mail: ippsilon@publico.pt

Jonathan Franzen está em toda a parte

Não pára o "hype" à volta do novo romance de Jonathan Franzen, "Freedom", oficialmente lançado anteontem nos EUA. O último episódio envolveu Barack Obama. O presidente norte-americano, durante as suas férias habituais em Martha's Vineyard, entrou na livraria Bunch of Grapes, em Vineyard Haven, e saiu de lá com um exemplar do novo romance de Franzen dias antes de ele começar a ser vendido

nas livrarias de todo o país. Os seus assessores tiveram de vir explicar que afinal Obama não comprou o livro, nem podia porque não estava à venda, mas que lhe tinha sido oferecida uma "advance reader copy". Nos EUA, estes exemplares de novos livros, as provas não corrigidas encadernadas, são dados pelas editoras com meses de antecedência a bibliotecários, livreiros e jornalistas para que, no dia em que os livros começam a ser vendidos, já tenham sido lidos e comentados e possa começar a funcionar o "boca a boca", que faz vender ainda mais.

Jonathan Franzen não publicava nada desde 2001, ano em que lançou "As Correções" (Dom Quixote), National Book Award nesse ano e mais tarde considerado o livro da década. Demorou sete anos a escrever esse que foi o seu terceiro livro, e nove a escrever "Freedom", iniciado depois de um dos



Jonathan Franzen demorou nove anos a escrever o novo livro

seus melhores amigos se ter suicidado. Era outro escritor, David Foster Wallace.

Ainda antes de "Freedom" estar nas livrarias, a revista norte-americana "Time" fez capa com Jonathan Franzen; a última vez que um escritor vivo aparecera na capa da revista tinha sido em Março de 2010, cabendo então a honra a Stephen King.

Nessa capa de 12 de Agosto, Lev Grossman escreveu: "Ele não é o mais rico ou o mais famoso dos romancistas. As suas personagens não resolvem mistérios, não têm poderes mágicos nem vivem no futuro. Mas no seu mais recente romance, 'Freedom', Jonathan Franzen mostra-nos como vivemos hoje". Considerou que "Freedom" está mais

perto de um romance do século XIX do que de um do século XXI. E explicou: enquanto os escritores de hoje costumam escrever sobre subculturas e microcosmos, Franzen escreve sobre a cultura e o cosmos.

"Freedom" é, mais uma vez, a história de uma família disfuncional. Começa por nos apresentar Walter Berglund, um advogado casado com Patty, mãe suburbana e descontente que toma conta dos filhos Jessica e Joey. Aparentemente, é uma família que faz sentido até um dia em que tudo se desmorona.

Alguém obrigou Jonathan Franzen a fazer um vídeo para promover o novo livro (pode ser visto no seu "site" oficial). São pouco mais de dois minutos em que ele afirma mais do que uma vez como se sente desconfortável a fazer vídeos daqueles. Em que suspira e lembra que um livro não permite que façamos várias coisas ao mesmo tempo: ou estamos a ler um livro ou não. Isabel Coutinho



Até Barack Obama levou uma cópia provisória de "Freedom" para a sua casa de férias em Martha's Vineyard

Pedro Costa hoje no All Tomorrow's Parties

O Festival All Tomorrow's Parties, programação de música, exposições e cinema (hoje e este fim-de-semana no Kutschers Country Club, Monticello, Nova Iorque) que este ano é comissariada por Jim Jarmusch, tem uma presença portuguesa: Pedro Costa e "Ne Change Rien", o projecto com a cantora e atriz francesa Jeanne Balibar. Foi uma escolha de Jarmusch e da editora Criterion, que edita o cineasta português nos EUA. O filme passa hoje no festival, onde Pedro Costa estará presente para um debate com Jim Jarmusch, e tem estreia americana agendada para 3 de Novembro nos EUA: Nova Iorque, Los Angeles, Seattle, Chicago e Boston. Alguns destaques musicais, do rock à música de vanguarda passando pelo hip-hop: Iggy Pop and the Stooges, Sonic Youth, Fuck Buttons, Tortoise, The Books, Fursaxa, Avi Buffalo, Sunn O))) and Boris present Altar, Hope Sandoval & The Warm Inventions, GZA, Girls, The Brian Jonestown Massacre, The Breeders ou Fucked Up. Em 2008, o All Tomorrow's Parties foi comissariado pelo grupo My Bloody Valentine e em 2009 por Wayne Coyne, dos Flaming Lips.

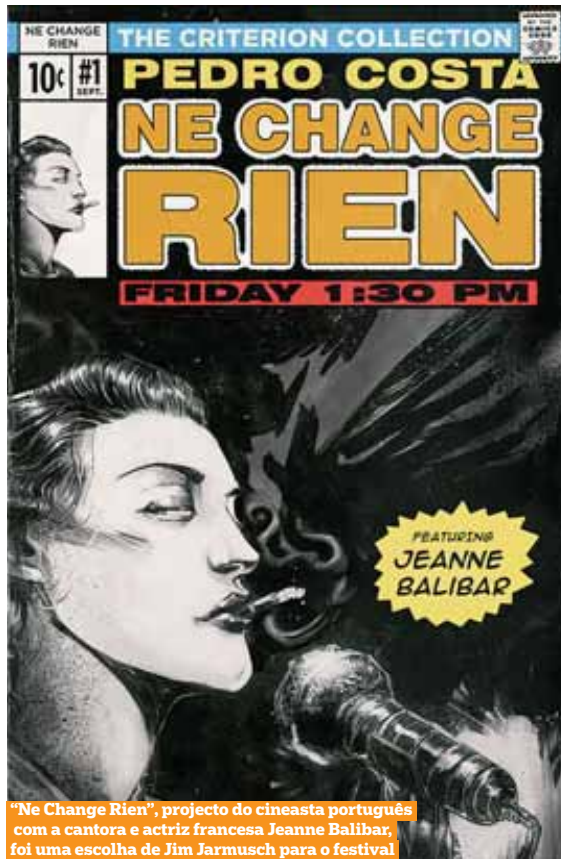
África é já ali, em Miragaia

"As Estátuas também Morrem", filme de 1953 de Alain Resnais e Chris Marker sobre a relação entre o Ocidente e África através dos objectos que se guardam nos museus, abre amanhã, às 21h30, o ciclo "África já ali", no Auditório do Grupo Musical de



"As Estátuas também Morrem", de Alain Resnais e Chris Marker

Miragaia, Porto. Segue-se, às 22h, "África, Paraíso e Inferno (1971), de Werner Herzog. O primeiro filme, explica João Sousa



"Ne Change Rien", projecto do cineasta português com a cantora e atriz francesa Jeanne Balibar, foi uma escolha de Jim Jarmusch para o festival.

Cardoso num dos textos do ciclo, "trata do desentendimento entre o homem branco e o homem negro, detendo-se nos equívocos e na violência que a presença dos artefactos africanos nos museus europeus (tanto quanto a sua ausência do Louvre, o mais nobre desses museus) desvenda". No de Herzog, que surge na vaga do Novo Cinema Alemão, "são evocadas as várias formas de destruição e de opressão étnica, aproximando o anti-semitismo nazi e o racismo colonialista, a história política e a militância ecologista."

"África já ali" é programado por José Maia e prossegue até 1 de Outubro: há sessões segunda, dia 6 ("África 50", de René Vautier, e "Apontamentos para uma Oréstia Africana" de Pier Paolo Pasolini), sábado, dia 11 ("Os Mestres Loucos" e "Eu, um Negro", ambos de Jean Rouch), e ainda nos dias 13 ("alheava filme", de Manuel Santos Maia, e "A Costa dos Murmúrios" de Margarida Cardoso), 18 ("Non, ou a Vã Glória de Mandar", de Manoel de Oliveira), 20 ("Terra Sonâmbula", de Teresa Prata), 25 ("Casa de Lava", de Pedro Costa), 27 ("Bab

Sebta", de Frederico Lobo e Pedro Pinho) e 1 de Outubro ("Juventude em Marcha", também de Pedro Costa).

O nome do ciclo - o terceiro que se realiza no Auditório do Grupo Musical de Miragaia, depois de "O porto, Oporto" e "A gosto de Verão" - é inspirado numa frase da personagem Zé Maria, do filme "Peixe Lua", de José Álvaro Morais. Em "Reinos Desencantados", sobre a obra de José Álvaro Morais, Saguenail e Regina Guimarães recordam esse momento: "É quando ele [Zé Maria], no pontão de Alcochete, recusa o convite do Gabriel para ir jantar com ele a Lisboa: 'Quem me tira de África...'. Como se a África fosse já ali."

Gala Drop em Nova Iorque a convite de Panda Bear

Os Gala Drop vão dar dois concertos em Nova Iorque, a 10 e 11 de Setembro. O segundo concerto acontecerá na Governors Island, ao lado de Panda Bear (Animal Collective), que convidou o grupo. No final de Setembro, os

Capas, posters, "flyers", fanzines: o melhor das artes gráficas do punk numa exposição em Londres

lisboetas, autores de um dos melhores discos de estreia de que há memória na música feita neste rectângulo (é uma fantástica sùmula de música futuro-primitiva, inspirada pelo krautrock e pelo dub, mas sem filiação óbvia), lançarão um novo EP com quatro temas, com edição nos EUA pela Golf Channel, especializada em música electrónica. No Myspace já se ouvem dois temas: um sem título (guitarras em cascata e África no horizonte) e "Rauze" (com sintetizadores a explodir de euforia e um "sample" de voz feminina). A banda acabou de reeditar o primeiro disco em vinil pela Gala Drop Records. *Pedro Rios*

O punk ainda é uma arte

Quem não se lembra das míticas cores garridas da capa dos Sex Pistols, a rosa choque e amarelo, criada por Jamie Reid? Era 1977, o punk dava os seus primeiros passos, e os autores de "Never mind the bollocks" mal imaginavam que o "artwork" do disco ia estar exposto em 2010. Nem eles, nem os Clash, quando lançaram o single "Clash city rockers" em 78: no poster, as letras grafitadas e a mensagem "Shut Your Mouth".

Toby Mott, designer e curador, começou a coleccionar posters e material variado do punk rock na década de 70, quando era um adolescente como tantos outros. Também não imaginava que esse espólio - fanzines, "flyers", posters -, coleccionado de forma amadora, ao melhor espírito "do it yourself" que era o lema do punk, iria transformar-se no mote para uma exposição, "Loud Punk: British Punk on Paper. The Mott Collection". Depois de ter passado pelo MUSAC (Museu de arte Contemporânea de Castilla y León), em Março deste ano, a colecção viaja agora para a galeria Haunch of



Venison, em Londres. Os trabalhos fotográficos de Pennie Smith e Kate Simon, ou o trabalho gráfico de Linder Sterling para o single "Orgasm addict", dos Buzzcocks, podem ser vistos na capital britânica de 24 de Setembro a 30 de Outubro. Mas, para Mott, o mais importante na sua colecção é o "material anónimo" reunido de forma espontânea por vários adolescentes, sem qualquer propósito comercial, confessou ao "The Guardian".



Os Gala Drop vão dar dois concertos na "Big Apple"

AGENDA CULTURAL FNAC

entrada livre

APRESENTAÇÃO

AO VIVO

LANÇAMENTO

EXPOSIÇÃO

LANÇAMENTO

MORRO BEM, SALVEM A PÁTRIA!

Livro de José Jorge Letria

Apresentação por Annabela Rita e Miguel Real

A acção deste livro centra-se no dia da morte de Sidónio Pais, recuando aos tempos que precederam o homicídio e prolongando-se até depois do seu desaparecimento.

09.09. 18H30 FNAC COLOMBO



AO VIVO

AFONSO PAIS TRIO

Fluxorama

Na Fnac Chiado, Afonso Pais, a solo, faz um percurso por alguns dos temas de Fluxorama, que tem como base a interpretação de "standards" e temas de grandes nomes da história do jazz.

Evento realizado em parceria com o Festival jazz.pt

07.09. 18H30 FNAC CHIADO



AO VIVO

HUGO CARVALHAIS

Nebulosa

A FNAC recebe o trio do contrabaixista Hugo Carvalhais, que acaba de lançar o seu disco de estreia, Nebulosa, que conta com a participação especial do saxofonista norte-americano Tim Berne.

Evento realizado em parceria com o Festival jazz.pt

08.09. 18H00 FNAC STA. CATARINA



AO VIVO

FEROMONA

Desoliúde

Com Desoliúde recentemente editado e Selvagem Tosco em rotação nas rádios nacionais, estes rapazes lisboetas prometem colocar o país em tronco nu.

10.09. 22H00 FNAC FORUM COIMBRA



EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

FOTOGRAFIAS DE RODAGEM DO CINEMA PORTUGUÊS

Composta por material pertencente ao Arquivo Fotográfico da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, esta série de fotografias de rodagem, feitas entre os anos 20 e os anos 70, focaliza-se sobretudo em dois períodos: o período clássico do cinema português, nos anos 30 e 40, e o Cinema Novo, nos anos 60.

06.09. - 16.11.2010 FNAC ALMADA



Consulte todos os eventos da Agenda Fnac, assim como outros conteúdos culturais em <http://cultura.fnac.pt>

Apoio:

ípsilon



www.fnac.pt

Uma mulher sob influência

Bruscamente neste Verão. Alexandra Lencastre volta ao teatro, 12 anos, uma vida inteira depois. A partir de dia 9, vamos vê-la em “Um Eléctrico Chamado Desejo”, encenação de Diogo Infante no D. Maria, em Lisboa, vamos vê-la em Blanche DuBois, “femme fatale” voraz, retirada de cena, caçadora transformada em presa.

*Alexandra não está a fazer de si própria, embora descubra sinais em tudo. Como Blanche, é uma mulher em perigo: “Tenho medo de não passar. Isto é tudo um grande sofrimento”. Anabela Mota Ribeiro**

Ao longo da peça, diz Alexandra Lencastre, Blanche DuBois vai-se sujando, vai-se amarrotando

Ela está naquela fase “ai, ai, ai, não me digam nada”. É a altura da aflição. “Talvez isto tenha que ver com os 12 anos de afastamento, com bloqueios que posso ter criado, e quanto mais se aproxima a data da mostra, da exposição, mais eles emergem”. Não diz “estrela” por superstição? Não. “Estrela até é uma palavra bonita – como ‘première’. ‘Mostra’ é que é violenta. Mostramo-nos.”

Mostra-se como quem diz: este é o meu corpo, tomai e vede todos.

Mas a roupa é a mesma, por superstição. Entrevista em dois tempos. Um mês e meio antes da estreia da peça, e dez dias antes. O mesmo blazer preto, as mesmas botas de cano alto. Apesar da brasa do Verão.

No primeiro encontro, tem disponibilidade para pensar no pai que não queria que desperdiçasse a polpa da fruta ao descascá-la. No segundo, a conversa desagua quase exclusivamente nos ritmos da peça, em Blanche DuBois. Da severidade elegante

do encenador Diogo Infante. Do encontro em palco com Albano Jerónimo, Pedro Laginha, Lúcia Moniz. “Impressiona-me a intensidade deles. Sinto-me sempre atrasada. Como se não mergulhasse. Ou mergulhasse em seco. Vou atrasada por causa dos meus bloqueios. Porque achei que não era capaz. Enquanto pensei e não pensei e não me entreguei e não me atirei, já tiraram a água, não dei por nada, magoo-me. Eles mergulham muito mais. Mas depois eles dizem-me que eu mergulho tão intensamente... e isso devolve-me a energia de que preciso para continuar”.

Bruscamente neste Verão, Alexandra Lencastre volta ao teatro. Doze anos depois. Doze anos é muito tempo. Uma vida se passou entretanto.

Há um público que quer reconhecer na peça e em Blanche Dubois a jovem esperança que encontrou no Teatro da Graça e não só. Um público que reprova as opções de carreira que tomou. Que quer continuar a gostar

de Alexandra Lencastre e a poder dizer dela que é uma grande atriz.

Um público diferente daquele que a segue em formato folhetinesco nas revistas cor-de-rosa e na televisão.

Um público que não quer confundir com Blanche, retirada de cena.

Este não é o ocaso de Alexandra Lencastre. Não a vamos ver a descer a escada devagar, pronta para o seu último “close-up”. Não a vamos ver a depender da bondade de estranhos. O que vamos ver é uma peça que não é mais uma peça. O que vamos ver é uma hipótese de felicidade.

Na peça, fala-se de Blanche Dubois como uma borboleta nocturna. Alguma vez pensou em si como uma borboleta nocturna?

Já, e com o decorrer dos ensaios vou pensando cada vez mais. As borboletas nocturnas têm uma atracção enorme pela luz, mas quando se aproximam de mais morrem. Não são umas borboletas como as outras, com cores

sedutoras; são borboletas tristes, acinzentadas. Que é aquilo que vai acontecendo ao branco da Blanche ao longo da peça. Vai-se sujando, amarrotando. Deixa-se afundar numa espiral de desgraças, mas também é responsável por isso. Representa toda uma educação sulista daquela época. Há a noção de pecado e de culpa. Vários tipos de vícios. As pessoas fumam e bebem a uma velocidade estonteante. O sexo. O jogo. A peça acaba de uma maneira horrível: ela vai para um asilo de loucos e eles continuam a jogar pôquer.

Pôquer aberto.

Sim. Não é por acaso: a vida é um jogo, a vida continua.

O que é que tem da Blanche Dubois?

Procuro não ter muito porque me assusta. Há uma série de coincidências entre nós. Estar só. A idade. Ela passa a vida a disfarçar e a poupar-se; das luzes, por exemplo.

Diz: “Não quero ser vista” →



← **debaixo desse clarão impiedoso**”.

Uma lâmpada sem um “abat-jour”, sem um filtro, é um horror. Eu tenho isso. Não é só de agora. Com 20 anos já me sentia incomodada. Adorava ir a uma cervejaria comer uma grande mariscada e beber umas imperiais, mas aquela luz néon, cruel...

Que revela tudo...

Affliga-me. Compreendo tão bem a Blanche. Neste ponto estabeleço um laço imediato. Ainda por cima está tanto calor... Estamos em Nova Orleães, estão 38 graus, é um calor pegajoso, é uma coisa pesada, fabril. Não é propriamente como estar numa sombra refrescante, com uma brisa, a tomar um fresco de uísque. Há características da Blanche que não têm nada a ver comigo, mas as pessoas pensam que têm. Têm mais a ver com a imagem que as pessoas têm de mim.

Que características?

A questão da sedução. A ideia de que tive muitos homens.

Quando Blanche é desmascarada pelo cunhado, ele fala dos incontáveis amantes que ela teve. Descreve-a como sexualmente voraz. Teme que as pessoas, porque lhe colaram o estereótipo da “femme fatale”, apontem isso como sendo comum às duas?

Sim. A minha primeira reacção foi: “Nem pensar!”. Vão dizer: “Ela está a fazer de ela própria”. Mas não. Trata-se de uma louca, vai-se desequilibrando. O Diogo [Infante] só dizia: “Estou-me a borriçar!”. Na peça, meninas desta estirpe, de famílias com grandes propriedades, eram desde cedo, tal como as meninas do povo, sem tanta educação e sem preparação, lançadas para a vida com um objectivo: entreter o macho. Foram educadas para serem “la belle de la fête”. E sempre com um optimismo sulista. Há uma desgraça, morre alguém, “oh que maçada”, mas há sempre uma piada. Alcool à mistura, sedução.

“Sex symbol” foi o seu primeiro rótulo.

Foi, e sempre me revolttei contra isso. Tenho de recuar e lembrar que, entre mim e o meu irmão, ele é que era o bonito. O que se comentava na família era: “Que pena não terem nascido ao contrário, ela rapaz e ele rapariga. Ele é tão bonitinho e ela é toda torta”. Fui crescendo com grandes complexos. Fui uma adolescente muito impopular. Não tinha namorado, não tinha hordas de rapazolas atrás de mim. Fui-me refugiando no desporto. Fiz dez anos de natação, o que tornou o meu corpo muito pouco feminino e muito pouco gracioso. Com os ombros largos, com um peito largo. E depois um bocado a direito, sem aquela anca feminina que sempre desejei ter. Fui-me protegendo dos outros, camuflando este corpo, sendo muito arrapazada. Vestia blazers, muitas vezes do meu pai, com as mangas enroladas, largueiros. Umhas t-shirts fora dos jeans, botas de caneleiras alentejanas com protectores, para fazer barulho como os homens. Tinha graça.

Agora vou provocá-la e falar com a cruza do Stanley: tinha um peito que fazia com que isso não importasse nada.

Não, não. Fazia por esconder. Tinha um peito exageradamente grande para a minha estatura.

Vimos várias fotografias suas.

A não ser que seja um exercício de representação, existe uma exibição orgulhosa do seu peito.

Não foi sempre assim. Quando comecei a fazer teatro, fiz uma série de ingenuas dramáticas, a Maria do “Frei Luís de Sousa”. Estreei-me a fazer uma ninfa dos bosques numa peça do Pasolini, com o Mário Feliciano. No Teatro Experimental de Cascais, o Carlos Aviliez deu-me a Chantal, uma jovem prostituta em “O Balcão”, do Jean Genet. Pela primeira vez fui obrigada a deixar crescer as unhas (estão sempre a partir-se, não há remédio, nunca tive boas unhas) e a pintá-las de vermelho. Muito maquiada, um grande decote, uma saia com uma abertura de lado. A entrada dela era marcada pela unha num grande deamento a fazer [imita o barulho] ra-ta-ta, e pelos saltos. Eu achava que as minhas pernas eram iguais às que estão nos supermercados, seis coxilhas de frango, todas juntas. Não tinha sequer aquela perna longa...

Quando é que percebeu que o seu corpo era um trunfo, e que podia ser uma máscara?

Comecei por perceber que era uma máscara. O João Perry dizia, de uma forma muito engraçada, que eu pintava uma carinha em cima da minha num trabalho que fizemos juntos; e que depois aprendi a fazer isso no dia-a-dia, que nunca mais consegui deixar de o fazer. Foi quando fizemos “A Banqueira do Povo”.

A sua primeira novela.

Exactamente. Como é que o rótulo se instala? É por um acaso, azarento, e por uma sucessão de papéis. Estava a fazer uma peça terrível, “Terminal Bar”, no Teatro da Graça, do Paul Selig, que morreu entretanto com sida. Fazia novamente uma prostituta, que se chamava Martinelle. Ela tinha de vestir-se de Estátua da Liberdade. Uma coroa, um archote, umas luzes tipo feira popular, uma coisa meia ridícula, meia triste, pobre. Já só era aquilo que brilhava, o resto estava a morrer. E, no meio disto, andava de patins e com uma espécie de fato-de-banho de época. Num dos ensaios para a imprensa, ao levantar o archote, descozou-se qualquer coisa... Apareceu no “7ete” uma fotografia minha com a maminha de fora. Chorei tanto, tanto, não queria sair de casa. As pessoas achavam que era uma falsa pudica. Quem me conhece bem sabe que sou pudica.

Pudica? Traduza lá isso.

As minhas colegas de piscina nunca me víram nua, não tomava duche com elas. Tive uma educação um bocadinho conservadora.

Como é que depois aparece em poses provocantes?

São personagens. Havia um lado infantil e provocador, mais do que sedutor. Brincar às “pin-ups”, mais do que ser a “pin-up”. Quando chega a um certo ponto, fujo, nem que seja preciso desaparecer. É um exercício para gostarem de mim? Acho que sim. Todos os actores têm esta necessidade de muito premente e manifestam-na de várias maneiras. Há pessoas que até são muito arrogantes porque estão a pedir que as entendam, que se aproximem - “Eu sou uma besta,

“Fiz dez anos de natação, o que tornou o meu corpo muito pouco feminino. Fui-me protegendo dos outros, camuflando esse corpo, muito arrapazada”



quem se aproximar virá por amor, quem conseguir passar essa barreira...”.

Essa foi a sua forma de dizer, de pedir: olhem para mim, gostem de mim?

Eu tinha uma grande dificuldade em perceber em quem é que me tinha tornado. O que é que as personagens contribuíam para me acrescentar, ou para me retirar, ou para me baralhar? Andava num comboio que não parava. Fiz 38 peças de seguida. Estive oito anos sem férias, sem folgas, nada. E fazia televisão ao mesmo tempo. Entrei num filme do João Canijo, pequenos papéis. Estava no Teatro de Cascais, no Teatro Nacional, tinha aulas de condução. Tinha para aí 22 anos. Tinha muita vontade. Nem sequer tinha consciência do que me estava a acontecer. Cresci no Restelo,

eram só brasas à minha volta. De boas famílias, lindas, saídas de filmes. Eram Scarlett O’Haras, eram Marilyn, eram miúdas tiradas do “Easy Rider”, com imenso dinheiro, imenso mundo, iam imenso a Londres.

E você, era o quê?

Era filha de uma família da pequena, média burguesia. Não vivia numa casa com jardim, vivia num apartamento. Daqueles muito familiares, com um quarto para os pais, um quarto para cada filho, uma sala, uma cozinha. O meu pai não tinha carro e o meu irmão e eu éramos gozadíssimos. Só tivemos carro quando eu tinha sete e o meu irmão oito anos. Estudámos primeiro na Academia de Música de Santa Cecília. Depois acabou-se o dinheiro, porque os meus avós maternos deixaram de ajudar, começaram a nascer mais netos. Fomos para

Algés e Dafundo, liceus públicos. Fui para a Faculdade de Letras estudar Filosofia. E depois Conservatório. Voltando à questão do “sex-appeal”: fugiu-me ao controlo, fugiu-me por entre os dedos. Não percebia, achava que tinha colegas muito mais giras, muito mais bem-feitas.

Ao mesmo tempo, gostou de ser olhada, apreciada.

Houve uma altura em que fiquei vaidosíssima. “Está tudo maluco, mas é tão bom”. Recebi imensas flores de desconhecidos no teatro. Se me dissessem que isto ia acontecer quando tinha 13 anos, eu diria: “Não, antes disso já cortei os pulsos, já me suicidei”. Passei uma adolescência martirizada, com imensas crises existenciais. Achava que nem sequer ia chegar a adulta.

Já lhe ouvi essa expressão: “Vou

“ Procuro não ter muito da Blanche DuBois porque me assusta. Há coincidências. Estar só. A idade. Ela passa a vida a poupar-se; das luzes, por exemplo. Eu tenho isso ”

ali cortar os pulsos e venho já”.

Continua a dizer isso?

É uma coisa que agora podia dizer ao Diogo Infante, não fosse ele um encenador tão fantástico. Tenho uma grande admiração por ele. Cumpro as tarefas todas, tão bem cumpridinhas que nem se nota o esforço. Preocupa-se com o subtexto, com o que está por dentro, o que está por baixo, com o passado. Sempre lhe reconheci capacidade de liderança, uma assertividade enorme, que já tinha quando era um jovem de 20 e poucos anos. Enfrentava, questionava. Nós todos, actores mais velhos, mais novos, da mesma geração, começámos a olhá-lo com um imediato respeito. Ele é a pessoa que eu conheço que diz “não” com mais elegância. Diz “não” e parece que está a dizer “sim”.

Começaram na mesma altura, a fazer as mesmas coisas, televisão incluída. É interessante que agora se reencontrem neste lugar, nestes lugares.

É. Como encenador, tinha-me feito alguns convites, e as coisas nunca aconteceram. Ele sempre preferiu que eu não conciliasse o teatro e a televisão. Ou estava completamente disponível ou preferia não me dividir com outro projecto qualquer. Esperou. E veio uma oportunidade de outro. Neste processo o Diogo tem sido crítico, severo. Depois desta grande paragem, é assustador voltar. Seria sempre assustador fazer esta peça, para qualquer actriz.

No texto, diz-se de Blanche: “É uma flor colhida há alguns dias”. É isso que ela é. Diz isso dela própria: que está a murchar. Por desespero, escolhe as piores soluções, vai pelos piores caminhos. Mete-se com um miúdo de 17 anos, um aluno. Torna-se “persona non grata” na cidade, é proscrita. Vem com um baú, tudo o que ela possui está naquele baú. Pede auxílio a uma irmã. A juventude já se está a ir embora, já não chegam os filtros na luz, a maquilhagem, os vestidos. Já não chegam esses disfarces todos. Cai na sua própria armadilha. Tanto enganou, tanto forçou que acaba caída. Deixa de ser a caçadora para passar a ser a presa. Podemos dizer o mesmo quando olhamos para a sua relação com as revistas cor-de-rosa? É como se tivesse caído na armadilha de expor a sua vida e ficasse refém daquela que ali estava exposta. Sim, isso é um grande problema do qual me apetece falar pouco. Às vezes pergunto a jornalistas com quem converso: “Porque é que não me deixam um bocadinho em paz?”. “Porque você vende, Alexandra”. Vendo pelas piores razões.

Transformou-se na ficção Alexandra Lencastre?

Espero que não.

Essa vida a que temos acesso nas revistas, os casamentos, as separações, os novos namorados, as tentativas de reconciliação, as filhas, as férias, as rugas, o aumento de peso, as dietas... é um álbum que todos folheamos.

Sim, como se eu tivesse dado permissão e estivesse muito contente com isso... Quando perguntam: “O que é que faz para contrariar?”, já fiz tudo. A única coisa que nunca fiz foi processar ou pôr providências caute- →

Alexandra c'est elle!

De 1984 a 1997, houve uma actriz que se mostrou de coração e cabeça, sem que a imagem que anos mais tarde teríamos dela fosse uma preocupação. Retrato de Alexandra em cena. *Tiago Bartolomeu Costa*

Ouvimos os passos vindos de longe e aquela silhueta é-nos familiar. Sabemos o seu nome de cor, mas quem é esta actriz que chega com uma mala de mão e ao fim de três horas parece que descobrimos pela primeira vez?

Há 12 anos que Alexandra Lencastre não pisava um palco. “É muito nova para um regresso”, diz-nos Miguel Esteves Cardoso, autor de “Os Homens”, peça escrita para ela e Graça Lobo, em 1993. Pode regressar quem nunca partiu?

Focando-nos na sua passagem pelos palcos, fixado entre 1984, onde começou com Beckett na Faculdade de Letras de Lisboa, no grupo Pote de Ginjas, e 1997, onde no Teatro Aberto fez “Fernando Krapp escreveu-me esta carta”, de Tankred Dorst, descobrimos uma actriz à qual ninguém poupa elogios. José Wallenstein lembra-se de ver entrar no Auditório do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian uma rapariga de 17 anos e grandes olhos. Por sugestão de Olga Prats, essa rapariga, sua sobrinha, estava indecisa com o futuro. “Linda. Uma menina. Ela ficou ali a assistir aos ensaios. Era a Alexandra, eu estava a vê-la”, recorda o actor. “Ajudei-a a decidir ir para o Conservatório”.

Jorge Listopad era professor no Conservatório quando a conheceu: “Logo no início pareceu-me definitiva. No modo como olhava, como estava, como falava. Tinha uma sensibilidade absoluta. Ela transformava-se como um camaleão”, recorda o encenador que acabaria por revelá-la em “Frei Luís de Sousa” (1986), no ACARTE. “Foi o Eurico Lisboa que me disse que eu tinha encontrado a Maria, e nunca mais a esqueci”.

Seria a terceira peça que Lencastre faria no extinto serviço da Fundação Gulbenkian. Um ano antes já tinha vomitado em “Pilades”, de Pasolini, a peça de estreia profissional. “Nunca vai melhorar”, disse-lhe Manuela de Freitas antes de entrarem em cena. Depois foi “O Indesejado”, de Jorge de Sena. E a seguir uma Maria que marcaria o ano teatral. “Eu obriguei-a a ir mais longe que o longe. Ao vê-la a ela vi toda a peça”, recorda Listopad. “A Alexandra foi, e é, a minha Maria”.

“Quando aparece um caso assim, percebe-se. Perguntamos não de onde é que apareceu mas como é que apareceu”, diz-nos Carlos Avillez, do Teatro Experimental de Cascais onde a actriz iria passar os anos seguintes.

Com “O Balcão”, de Genet, Alexandra recebeu os Prémios de Revelação Feminina das revistas Nova Gente e Sete. Conta Avillez que “foi um êxito estrondoso. Era uma



“Terminal Bar” (Teatro da Graça, 1990), encenação Carlos Fernando (com Elisa Lisboa e Manuel Mendes)



Ensaio de “Frei Luís de Sousa” (ACARTE, 1986), encenação Jorge Listopad (com Carlos Wallenstein)

personagem completamente diferente e logo aí se via a versatilidade da Alexandra. Ela entregava-se”.

Coração e cabeça

É essa força, que Miguel Esteves Cardoso apelida de “Stanislavskiana”, relacionando-a com o método de interpretação teatral, que mais vezes é referida como uma qualidade. “Não é uma entrega”, diz Wallenstein. “É uma verdade de coração e de cabeça”.

“Uma pessoa tem que dar dois passos atrás quando a vê entrar em palco”, diz Esteves Cardoso.

Listopad, em 1990, levou-a para o Teatro da Graça para substituir Maria José Paschoal em “Benilde ou a Virgem Mãe”, de José Régio. Recorda Gastão Cruz, poeta, que na altura pertencia à direcção do Grupo de Teatro Hoje, a companhia residente. “Foi muito controverso. O Listopad fez uma encenação que scandalizou muitas pessoas, porque inseria no contexto do espectáculo ‘O Judas’, do António Patrício. A interpretação dela impressionou-me muito”, conta, trazendo à memória a imagem da actriz que tinha visto em Cascais: “Tinha dotes extraordinários e uma

capacidade interpretativa excepcional, com cambiantes belíssimos de voz e uma capacidade de se movimentar impressionante”.

Essa “corporalidade”, para usar uma expressão da crítica Anabela Mendes a propósito da sua presença numa outra peça, “Terminal Bar” (1990), já tinha sido notada em “Quem pode, pode”, texto de David Mamet encenado por João Canijo, ainda no ACARTE. Essa imagem de rapariga sensual, que usava o corpo para seduzir, iria colar-se à pele. “Foi muito esquisito”, disse Alexandra numa entrevista na altura da estreia. “As pessoas começaram a achar que tinha aparecido uma actriz tipo sex-symbol”.

Diz Gastão Cruz que “a imagem que lhe colam é redutora. Ela era, e é, uma mulher bonita, mas o talento excede em muito essa ideia. A aparição dela no primeiro acto de ‘A Gaivota’ [que o poeta encenou em 1992 e onde Alexandra fez de Nina] era impressionante. Era um fulgor que entrava em cena. A maneira de lançar as primeiras frases, de se mover, tudo



“O Balcão” (Teatro Experimental de Cascais, 1987), encenação Carlos Avillez (com Diogo Infante)

“Quando aparece um caso assim, percebe-se.

Perguntamos não de onde é que apareceu mas como é que apareceu”

Carlos Avillez, Teatro Experimental de Cascais

isso ela conseguia de forma extraordinária logo que entrava em cena”.

Para Wallenstein, que a dirigiu em “Estrelas da Manhã” (1992), “essa confusão é uma característica dos actores de grande personalidade”. Esteves Cardoso acrescenta: “Como todas as estrelas, ela não tem o particular e o público. O que parece ser uma representação, é tão sério como a vida dela, e o contrário também é verdade. Ela não se esconde, mostra-se”.

João Perry, que com ela contracenou no Teatro Aberto, não acredita na imagem superficial. “Há uma exposição intensa, que não corresponde a uma visão da pele do lado de fora, mas ao que a pele contém. Uma ansiedade de ter coisas, de avançar, de estar sempre em movimento. É uma pessoa rápida, lenta e frágil. E deve ser essa fragilidade que lhe dá a intensidade. Pode ser-se forte numa coisa e em vez de se ir para trás, foge-se para a frente”.

Alexandra Lencastre, 44 anos, entra em cena. A sua sombra, ampliada por um projector, enche a tela que nos separa do palco. Confundida, pergunta se aquela pode mesmo ser a morada que procura. A personagem parece estranho que seja ali que vai acabar. Mas a actriz parece ter chegado, finalmente, a casa.



“Um Eléctrico Chamado Desejo” não é só mais uma peça: “Tennessee Williams fazia parte do meu imaginário de adolescente que já queria ser atriz”

← lares. Não tenho dinheiro para isso.

As pessoas imaginam que é rica, que é a atriz de telenovela mais bem paga. Que é loura, que toda a vida à sua volta é glamourosa. Como é que depois diz que não tem dinheiro?

Essa é outra fabricação. Não corresponde à verdade. Fabricam uma Alexandra Lencastre que não é a verdadeira, que não ganha o que anunciam que ganho, que não tem aquele tipo de vida. Quando não estou nas festas ficam danados. Muitas vezes, não vou aos lançamentos, às inaugurações, não estou em lado nenhum. Mas aparecem fotografias minhas, com texto. Para dizer que não estive lá porque estou muito em baixo, que não aguento enfrentar a realidade porque terminei uma relação. A quantidade de namorados que me inventam..., de alguns não sei sequer o nome. Já vi “paparazzi” à porta da minha casa, fiquei revoltadíssima, disfarçam carros, estacionam ali dias inteiros.

Porque é que acha que vende tanto?

[pausa] Não sei, já se tornou quase um hábito. Acho que as pessoas até estão cansadas. Não posso andar com um cartaz a dizer que é tudo mentira. O que é que faço? Já não vou, já não falo, já não atendo o telefone, porque isso já é dizer qualquer coisa, e mesmo assim publicam. Bato-lhes?

Quando se é uma atriz de telenovela, e nos últimos anos é isso que tem sido, faz parte do pacote aparecer nessas revistas.

De certa forma sim. As produtoras têm esses compromissos e essas revistas vão, semanalmente, publicitando o que se passa nos bastidores.

Porque é que só faz novela?

“Parei de fazer para estar a dar um p

Frequentemente diz-se da Alexandra Lencastre: “É uma bela atriz, mas perdeu-se”.

Primeiro, não é uma opção, tem sido uma obrigação. A partir do momento em que começo a trabalhar na TVI, a oportunidade de trabalho tem sido esta. Para além do “Equador”, não tem havido muitos telefilmes, muitas mini-séries. A novela ocupa um tempo total na minha vida. Todos os fins-de-semana tenho 150 páginas de texto para decorar para a semana seguinte. E mais a família, e mais a saúde, e mais não sei o quê. Num ano recusei cinco filmes. Fartei-me de espernear.

Recusou porque tem um contrato com a TVI que não lho permite?

Não é que não possa fazer, mas a prioridade é aquela. Se tenho uma personagem pequena, com pouca incidência, que grava duas ou três vezes por semana, posso conciliar; mas não tenho tido essa sorte.

Porque é que escolhe isso para a sua vida? Porque é que escolhe assinar contratos?

Não escolhi. É também uma seguran-

ça econômica, como é evidente. É como estar numa companhia de teatro.

Ganha um ordenado fixo por mês independentemente das novelas que faz. É funcionária.

Sim, é uma exclusividade que me obriga a estar disponível. Com o José Eduardo Moniz foi discutida esta peça, se não teria sido muito difícil fazê-la. Também já recusei várias porque o teatro é tão absorvente que é impossível. Ainda mais com as miúdas, e morando mais longe. Ao fim de duas semanas morria, ia-me abaixo, ia ao tapete. Ai sim, é que a Alexandra Lencastre se perdia. Não me perdi nada a fazer novelas. As pessoas quando dizem isso são cruéis. Tenho aprendido imenso. A novela é uma musculação do actor fortíssima. Tem coisas más, pode criar vícios, muletas, zonas de conforto em que nos encostamos à box, mais do mesmo, cria frustrações, isso é tudo verdade. Mas se se é actor, se se tem alguma coisa para dar, não se perde; aprende-se e dá-se qualquer coisa ao grande público.

Gosta de fazer novelas?

É com orgulho que faço novela, não é com vergonha. Às vezes é com muito cansaço e com pena de não crescer mais como actriz, trabalhando em cinema e em teatro, com pena de ter perdido a oportunidade de trabalhar com pessoas fascinantes e com quem adoraria experimentar esta troca. Há pessoas que me dizem que é pena não voltar ao teatro, perguntam porque é que não quero, se tenho medo.

Boa pergunta: tinha medo de voltar ao teatro?

Tinha. Parei de fazer teatro quando tive a minha segunda filha, há 12 anos. Tinha uma peça agendada com o João Lourenço, o "Quase", no Teatro Aber-

não é mais uma peça. Embora as peças nunca sejam só mais uma peça. Tennessee Williams fazia parte do meu imaginário de adolescente que já queria ser actriz. Vim a descobrir que participou em imensos guiões de filmes. Até no "Sentimento", de Visconti. As suas personagens femininas permitem trabalhar em quase todos os registos. Blanche é um desafio enorme, um perigo enorme, um presente enorme.

Um presente que lhe permite dizer novamente a um certo público "estou aqui, valho isto"? "Estou aqui, a dar o meu melhor". O medo do regresso ao teatro: verdadeiramente era o medo de quê?

De já não saber usar a voz, o corpo. De me ter esquecido das coisas do Conservatório. De ter criado os tais automatismos, as recusas, as defesas. De já não saber oferecer-me de corpo e alma e sangue.

Na peça, o cheiro é a suor, sangue e perfume de jasmim.

Isso sim, tenho em comum com a Blanche: estar sempre a borriar-me de perfume. À Blanche, toda a animalidade do Stanley, que a percorre com um arrepiço, repugna-a simultaneamente. A irmã diz, referindo-se a Stanley: "Ele não é do tipo de apreciar perfume de jasmim, mas talvez seja o tipo ideal para misturar com o nosso sangue".

É uma frase que fala de sentidos, de carne. E tudo aquilo é crepuscular ao mesmo tempo. Stella, a irmã de Blanche, diz que os homens, a sua força animal, a deixam eletrizada.

As metáforas estão lá, e as alusões, e os duplos sentidos. Blanche não é por acaso, Stella também não. Acho que são memórias do Tennessee Williams,

Encontro coincidências em tudo, descubro sinais. Como se nada fosse por acaso. Dou por mim a dizer frases dela em circunstâncias banais. Um exemplo: "A crueldade intencional não se pode perdoar".

Voltemos à frase do João Perry, à cara pintada sobre a sua. Sabe sempre o que é a máscara e o que é o "eu"?

Sei. Acho que acontece à maior parte dos actores: somos simultaneamente exibicionistas e hiper-críticos conosco. Gostamos pouco de nós próprios. Se calhar por isso temos necessidade de nos transformarmos neste e naquele. De sair de uma coisa que não tem solução. A cara com que acordo é aquela cara, não é outra, mas gosto de a disfarçar.

Os actores não gostam de si próprios?, é um problema de auto-estima?

Sim. Somos sempre nós, mais as circunstâncias que nos rodeiam. Eu vivi entre pólos opostos. O lado da família da minha mãe e o lado da família do meu pai proporcionaram-me um choque - como existe nesta peça -, não só cultural. De um lado tinha uma família onde prevalecia o colo, as 30 e tal pessoas à mesa a almoçar, o apoio permanente, o conforto, a segurança, o optimismo. Do outro lado, o pessimismo, os pés na terra, o trabalho como valor primeiro, o ter cuidado a descascar a fruta para não desperdiçar. De repente, apetece-me mais identificar-me com o lado confortável. Mas depois começamos a crescer e a perceber que a vida é outra coisa, começamos a aproveitar do outro lado também. Há uma confusão: quem é que quero ser? Quero sair a quem? O que é mais importante? Foi uma coisa que nunca consegui resolver. Tentei, como faz parte da minha na-

po livre. Conheci um fotógrafo americano que era uma brasa, daquelas brasas Marlboro Man que impressionam qualquer jovem com 19 para 20 anos. Ele devia ter 27. E queria levar-me. Só falámos duas vezes e percebi logo que nunca dependeria da bondade de estranhos...

O que é que lhe desperta desejo? A peça chama-se "Um Eléctrico Chamado Desejo", mas antes de chegar a Desejo passa por um sítio chamado Cemitério.

Um eléctrico chamado desejo? Comecei a pensar: "Que disparate, então nós não temos [em Lisboa] um que vai para os Prazeres?" E outro da Glória. O que ainda me desperta desejo? Nadar. Dormir com as duas miúdas e acordarmos bem dispostas. Ter tempo. Ler. Ter tempo para reler "A Espuma dos Dias", do Boris Vian, que me marcou muito quando era novinha. Às vezes prefiro reler do que abraçar um desconhecido. O desejo de estar em paz, sem angústia. Existe uma relação entre a Blanche e as outras mulheres que fez no teatro. São quase sempre sedutoras ou marginais ou à beira do abismo.

À beira do abismo, muito. É escolhida para estes papéis? Escolhe estes papéis?

Não, eu nunca escolhi nenhum papel. Escolhem-me porque? Posso encaixar nestas mulheres. Outras actrizes encaixam também. Não sou uma actriz cômica por excelência. Nesta peça, o Diogo encontrou mais rapidamente o que pretendia de mim nas cenas mais dramáticas, mais desequilibradas e desequilibrantes do que nas (supostamente) mais triviais. Aqui, nunca nada é trivial. Há sempre uma perturbação latente. Há sempre qualquer coisa, mais qualquer coisa. Qual-

Manuela de Freitas e Mariana Rey Monteiro interpretaram Blanche no passado. Procurou informações sobre essas representações, quis ver fotografias?

O Diogo pediu-nos muito, a todos, para não vermos o filme. Tinha visto o filme há muitos, muitos anos, e eventualmente revê-lo na televisão. Tenho o filme em casa, em DVD. Estive três ou quatro vezes com o CD na mão..., foi difícil ver com o CD na mão. Mas não o vi. Nem vi a Manuela de Freitas [em 1990]. Não sei se já era nascida quando a Mariana a representou [1963]. Os meus pais viram-na. A minha mãe falou-me de uma imagem que nunca esqueceu: a da Mariana, que fazia sempre as meninas pudicas, recatadas, intocadas, a descer uma escada de combinação. Era uma imagem sensual. Não quis saber mais. Quis descolar.

Gena Rowlands, que é uma actriz que admira, interpreta uma mulher preocupada com o envelhecimento em "Rostos" [de John Cassavetes]. O filme ocorreu-lhe durante o processo de construção da Blanche? Mais do que envelhecimento, na peça trata-se de decadência. Muitas vezes coexistem.

Ocorreu. Mas, mais uma vez, procurei não ver. A tentação seria... não é imitar, não é calcar, como num desenho; é ir por ali. Tentar fazer a pausa no mesmo sítio. Gostava de me parecer com ela, mas não me pareço. Sou um tipo de actriz diferente. Testei e tinha uma intensidade eléctrica e ela uma intensidade estática. Tão esmagadora. Ocorreu-me a Gena Rowlands, também, por causa da zona de desequilíbrio que leva à loucura, no "Uma Mulher sob Influência". Há

zer teatro quando tive a minha segunda filha. Percebi que podia pontapé na sorte, a insultar quem acreditava em mim

to, e não consegui fazê-la. Estava a fazer uma depressão pós-parto e não estava a perceber. Tinha medo que elas morressem a qualquer instante. Compiquei mesmo a minha vida. É como se me tivesse quebrado, me tivesse colado e a cola ainda não estivesse seca. Ia-me partir e depois já não se encontrava um bocado ou outro. Então o melhor era ficar ali até aquilo solidificar. Foi a primeira vez que percebi que podia estar a dar um grande pontapé na sorte. Que podia estar quase a insultar as pessoas que acreditavam em mim. Nunca pensei estar tanto tempo sem fazer teatro. Mas, depois, uma novela são 11 meses, mais um mês de ensaio, e cortes de cabelo e provas de guarda-roupa. Tenho 45 anos, não tenho 25 nem 35. Tenho muito calor, transpiro, doem-me as pernas, doem-me as costas. Esta peça é uma prova de fogo? Tenho medo de não passar. [comove-se] Às vezes penso que as pessoas não vão perdoar certas coisas. Isto é tudo um grande sofrimento, mas, se não fosse assim, não valia a pena. Para mim, isto não é uma situação normal,

da sua infância, um ajuste de contas com o seu passado. Através desta personagem, faz a crítica ao sistema. Esta mulher, que chegou ao ponto de se prostituir, de se entregar a estranhos... Ela foi ganhando uma repugnância a tudo o que é brutal, animal, espontâneo. Por isso é que passa a vida a tomar banhos quentes, com uma necessidade de se purificar. É interessante como é que uma pessoa que já se sujou tanto tem esta arrogância enorme, sulista, este lado quase aristocrático, palhaço, de criticar tudo à volta.

"Não sei durante quanto tempo conseguirei manter a ilusão", diz Blanche. No seu caso, nunca perde de vista o que é posição e o que faz parte do seu núcleo inviolável?

Não. Isso é muito importante para qualquer actor, para não perder a sua identidade. É lógico que somos contaminados. Não fazemos as coisas por fora. Até chegar a casa demoro um bocadinho a expulsar a Blanche de dentro de mim. Blanche tomou mais conta de mim do que eu esperava.

tureza, harmonizar.

Mesmo que grite.

Mesmo que grite. Depois peço desculpa. Há coisas que não se explicam. Se fizer análise - nunca fiz -, se for ao fundo dos fundos... Até tenho medo. Não de ir ao fundo. Não quero é arrumar. Só quero ter arrumado aquilo que é suficiente para sobreviver com alguma tranquilidade.

Não quer arrumar porque usa essa matéria para trabalhar?

Exactamente. Essa falta de auto-estima tem-me dado tanto jeito, não a quero resolver. Isso manifesta-se quando tem de se manifestar, de preferência no trabalho.

Vamos à frase famosa: "I have always depended upon the kindness of strangers". Nesta versão, traduz-se "kindness" por bondade. Alguma vez disse essa frase?

Não. Não gosto de desconhecidos [riso]. Não confio. E primeiro que um desconhecido passe a ser conhecido, ui. Numa peça que fiz, "O Indesejado", do Jorge de Sena, fazia um pequeníssimo papel, tinha imenso tem-

quer coisa terrivelmente humana.

Alexandra, humana, terrivelmente humana...

[Gargalhada, seguida de riso melancólico] Com tudo o que isso implica. Cheirar a um perfume bom e cheirar demasiado a um perfume barato.

Evoca outra frase famosa que se pode aplicar a essas personagens que interpreta: "Nada do que é humano me é estranho".

Sinto isso, que nada do que é humano lhes é estranho. Sempre ouvi a Eunice Muñoz dizer que temos de defender a personagem até ao fim. "É uma assassina? Temos de legitimar os actos dela." As pessoas têm de compreender a motivação da personagem. Porque é que ela levantou o copo nesta altura e não na outra. Porque é que não esperou. Porque é que ela se podia ter salvo e não se salvou.

Porque é que não se salvou?

A Blanche já não teve forças.

E você, está a salvar-se?

Espero muito bem que sim. Espero que Deus me ajude porque é exactamente disto que preciso para começar, para recomeçar.

uma cena mágica, depois de ela vir da casa de saúde, quando se pensa que está bem, mas ainda não está; senta-se no alpendre e o espectador sente que alguma coisa se passa nas suas costas; sente, mas não vê, o cabelo tapa. Ela diz assim: "Porque é que as vossas mãos pequeninas são aquelas que me sabem melhor?" (Isto dito assim parece um poema folclore! Ah, não devia dizer folclore. Um poema de fraca qualidade. Como seria se fosse escrito por mim).

Mãos pequeninas?

Vi o filme antes de ter filhas e depois de ter filhas. Mas eu já sabia que aquelas mãos eram as que sabiam melhor. O toque das minhas filhas... Não quero que elas se assustem, que pensem que eu e Blanche somos a mesma pessoa. Em casa dizem que a mãe anda muito enervada, sem paciência. Gostava que elas percebessem que levo para casa bocadinhos da Blanche, mas que não sou a Blanche. Thank God. Ela sofre muito mais do que eu, coitadinha.

* Com Tiago Bartolomeu Costa

Uma peça chamada

A história parece ser conhecida de todos, mesmo os que nunca a leram, sobretudo porque no imaginário está implantada. Mas a intenção de Diogo Infante é a libertação do texto da carga simbólica do seu legado. *Tiago*

TNDMII, 2010,
encenação
Diogo Infante,
com
Alexandra
Lencastre,
Albano
Jerónimo,
Lúcia Moniz,
Pedro Laginha



"É pena, sem dúvida, que uma parte tão grande do trabalho criativo esteja tão intensamente relacionada com a personalidade daquele que o produz". A frase, escrita por Tennessee Williams e incluída no volume que a Relógio d'Água publicou em 2009, e onde se encontra a versão de "Um Eléctrico chamado desejo", assinada por Helena Briga Nogueira, que o Teatro Nacional D. Maria II apresenta, dá bem conta do espírito que desde sempre envolveu as peças do norte-americano. "Eu quero continuar a falar convosco sobre aquilo por que vivemos e morremos. E quero fazê-lo sem reservas, intimamente, como se vos conhecesse melhor do que qualquer pessoa", escreveu.

Publicada em 1947 a peça surge na sequência de um exercício de um acto intitulado "Interior: Panic", apresentado anos antes, onde o autor já experimentava traçar o percurso de uma mulher fora do tempo, que representava a decadência de uma utopia face ao modernismo impresso pela reorganização social e económica da América da primeira metade do século XX.

A história parece ser conhecida de todos, mesmo os que nunca a leram, sobretudo porque no imaginário colectivo está implantada a memória do filme de Elia Kazan, de 1951. Uma mulher, Blanche DuBois, chega a Nova Orleães de visita à irmã, Stella, depois de ter perdido a herdade de Belle Reve, onde as duas passaram a infância. É uma beleza do sul que o sol consumiu. Uma traça e já não uma borboleta, que foge da luz.

Do confronto com o cunhado, um "bruto, um macaco", revelar-se-á um passado complexo, que a conduziu a um estado alucinatório. "Não quero realismo,

"É uma tragédia com o objectivo clássico de produzir uma catarse de piedade e terror e, para que esse objectivo possa ser cumprido, a Blanche deve ser entendida e compreendida."

Tennessee Williams

quero magia", gritará. Expulsa da cidade, perseguida pelo passado, humilhada pelo cunhado, internada pela irmã "para sua própria protecção", Blanche segue, de braço dado a um médico, o estranho que ela confunde com um amante rico e de quem dependerá, como sempre dependeu da bondade de estranhos.

Espetar a bandeira da beleza

A violência da peça não é física, é psicológica. Está presente na sua linguagem, no desenho expressivo das personagens, organizadas como se estivessem num julgamento.

Diogo Infante, que assina esta encenação, assinala a evidência de "uma assembleia grega, onde há um esgrimir de argumentações que visam defender pontos de vista distintos". Mas o que o inquieta "é a incapacidade que as personagens têm de se colocar no lugar do outro. É isso que me interessa retratar, porque acho que isso é intemporal. Há um



Comuna, 1990, encenação João Mota, com Manuela de Freitas, Almeno Gonçalves, Manuela Couto e Alfredo Brissos

momento em que deixamos de controlar o destino e são os outros que nos conduzem e, através das suas acções, produzem mudanças na nossa vida."

Quando a peça foi publicada, conta o dramaturgo Arthur Miller num ensaio publicado em 2004, "ecoava o destino dos marginais na sociedade americana e levantava a questão da justiça. E fazia-o a partir do seu interior".

"Williams não era poeticamente neutro, como se imaginava, e parte da imensa vaga de apreço de 'Eléctrico' deve-se ao tributo que fazia quer à realidade social, quer à sua personalidade poética", continua. "O que a peça fez foi espetar a bandeira da beleza nas margens do teatro comercial. A peça, mais do que qualquer outra peça dele antes ou depois, aproxima-se da tragédia e do seu negrume. Contudo, o real e o lírico são suavemente misturados e emergem numa voz unificada".

A peça, "um grito de dor", como lhe chamou Miller, é sobre cegos que conduzem cegos, como



Blanche dirá a Stella, e sobre corpos moribundos, perdidos no calor doentio do sul dos Estados Unidos. Está lá tudo escrito: a força bruta de Stanley, os esquemas mentais (as suas protecções) de Blanche, a neutralidade de Stella, o desejo frustrado de Mitch... está lá tudo, "nessa linguagem que escorria da alma" (palavras de Arthur Miller). Williams explicará, numa entrevista que fez a si mesmo em 1957, que "nunca escreveu sobre nenhuma violência que não pudesse observar em si mesmo".

Tornou-se, por isso, um lugar comum dizer que as personagens, e em particular as femininas, continham traços biográficos de Williams. "Um Eléctrico...", faz de Blanche, ou no caso de Tennessee,

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, 1963, encenação Henriette Morineau, com Mariana Rey Monteiro, Varela Silva, Lurdes Norberto e José de Castro

desejo

a a memória do filme de Elia Kazan.
) Bartolomeu Costa

um poço de contradições. Numa carta a Elia Kazan, que em 1948 dirigiu a peça na Broadway e em 1951 realizou o filme com Marlon Brando, Vivien Leigh, Kim Hunter e Karl Malden, Williams diz que "não há boas nem más pessoas. Algumas são melhores ou piores, mas todas são activadas por mal-entendidos ou malícia. Há uma cegueira que lhes invade os corações".

Diogo Infante diz que lhe "interessa encontrar um espaço orgânico onde as personagens se possam relevar na sua tridimensionalidade. Elas têm segredos, receios e isso interessa-me explorar. É algo que vai evoluindo narrativamente, elas olham-se de maneira diferente e olham para as outras diferentemente. Nisso, o nosso olhar sobre elas também se altera. O que me interessa nessa exposição é evitar sermos maniqueístas. Seria fácil fazer do Stanley um vilão. A forma como as personagens se expressam, e o modo como podemos condicionar essa ideia, através da acção, é algo ao qual fui particularmente atento. Eu consigo imaginar que há coisas com as quais não me revejo na Blanche e outras no Stanley. O que me interessa, no limite, é o que posso retirar daqui", diz Infante.

A peça, ao invés de apresentar uma moralidade, permite que o julgamento pode ser feito por quem assiste. Williams, nessa mesma carta a Kazan, pergunta o que deve o público sentir por Blanche: "Piedade, certamente. É uma tragédia com o objectivo clássico de produzir uma catarse de piedade e terror e, para que esse objectivo possa ser cumprido, a Blanche deve ser entendida e compreendida. Isto sem que se crie um desdém pela vilania de Stanley".

O modo como a peça foi sendo vista ao longo das décadas dá ideia da multiplicidade de interpretações para essa lógica de aparente neutralidade. André Previn fez, em 1998, uma ópera a partir do texto, prolongando a ideia de Williams de que "Um Eléctrico..." se constituía não a partir de monólogos ou soliloquios, "mas de árias, com longos e reflexivos voos de discurso poético". Previn diz mesmo que "vários actores que se distinguiram em peças de Williams falam da musicalidade das palavras e, muitas vezes, entoam em vez de recitarem as palavras".

Prolongando essa lógica, já este ano, o polaco Krzysztof Warlikowski apresentou, em Paris, "Un Tramway", livremente inspirado no texto de Williams e interpretado por Isabelle Huppert, onde era a música e a forte carga imagética do rosto da actriz que conduziam a acção.

Antes desta encenação no D. Maria, "Um Eléctrico..." teve outras duas apresentações em Portugal. A primeira, em 1963,

no São Luiz, numa encenação de Henriette Morineau, com Mariana Rey Monteiro como protagonista, Varela Silva como Stanley, Lurdes

Norberto como Stella e José de Castro como Mitch. Lurdes Norberto não sabe explicar como é que uma peça com uma linguagem tão física conseguiu passar na censura. Sabe, contudo, que a versão utilizada, e traduzida por António Quadros, seguia o argumento do filme de Kazan. Nela, a explicação das razões do suicídio do primeiro marido de Blanche são elípticas. A homossexualidade não era bem vista na altura. E mesmo a violação de Blanche por Stanley é apenas sugerida. "Na altura não trabalhávamos as personagens com a densidade psicológica com que hoje se faz, mas havia um jogo entre nós que não fugia às temáticas da peça".

Acolhida com sucesso, a escolha do São Luiz prendia-se com um desejo de Mariana Rey Monteiro de "se libertar da mãe". "Ela sempre tinha feito papéis de grande dramatismo, mas ali foi uma surpresa para muitas pessoas". Para a actriz, que pertenceu ao elenco fixo da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, o texto inscrevia-se numa "linha progressista que Amélia Rey Colaço desde sempre quisera imprimir, mas nem sempre a censura permitiu".

Foi preciso esperar por 1990 para que a peça voltasse a ser apresentada. Com encenação de João Mota, estreou com Manuela de Freitas como protagonista. Eugénia Vasques, no livro comemorativo dos 25 anos da companhia, escreveu que a entrada em cena desta peça, a par de outros autores anglo-saxónicos, permitiu "testar um estilo de encenação e interpretação que, de maneira mais clara, experimental, produziu um compromisso (ou o confronto?) entre um teatro ritual, pulsional e colectivista, e as exigências postas pela dinâmica individualizada (e até psicologista) emergente dos textos escolhidos.

Diogo Infante defende a ideia de que muitas pessoas pensam que conhecem a peça pelas imagens impressionistas do filme. Arthur Miller diria que se já estava tudo escrito, "foi quando Stanley conheceu o corpo de Marlon Brando que finalmente surgiu". A intenção do director do Teatro Nacional está num regresso ao primado do texto e à exposição das personalidades dos actores, num gesto de libertação do texto em relação à carga simbólica do seu legado. "Interessa-me criar um painel de uma sociedade que não tem necessariamente a ver com a nossa e um pretexto para mostrar actores em evolução".

Como, no fundo, pretendia Tennessee Williams.



Everything is New UM MUNDO DE ESPECTÁCULOS A PENSAR EM SI!

LEONARD COHEN

WORLD TOUR 2010

10 SET | PAV. ATLÂNTICO



LIMP BAZKIT

14 SETEMBRO
PAV. ATLÂNTICO

FOX ANTENA 3

EELS

PERFORMING LIVE 2010

19 SETEMBRO
COLISEU LISBOA



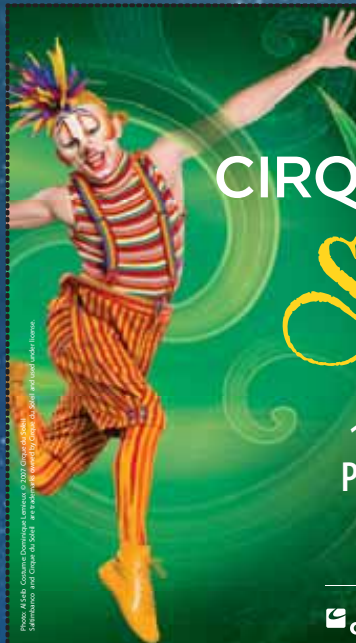
Goldfrapp

22 SETEMBRO
COLISEU LISBOA



6 OUTUBRO
PAV. ATLÂNTICO

ANTENA 3



CIRQUE DU SOLEIL®

SALTIMBANCO™

DIRECTED BY FRANCO DRAGONE

13 A 24 DE OUTUBRO
PAVILHÃO ATLÂNTICO

UM ESPECTÁCULO INTIMISTA

cirquedusoleil.com



OFFICIAL SPONSORS



MEDIA PARTNERS



BILHETES: FNAC, WORTEN, CTT, EL CORTE INGLÉS, MEDIA MARKT, AGÊNCIA ABEP,
 SALAS DE ESPECTÁCULOS, TICKETLINE 707 234 234 | WWW.TICKETLINE.PT | M/6

Isobel Campbell vai estar em Dezembro no All Tomorrow's Parties. Este ano, a etapa britânica do festival tem como curadores os Belle & Sebastian, e os Belle & Sebastian convidaram a sua antiga vocalista, teclista e violoncelista a apresentar ali "Hawk", o terceiro álbum que gravou com o americano Mark Lanegan. Isobel Campbell, que cantou "Is it wicked not to care", foi a terna, frágil e belíssima "pin-up" da geração indie de 90, antes de os Belle & Sebastian terem envelhecido, antes de ela se ter separado do vocalista Stuart Murdoch e de ter abandonado a banda que co-fundara em Glasgow.

Quase uma década depois da separação, o Ípsilon entrevista Isobel Campbell e, quando a conversa caminha para o final, os Belle & Sebastian atravessam-se no caminho. "Convidaram-nos para tocar num festival", lança num aparte, sem dar grande importância à coisa. "Foi simpático", é tudo o que tem a acrescentar, sem vestígios de qualquer tipo de entusiasmo. Na verdade, até pode ser que aquilo - o concerto no All Tomorrow's Parties - venha a ser um grande aborrecimento. "[Como os Belle & Sebastian são os curadores], aquilo vai ser a Escócia em Inglaterra, o que será bizarro. Não gosto nada daquela atitude, 'bandas escocesas, juntemo-nos'". Justifica: "A maior parte dos músicos da minha banda são dos EUA ou da Dinamarca. Gosto de abraçar diferentes culturas e nacionalidades. Por isso, veremos como corre o concerto. Espero que não seja aborrecido ter lá tanto escocês." Resposta compreensível e pacífica, desde que não estejam por perto Sean Connery ou um Mel Gibson utilizado a imaginar-se no plateau de "Braveheart".

Mas ouçamos "Hawk", o terceiro álbum que a reúne ao ex-Screaming Trees Mark Lanegan, dono de uma expressiva voz de barítono que se tornou bem mais interessante e expressiva no negrume da carreira a solo do que nas datadas "grungices" dos Treses. Isobel Campbell, que colaborou pela primeira vez com Lanegan em 2004, no EP "Time Is Not The Same", adora a forma como a "voz americana" dele se liberta "sem esforço". Isobel Campbell, de resto, adora tudo o que é americano, ou melhor, tudo o que é América clássica, a do blues e da country, a do glamour das décadas de 50 e 60, a de Nancy Sinatra cantando "These boots are made for walking" e a de Lee Hazlewood cantando o surrealismo pop de "Some velvet morning".

Nos Belle & Sebastian, ela foi a Jean Seberg da música indie - mas isso foi há muito, muito tempo. "Hawk", o álbum que agora edita, um mosaico de Américas que ofereceu à voz americana de Lanegan, será o ponto alto da sua segunda vida. Nele, Isobel Campbell já não é a frágil Jean Seberg. A escocesa de voz etérea e olhar enigmático é Lee Hazlewood. Quanto ao americano de voz grave e traços du-

ros, o Mark Lanegan de poucas palavras e semblante imperturbável, pois bem, esse é a Nancy Sinatra dela.

"Americana" nas veias

Isobel Campbell tem a voz que imaginávamos, mas não o tom. Uma voz doce e sussurrada, entrecortada por curtos risos guinchados. Mas não há no seu discurso nada de esfingico, nenhuma vontade de se esconder em pausas e de fazer do mistério uma pose. Sonhadora? Certamente. Quando abordamos Townes Van Zandt, nome maior da folk americana, herói maldito cuja grandeza o mundo reconhecerá um dia, descreve-nos como descobriu quão especiais são as canções dele: "Deitada durante semanas sem fim no Midwest americano, onde

o céu é tão impressionante como Van Zandt o descreve" - "Ao ouvi-lo, sentimos que há existe algo maior e mais importante do que nós próprios". Mas isso é Isobel Campbell enquanto ouvinte. Quando fala enquanto música, enquanto criadora das canções de "Hawk" (que tal como os álbuns anteriores com Lanegan, compôs, produziu e orquestrou), é directa e assertiva.

Já tinha uma carreira a solo, enquanto Gentle Waves, antes de abandonar os Belle & Sebastian. Depois, pôs o seu nome, Isobel, na capa de um disco, e lançou "Amorino". Era ainda ela a cumprir as expectativas - as do público - quanto à imagem que projectava. Bastava, de resto, olhar a capa do disco: a sua face em gravura,

"Identifico-me mais com Lee Hazlewood do que com Nancy Sinatra. Ela só cantava, eu sou um pouco mais complexa. Estou sempre no estúdio a trabalhar com os rapazes"

com fundo em tom suave e borboletas esvoaçando. Com Mark Lanegan, o percurso alterou-se. Prego a fundo pela Route 66 e lá os vimos, há alguns anos, no palco de um festival português: ele, o cowboy de ganga e botas a condizer, ela com vestido branco e botas castanhas de pioneira do Velho Oeste (ou de rainha folk da década de 60).

"Pode parecer estranho, visto ser uma rapariga da Escócia, mas sou apaixonada por soul, country e blues. É essa música que me corre nas veias, é essa música que me excita. Não consigo evitar ser conduzida até ela quando componho. O que faço é tentar recriar nas minhas canções as sensações que toda essa música me transmite", explica. "Hawk", onde se →



Isobel Campbell ao volante

Mark Lanegan é o homem de poucas palavras e Isobel Campbell a rapariga tímida dos Belle & Sebastian. Esta era a história, até que "Hawk", novo álbum da dupla, veio contar outra. *Mário Lopes*

Duos ele e ela

Ao longo da história da música, os duos têm sido espaço de encenação, drama em representação.

Os duos têm um lugar respeitável na história da música popular. Porque a Humanidade ainda é a Humanidade, complexa e contraditória, complementar e maravilhosa, os duetos que juntam um homem e uma mulher servem como espelho refletor de relações banais, amplificando desgostos paralisantes e eufóricas palpitações.

Por mais impressionante que seja a fusão das vozes de Art Garfunkel e Paul Simon, por mais que os Everly Brothers nos maravilhassem com as suas cristalinas harmonias vocais, nunca seria, a uns e outros, possível atingir o pathos e a tensão sensual de Serge Gainsbourg e Jane Birkin em "Je t'aime (moi non plus)", o idílio apaixonado de Johnny e June Cash em "Jackson" ou o poder de sugestão do erotismo psicadélico de "Some velvet morning", cantado por Lee Hazlewood e Nancy Sinatra.

O poder de sugestão do par torna-se ainda mais evidente se excluirmos da equação encontros ocasionais, como o de Nick Cave com Kylie Minogue em "Where the wild roses grow" ou o de Freddie Mercury e Montserrat Caballé no épico "Barcelona". Por mais impacto que venham a ter na memória colectiva, existem ali, ligados a uma música e a

Os duetos que juntam um homem e uma mulher servem como espelho refletor de relações banais

uma imagem específica, mas não fora delas. Tornam mais difícil efabular. E efabular é grande parte do que faz da pop pop. Não é preciso ser tão radical quanto Lee Hazlewood que, descontente com os primeiros takes de "These boots are made for walking", terá dito a Nancy Sinatra para "cantar como uma miúda de 16 que fode camionistas" - Nancy respondeu "consigo fazer isso". A verdade é que, das inocências adolescentes de Sonny & Cher ("I got you babe" e o mundo é bonito assim), a Ike & Tina Turner transformando uma carta de amor, "I've been loving you too long", original de Otis Redding, em impressionante explosão hormonal, um duo é um espaço de encenação, um drama em representação.

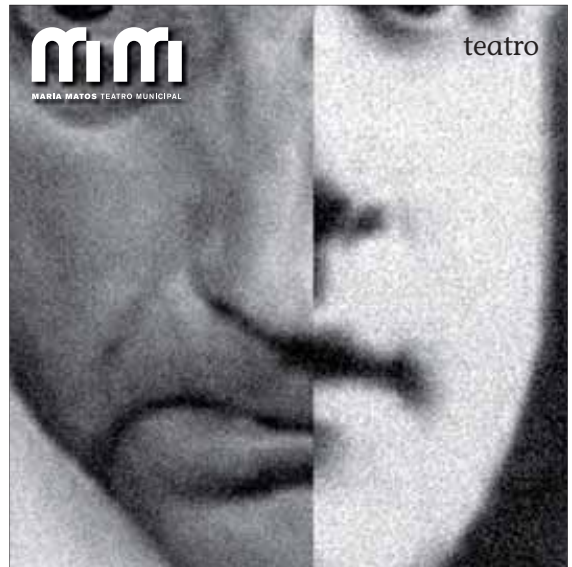
Nesse sentido, Isobel Campbell e Mark Lanegan são perfeitos em "Hawk". Ela da voz frágil e discreta, ele do tom grave que se impõe; ela soprando harmonias leves como o ar, ele chegando até nós com o peso de uma vida de excessos e sabedoria. Ela do sorriso beatífico, sorrindo ao mundo, ele da expressão rígida, desconfiada. Ouvi-los os dois, assim reunidos e assim contrastados, transforma as canções num espaço de intimidade a que acedemos - simulado, claro está, mas isso, como sabemos, faz parte do jogo. *M.L.*



Casos exemplares do par na história da pop:

a inocência adolescente de Sonny & Cher, a fórmula indie dos She & Him, o erotismo psicadélico de Nancy Sinatra e Lee Hazlewood, a tensão sexual de Serge Gainsbourg e Jane Birkin e a explosão hormonal de Ike & Tina Turner

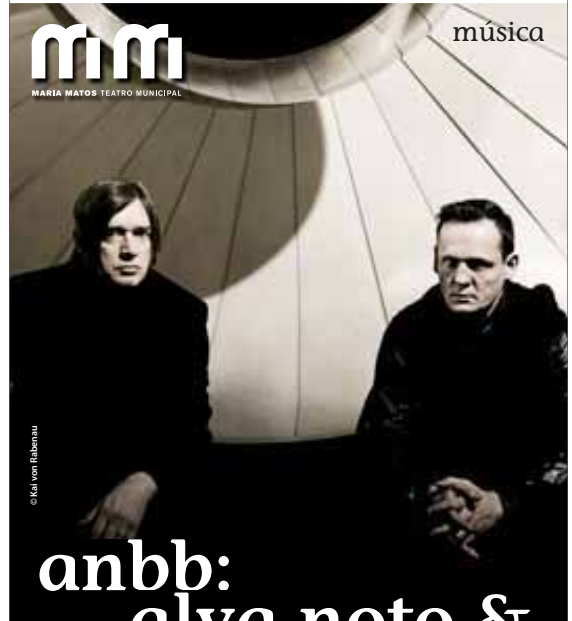
Mark Lanegan sabia quem ela era nos Belle & Sebastian, Isobel Campbell não o conhecia dos Screaming Trees: confiou em quem lhe disse que aquela era a voz americana de que ela precisava



Patrícia Portela

A Colecção Privada de Acácio Nobre M/12

10 a 18 Setembro (excepto dia 13)
terça a sábado 21h30 | domingo 19h00 | 12€ / <30 anos 6€



anbb: alva noto & blixa bargeld

21 Setembro 22h00 M/6
15€ / <30 anos 7,50€

www.teatromariamatos.pt EGEAC

← cruzam orquestrações próximas de Lee Hazlewood, memórias de velhas histórias folk, blues-rock de electricidade exposta e perigo iminente, pode ser visto como a inspirada concretização do seu fascínio pela música americana - soa realmente a obra de alguém que tem aquela música a correr-lhe nas veias.

Em estúdio com os rapazes

Foi uma união curiosa, a de Mark Lanegan a Isobel Campbell. Ela não o conhecia, e até hoje não ouviu uma música que fosse dos Screaming Trees - foi Eugene Kelly, dos Vaselines, que lhe disse que a voz de Lanegan era ideal para algumas das suas canções. Já ele tinha uma vaga noção de quem ela era, mas conhecê-la não era importante: gostou das canções que ouviu e, pouco depois, propôs-lhe que gravassem um álbum.

Lanegan, 45 anos, tem fama de ser homem austero e de poucas palavras, metido consigo mesmo. De Campbell, 34 anos, continua a guardar-se a imagem de rapariga tímida com sorriso envergonhado. Tendo isto em perspectiva, não impressiona a reacção ao primeiro álbum enquanto duo, "Ballad Of The Broken Seas" (2006). "A bela e o monstro", titulouse mundo fora, comparando-os a Lee Hazlewood e Nancy Sinatra e colocando Isobel no papel da adorável mulher frágil e Lanegan no de homem duro envolto em escuridão. Estaria tudo muito bem, não se desse o caso de Isobel, a adorável Isobel ser, na realidade, quem tudo orquestrou. De certa forma, a escuridão dele era dela, que escreve as letras e compõe as canções. Lanegan é um instrumento nas suas mãos - um óptimo instrumento, diga-se, trabalhado com mestria.

Assim sendo, não nos deixemos iludir pela imagem. Logo em 2006,



em entrevista à webzine "Popmatters", Campbell dizia isto: "Talvez as mulheres que surgem como compositoras tenham de ser duras. Por vezes, temos simplesmente de lutar mais". E disparava "eu tenho tomates, à minha maneira", para concluir por

"Pode parecer estranho, visto ser uma rapariga da Escócia, mas sou apaixonada por soul, country e blues. É essa música que me corre nas veias, é essa música que me excita"

fim: "Estão sempre a escrever sobre eu ser muito querida. Nunca escreveriam isso sobre um homem".

Quatro anos depois, quando a "Ballad Of The Broken Seas" já sucedeu "Sunday At Devil Dirt" (2008), quando depois desse chega "Hawk", ainda falamos de Hazlewood e Sinatra - é inevitável. Ela separa as águas: "Identifico-me mais com Lee Hazlewood do que com Nancy Sinatra. A Nancy Sinatra só cantava, eu sou um pouco mais complexa. Estou sempre no estúdio a trabalhar com os rapazes." Fica por aqui. Não vale a pena repisar um assunto que já devia estar resolvido na cabeça de toda a gente. Ainda se irrita quando alguns se

surpreendem com o facto de ser ela, a pequena loura escocesa, ex-vocalista dos Belle & Sebastian, o cérebro por trás dos discos com Mark Lanegan, mas Isobel tem "mais que fazer". Teve mais que fazer enquanto gravava "Hawk". "Trabalhei no álbum alguns anos e o Mark esteve lá seis ou sete dias a gravar as vozes. O resto do tempo estive por minha conta, a preparar tudo o que era necessário" Não é queixume. Ela gosta do processo, de se entregar sozinha à moldagem das canções. E continua a ter muito que fazer agora. Está a terminar um álbum a editar proximamente com a cantora folk americana Victoria Williams, cronista do Sul: "É das pessoas mais incríveis com que já colaborei. É tão bom trabalhar com uma mulher, principalmente depois de ter gravado com tantos homens. Dá-me algum equilíbrio", sorri.

Depois disso, talvez se entregue a um sonho antigo. "Gostava de procurar vocalistas para gravar um álbum soul, um álbum soul a sério. Sou grande fã da Betty Lavette e sei que há mais cantoras como ela à espera de serem trabalhadas."

Isobel, claro, sabe como fazê-lo. "Quero compor as canções e pô-las em estúdio. Sentir-me-ia no céu". A pequena escocesa ao volante, a comandar as operações. Não precisa de um bigode imponente como o de Lee Hazlewood.

MIC MINISTÉRIO DA CULTURA
Gpearl GABINETE DE PLANEAMENTO,
ESTRATÉGIA, AVALIAÇÃO
E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

PRÉMIO LUSO-ESPANHOL DE ARTE E CULTURA

Apresentação de Candidaturas

O Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais do Ministério da Cultura informa que decorre até ao dia 8 de Outubro de 2010 o prazo para apresentação de candidaturas à 3.ª Edição do Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura.

As candidaturas devem ser instruídas com todos os elementos que permitam a sua apreciação de acordo com o Regulamento do Prémio, disponível para consulta em www.gpearl.pt

As candidaturas devem ser enviadas por via electrónica para info@gpearl.pt ou, não sendo possível, ser entregues no Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais, cujos contactos são:

Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 21 A
1070-072 Lisboa
Telefone: 213241930

MUSEU DO ORIENTE
venha visitar-nos!

MELHOR MUSEU PORTUGUÊS

UM OUTRO MUNDO POR DESCOBRIR



Marque a sua visita guiada:
servico.educativo@foriente.pt

Horário: 10.00-18.00
Sexta-feira: 10.00-22.00
Entrada gratuita: 18.00-22.00
Encerra à segunda-feira

mecenas principal

BANCO ESPÍRITO SANTO

FUNDAÇÃO ORIENTE MUSEU

Av. Brasília, Doca de Alcântara (Norte) | Tel.: 213 585 200 | E-mail: info@foriente.pt | www.museudooriente.pt

CASINO LISBOA E LULU EM ASSOCIAÇÃO COM GUYNE HENDERSON PRODUCTIONS APRESENTAM

Não Pode Perder!
Madonna, Eminem, Lady Gaga e ainda Marilyn, Pavarotti, Callas no mesmo espectáculo!

VENCEDOR DO MELHOR ESPECTÁCULO DE CANNES MELHOR PERFORMER

ENNIO MARCHETTO
THE MAN AND THE SHOW
www.ennioMarchetto.com

Patrocínio: **Alhambra**

Apoio: **Delta**

RUDITÓRIO DOS OCÉANOS CASINO LISBOA

ESTREIA 7 SETEMBRO

RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.PT

Seminário de Gestão Cultural

por **Michael M. Kaiser**

Presidente do Kennedy Center for the Performing Arts de Washington DC, EUA

Uma iniciativa do:

DeVos Institute
OF ARTS MANAGEMENT
at the Kennedy Center

14 de Setembro de 2010

09h00 às 13h30

Centro Cultural de Belém

Michael M. Kaiser, referência mundial na área da Gestão Cultural, apresentará no dia 14 de Setembro em Lisboa, um Seminário sobre temas desta disciplina, discutindo práticas correntes nos EUA e formas como as mesmas poderão ser relevantes para as organizações culturais portuguesas:

- Planeamento Estratégico
- Marketing Programático e Institucional
- Angariação de Fundos
- Planeamento Artístico

Na abertura do seminário estará presente Sua Excelência a Ministra da Cultura.

Seminário leccionado em inglês.

Inscrição gratuita, até 7 de Setembro, sujeita a lotação da sala, em www.portaldacultura.gov.pt

Organização

MIC
MINISTÉRIO DA CULTURA

Parceria

lisboa IC INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL

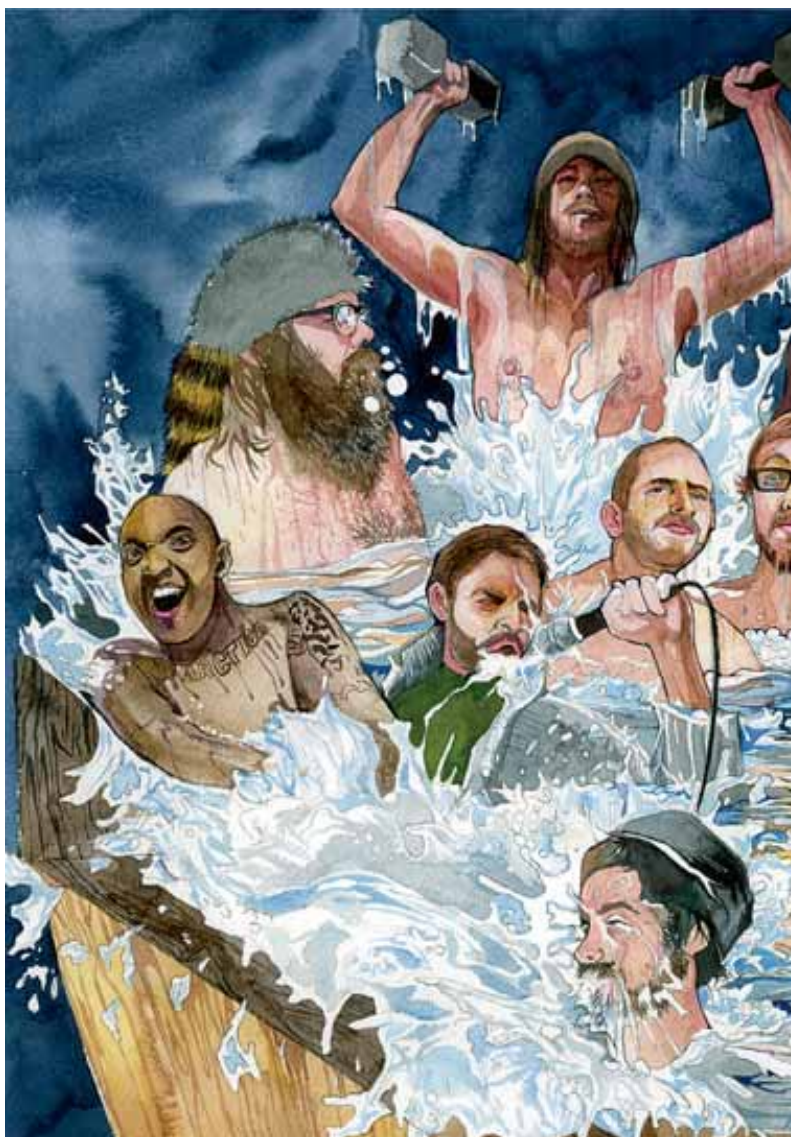
Apoio

SALSA
ALTA
MUSIC
LISBOA

Gayngs

Nenhum prazer é culpado

Uma canção de 1975 inspira alguma da melhor música de 2010. Mais do que um disco dos Gayngs, "Relayed" é uma carta de amor a "I'm not in love", o clássico dos 10cc. *Pedro Rios*



Música

A melhor canção de 2010 é de 1975?

Há meses, nas páginas do Ípsilon, Noah Lennox (Panda Bear, Animal Collective) tecia loas a "I'm not in love", o clássico dos ingleses 10cc, gravado em 1975. "Adoro a produção das vozes em fundo, parecem 'samples'", dizia. Prazer culpado? Esqueçam: "Sou contra o conceito de prazer culpado, sou contra gostar de uma coisa por qualquer outra razão que não dar-te prazer ouvi-la".

Meses depois, "Round and round", tema do espantoso "Before Today" de

Ariel Pink, candidato a disco pop do ano, denunciava uma paixão assolapada pela matéria 10cc-iana. Não é uma matéria qualquer, dizia, em Julho, Daniel Lopatin (Oneohtrix Point Never) à revista "Wire": é "uma obra-prima", com uma produção "totalmente sonhadora" que, a espaços, põe as vozes a soar como sintetizadores.

De 2009 para cá, uma enxurrada de músicos de quarto, munidos de computador e "samplers", também se têm entretido a explorar as águas cálidas do soft rock (os 10cc, mas também Hall & Oates, Steely Dan, alguns discos dos Fleetwood Mac e outros álbuns da discoteca dos pais), fazendo passar as qualidades etéreas de "I'm not in love" por uma nuvem de reverberação. Cha-

maram-lhe "chillwave", o último grande micro-género da música independente.

A melhor canção de 2010 não é obviamente "I'm not in love" (perdoem-nos a hipérbole absurda da introdução, inspirada pelo "Guardian", que a considerou a canção mais influente deste ano), mas é difícil não reconhecer que os tempos estão de feição para o clássico radiofónico, cujo mero elogio consistiria, noutros tempos, num pecado indie - o que é uma pena.

E se ainda faltassem sinais, bastaria olhar para isto: 2010 deu-nos um disco inteiramente concebido sob o signo de "I'm not in love". Chama-se "Relayed" e envolveu uma pequena constelação indie - 25 músicos - de baixo do nome Gayngs. No Myspace do grupo, na secção "Sounds Like" (em português: "soa a"), lê-se apenas: "10cc's 'I'm Not In Love'" (uma mentira, mas já lá vamos).

Sem ponta de cinismo

"É estranho que tantas pessoas estejam a referir esta canção. Não faço ideia do que tudo isto significa. É uma boa canção, uma canção maravilhosa. Mas não faço ideia do que se passa, é bizarro", diz Ryan Olson, a rir-se, ao telefone com o Ípsilon a partir das ruas de Minneapolis, nos Estados Unidos. O mentor dos Gayngs é um rapaz bem disposto (queixamo-nos do ruído e ele diz-nos, cripticamente:

"Vai ficar tudo bem. Compró cigarros como um profissional"). Está ainda a tentar compreender o impacto causado por "Relayed", originalmente uma brincadeira de amigos. O "Guardian" escreveu que era o "álbum do ano até agora" e o "New Musical Express" considerou os Gayngs uma das 50 melhores novas bandas de 2010.

De volta a "I'm not in love". "A razão por que estou interessado nela é o facto de a estrutura da canção ser completamente louca. Demora quatro minutos até aparecer a ponte [interlúdio que liga duas partes de uma canção], um intervalo de minuto e meio mandado para o espaço, as vozes entram depois. É tão pouco ortodoxo, funciona tão bem", explica Olson, que é produtor e toca nos Building Better Bombs e Digitata.

Com estas ideias na cabeça, Olson deu início à empreitada. Chamou Zach Coulter e Adam Hurlburt, dos Solid Gold, que o ajudaram a escrever as bases das canções no seu apartamento. Seguiram depois para estúdio, no Wisconsin, com um corre-corre de músicos, oriundos de grupos como os Lookbook, Leisure Birds, Rhymesayers (o "rapper" POS, transformado em "crooner" romântico em "No sweat"), Rosebuds e Bon Iver (sim, Justin Vernon, rapaz da folk, rendeu-se a "I'm not in love").

"Não estava a tentar fazer uma banda de 25 pessoas. Nem é uma banda, sequer. Foi um projecto de

Noah Lennox, Ariel Pink e Oneohtrix Point Never primeiro, os Gayngs agora: de repente, toda a gente anda atrás dos 10cc





Os Gayngs são 25 músicos ("rappers" como POS, rapazes da folk como Bon Iver) sob a influência dos 10cc

estúdio", prossegue Olson. "Só queria fazer música numa certa onda. É geralmente assim que faço discos: trago pessoas à minha casa. Desta vez trouxe mais gente". Apesar da dimensão, os Gayngs não são uma rebeldaria. "Toda a gente pôde dar os seus dois centimos, mas eu é que decidi onde os gastar", diz. Pedacos de horas e horas de gravações (muitos sintetizadores, um ou outro solo de saxofone, essa suposta heresia, e cânticos de veludo, tudo coisas que os 25 Gayngs não podem fazer nas suas bandas originais sob pena de serem olhados de soslaio) foram depois editados e seleccionados por Olson - o estúdio foi um instrumento, arte que os 10cc levaram a níveis impensáveis até então.

É fácil qualificar o objectivo inicial de "Relayted", fazer um disco inspirado por "I'm not in love", como uma piada. Durante décadas, o punk e a posterior "intelligentsia" indie baniram o "magnum opus" dos 10cc do grupo de canções que é desejável ouvir. Mas em 1975, quando foi lançado, foi uma verdadeira revolução e permanece até hoje um objecto fascinante, a meio caminho entre a pop declarada e a experimentação. A canção assenta em 256 (sim, 256) camadas de vozes guardadas em "loops" de fita analógica, que a mesa de mistura do estúdio transformou numa massa etérea (hoje, obter o efeito exige apenas uns cinco minu-

tos num programa informático de criação musical; nos anos 70, fechou a banda em estúdio durante três semanas a gravar vozes).

"Relayted" está longe de ser uma piada, e Ryan Olson garante que não há ponta de cinismo ou de jogo irónico no disco (a excepção, reconhece, é "Last prom on Earth", dona das linhas de sintetizador mais piroas e divertidas de 2010). Na linha do que Noah Lennox disse ao Ípsilon, os Gayngs recusam a ideia de prazer culpado. Nenhum prazer é culpado.

69 batidas por minuto

Para um produtor, como Olson, "é muito interessante" e "inspirador perceber o quão longe eles [os 10cc] foram na altura". Mas "Relayted" é também reflexo da evolução tecnológica. "Não foi como se tivéssemos que gravar 256 vozes; tenho um efeito de teclado [que faz o mesmo]", exemplifica. Para além da aura do soft rock, há também piscadelas de olho à contemporaneidade r&b (o omnipresente "auto-tune" também faz aqui uma perninha) e à soul de um D'Angelo, como que se os Gayngs explorassem o fio condutor de uma certa pop baladeira e romântica.

"Estou interessado em várias eras de estúdio. Inspiro-me em produtores dos anos 50 e 40. Aqueles rapazes tinham de fazer coisas loucas para chegar a um som. A forma como usavam apenas um microfone

"A ideia não foi fazer um álbum para foder, mas acho que [Relayted] se transformou nisso, a julgar pelo que ouvi nas mensagens com demasiada informação que tenho recebido"
Ryan Olson

para que toda a banda soasse incrível...". aponta.

A única regra imposta foi - ai, sim - uma piada. Todas as canções de "Relayted" têm as mesmas batidas por minuto: o curioso número 69. A referência não é inocente, ou não fossem estas canções verdadeiros monumentos à libido. Ryan explica: "A ideia não foi fazer um álbum para foder, mas acho que se transformou nisso, a julgar pelo que ouvi nas mensagens com demasiada informação que tenho recebido". Terá "I'm not in love" as mesmas batidas por minuto? "Acho que não. Ainda não vi isso, é uma coisa que devia saber [risos]. Deve estar perto. Estou curioso, acho que vou ver isso agora".

Para além das mensagens dos fãs, os Gayngs receberam já dois si-

nais de aprovação. O primeiro veio de Kevin Godley, um dos 10cc, que pediu para entrar no teledisco de "Cry" (versão dos Godley & Creme, um projecto de dois 10cc), depois de ter considerado o tratamento que os Gayngs fizeram à canção "assombroso". O segundo foi mais inesperado e veio de Prince, que protagonizou uma misteriosa aparição na parte lateral do palco durante um concerto do grupo em Minneapolis. "Ele estava a tocar guitarra, mas não estava ligada. Fui falar com ele e perguntei se queria tocar. Ele disse que sim, expliquei-lhe que havia uma pausa na última canção e que ele podia entrar. Mas quando começámos a última canção ele desapareceu", conta.

"Relayted" não é um ponto final na vida dos Gayngs. "Planeamos fazer um novo disco, mas vai demorar algum tempo, não deve acontecer nos próximos anos", revela. Enquanto isso não anda, a banda prepara-se para lançar uma versão de "One more try", de George Michael, um espectro que habita várias canções de "Relayted", e algumas remisturas. O monumento meloso do ex-Wham! pode muito bem ser o ponto de partida para um segundo álbum. "É algo que quero fazer há sete anos: prestar um grande tributo a George Michael".

Ver crítica de discos na pág. 39 e segs.

Ryan Olson, o cérebro por trás da operação de reanimação de "I'm not in love", e da transformação do clássico de 1975 num dos acontecimentos de 2010



GRAHAM TOLBERT

1. E depois do prémio

“O Bom Inverno” é o quarto romance de João Tordo, 35 anos, e o primeiro após o Prémio José Saramago, que venceu em 2009, com “As Três Vidas”.

Se ganhas um prémio, há um bocadinho aquela tendência para que o próximo livro seja uma coisa semelhante, que estejas à altura do romance anterior. Eu quis fazer precisamente o contrário, ou seja, uma coisa que não tivesse nada a ver, com excepção do facto de haver algumas personagens que saltam do romance anterior para este. Mas isso é uma coisa que faço em todos os livros.

Dito isto, os livros de João Tordo podem ser lidos independentemente uns dos outros, não são sequelas. As personagens vêm do seu “mundo ficcional” - já vamos falar dele. Antes, é preciso dizer que “O Bom Inverno” é a história de um escritor frustrado e hipocondríaco que relutantemente aceita um convite para participar num encontro literário em Budapeste, onde conhece um escritor italiano, Vincenzo, que o convence a ir até Sabaudia, em Itália, à casa do famoso produtor de cinema Don Metzger. Até que Metzger é encontrado morto no seu próprio lago.

2. Profissão: escritor

No princípio de “O Bom Inverno”, há um escritor que “já vivia do subsídio de desemprego havia seis meses”. Que, embora sendo escritor, “não acreditava na literatura”. E que assim entrou “numa espécie de marasmo criativo e sentimental”, lê-se no livro.

Este narrador representa aquilo de que todos os escritores têm medo, aquela situação em que, quando se é escritor, quando se pensa que é escritor, quando se escreve com o puro intuito de se escrever, quando se escreve para almejar outra coisa que não seja a escrita, ou seja, o sucesso, facilmente acontece o que aconteceu com este narrador. Ele claramente não gosta da pessoa que é, não gosta de ser escritor, e não gosta de escritores. Chama-lhes cobardes e mentirosos; serve como denúncia da pessoa que se quer fazer passar por isto: ser escritor.

Este escritor tornou-se um “assalante profissional” e, além de escrever romances, foi “jornalista, revisor, tradutor, criativo numa agência de publicidade, escrev[eu] prefácios e posfácios de livros, discursos de político de segunda”, entre outras coisas que um escritor profissional tem de fazer para viver da escrita e não ter uma profissão paralela. João Tordo “ainda não é” um escritor profissional, ainda não vive da escrita. Noutro país, não seria assim.

Noutro país com outra dimensão, como a Inglaterra ou os Estados Unidos, com quatro romances já estaria a viver da escrita. [Em Portugal], com 10 milhões de pessoas, evidentemente isso não acontece. Há escritores que têm a minha idade ou pouco mais e, de facto,

já vivem da escrita. Mas muitos fazem-no profissionalmente de uma maneira que não quero fazer. Há uma profissão de escritor que é ir a todas as conferências, a todos os debates, aceitar todos os convites que lhe são feitos. É um género de viver da escrita para o qual não tenho disponibilidade mental: passar o ano a viajar, em Portugal ou para fora, passar o ano no aeroporto, a falar de mim próprio em debates e conferências... Confesso que não é a minha onda. Por isso, faço tradução, pouco guionismo, e quero manter uma regularidade de publicação de livros, de 18 em 18 meses. Até ao ponto em que tenha livros suficientes no mercado para viver dos direitos.

3. O livro é um lugar honesto

O narrador de “O Bom Inverno” não passa a vida em conferências, mas promete escrever o livro que o vingará do mundo e do ostracismo a que este o votou. É “cínico, sarcástico e

um frustrado que passa o dia fechado em casa”. Está a um passo de sair da realidade, diz Tordo, sobretudo quando sofre um acidente e se magoa na perna. Ciente de que irá coxear para o resto dos seus dias (apesar de as radiografias e os médicos lhe dizerem que não há nada de errado com a perna), compra uma bengala Rosewood, em mogno castanho. E se antes este narrador era um “pessimista, depois de comprar a bengala pass[ou] a ser um cínico”: uma espécie de Dr. House dos livros.

Ele julga que pode apropriar-se de novo do mundo, da realidade, escrevendo uma obra magnífica, que o fará vingar-se. A partir do momento em que usa a escrita para te vingares do mundo, acontece-te isto. Chegas ao ponto em que não escreves mas falas sobre escrever. A procrastinação de que falo ao longo do livro aconteceu com muitas pessoas que almejavam tornar-se escritores, que falam sobre isso mas não

escrevem nada. Os livros não servem para nos vingarmos do mundo, muito menos para sermos famosos ou para ganharmos fortunas.

Complementando a sua própria opinião, o autor escreve no livro: “Como quase sempre acontece a quem toma este género de decisões, escrevi muito pouco mas bebi imenso enquanto falava de páginas que só existiam na minha imaginação.”

Para Tordo, um livro tem de partir de um lugar honesto porque os leitores percebem se um escritor está a escrever para si próprio, para o seu ego, se acredita no que escreve ou se tem outros propósitos. O leitor sabe. E esse lugar honesto não tem nada de místico.

Não quer dizer que quando se escreve se tenha de estar num lugar puro da alma. Não acredito nada nessas coisas, sou um escritor muito anglo-saxónico, dou primazia à narrativa, às personagens, aos diálogos e à história que está

a ser contada. Para mim, escrita é puro trabalho, puro ofício. Estar ali, todos os dias, horas e horas, até as coisas saírem bem.

Quando um livro não parte desse lugar honesto, é aí que um escritor se pode transformar num coarde e num mentiroso.

É quando te comesas a levar muito a sério, quando não tens pingo de autoironia, de te olhares ao espelho e de te rires um bocadinho do que és e do que fazes. Isto tem o seu lado cómico: é inusitado pensar que pões palavras nas páginas e que as pessoas pagam para as ler. Quando pensas nisso a sério, parece um bocadinho do que és e do que tem o seu valor, mas não podemos deixar-nos levar pela sensação de que somos mais importantes do que os outros.

E João Tordo não tem medo de isso lhe aconteça: “Tenho uma autoironia fortíssima, sou muito crítico de mim próprio e tenho sentido de hu-



João Tordo transportou para “O Bom Inverno” não só a sua voz, como todo o seu mundo ficcional, povoado por personagens tão reais que fazem coisas inesperadas, até para o próprio autor

O cerco de João

O vencedor do Prémio José Saramago 2009 falou com o Ípsilon sobre o seu novo em direcção ao inferno numa casa perdida num bosque em Itália. Não há aqui toda a gente se vai odiar e trair até não haver ninguém, nem mesmo um

mor acerca disto. Levo os meus livros a sério, mas não me levo a mim muito a sério.”

Se no princípio de “O Bom Inverno” há um narrador frustrado, que já não acredita nos livros e acha que se vai vingar do mundo, no final, pelo contrário, ele é obrigado a “imaginar pelas suas próprias palavras o fim daquela história”. Há a viagem física de Lisboa para Budapeste para Sabaudia para um balão dali para fora; há a viagem para um reencontro com esse lugar honesto do escritor. “Uma viagem de alguém que não acredita no poder das palavras e no fim é obrigado a usá-lo para viver. Foi essa a metáfora que, não intencionalmente, quis pôr neste romance.”

4. O mundo tordiano

“O Bom Inverno” é um “estudo de personagens”, diz João Tordo. Isso aconteceu porque só parte da estrutura estava conjecturada - a voz do

“A partir do momento em que usas a escrita para te vingares do mundo, acontece-te isto. Chegas ao ponto em que não escreves mas falas sobre escrever. Os livros não servem para nos vingarmos do mundo, muito menos para sermos famosos ou para ganharmos fortunas”

narrador, as personagens principais (e, por acaso, algumas são pessoas que existem, de facto), o enredo até à chegada a Sabaudia. A partir daí, tanto o escritor como o seu protagonista e as suas dezenas de personagens embarcam naquela aventura que terá consequências trágicas - pelo menos, para alguns. À partida, o escritor não sabia quase nada sobre o seu livro.

Só sabia que, às tantas, ia ter 12 ou 13 personagens naquela experiência de cerco, ia conduzi-las àquela situação limite, em que estão enclausuradas naquela casa, naquele bosque. Algumas [personagens] são mais superficiais, outras mais profundas; algumas mais engraçadas, outras mais trágicas. Mas são todas personagens a quem que eu quis ver o que acontecia. Também foi uma aventura para mim, porque não fazia ideia do que lhes ia acontecer.

João Tordo esticou a corda das suas personagens até ao limite. Ao ponto de recorrer uma vez mais ao seu “mundo ficcional” e buscar Nina Milhouse Pascal, que em “As Três Vidas” era uma criança e em “O Bom Inverno” tem pouco mais de 40 anos. Explica Tordo que, uma vez “tendo este mundo ficcional à disposição, é muito difícil não o usar”. Nina já estava “a viver” com Tordo há alguns anos (este “mundo ficcional” são pessoas que vão vivendo com o autor). Mas, se calhar, ela começou a ocupar muito espaço: já tinha entrado em três romances. “Neste entrou quase que involuntariamente da minha parte: estava a escrever o livro e não sabia que ela ia entrar e, de repente, era óbvio que ela tinha de estar ali. Já estava na altura de lhe fazer uma espécie de elegia”.

O “mundo ficcional” tordiano funciona assim. Não é Tordo que recorre a esse mundo: “Ele é que me recorre a mim”. As personagens estão lá numa espécie de limbo até Tordo começar um livro e, de repente, aparecem. Para o autor, “é óbvio” que eram elas que tinham de estar ali. Talvez por isso saltem de uns livros para os outros. Talvez por isso, então, Tordo escreva no final do livro: “Nunca mais tornei a ver Elsa Gorski [uma personagem da casa de Sabaudia]. Embora tenha a certeza de que, um dia destes, nos voltaremos a encontrar.”

Desde que comecei isto, não quis escrever só livros. Quis construir um mundo ficcional no qual me sentisse completamente à vontade e no qual as personagens fossem muito reais para mim. E que fossem tão reais [ao ponto de], neste romance, ainda que pareça um cliché ou uma mistificação, elas fazerem coisas de que não estava à espera. [...] Não sei de onde vêm certas ideias ou certas opções que as personagens às vezes tomam. São ideias que me surgem, não sei de onde me surgem, mas tem a ver com a criação desse mundo ficcional, desde o primeiro romance. No começo podia ser um mundo ficcional frágil, mas, com o →

Livros

João Tordo

romance, “O Bom Inverno”, uma espiral descendente
saída, diz o escritor, nem mesmo para a literatura:
narrador, a sobreviver para contar. *Raquel Ribeiro*

SÃO LUIZ 10~11

Set 2010 a Jul 2011

*um teatro diverso,
envolvente
e apaixonante*

Artistas Unidos
Noites Ruminantes
Clube da Palavra
Ana Brandão e João Paulo Esteves da Silva
Paula Morelenbaum
Amor Solúvel
Clara Andermatt e Marco Martins
Festival Temps D'Images
Encontros Dramaturgia Contemporânea
Grupo Fernando Pessoa
Gala Noite dos Travestis
Lisboa Mistura
InShadow
InArte
Celeste Rodrigues
A Lenda de São Julião Hospitaleiro
A Hora de Viktor Ullmann
Ricardo Pais
Camané
Carlos do Carmo
Ciclo de Teatro do Porto
Cristina Branco
9ª Festa do Jazz do São Luiz
Jacinto Lucas Pires e Carlos Martins
O Jogador
Ciclo Novos x9
Festival para um instrumento
Viva o Povo Brasileiro
O São Luiz no Festival de Almada

tudo sobre a nova temporada em
www.teatrosauliz.pt
siga-nos também no twitter e no facebook

 SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTONIO MARIA CARDOSO, 38 1200-027 LISBOA
GERAL@TEATROSADLUIZ.PT; TEL: 213 257 640

A Temporada 2010/2011
do São Luiz Teatro Municipal
tem o apoio do Bairro Alto Hotel



Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda Culturgest, Fnac, Worten, El Corte Inglés, C.C. Dolce Vita,
Ag. Abreu, Megarede e www.ticketline.sapo.pt - Reservas Ticketline: 707 234 234

Preço único
até aos 30 anos
5 Euros



© André Cornélier

Is You Me

de Benoît Lachambre, Louise Lecavalier, Laurent Goldring, Hahn Rowe

Em colaboração com o Festival Materiais Diversos/Teatro Virgínia, Torres Novas e o Centro Cultural Vila Flor, Guimarães

No final dos 75 minutos deste inventivo dueto (...) o público estava de pé aos gritos, e a cena da dança parecia estranhamente nova. (...) O movimento muda de lugar por contágio, transmitido de um bailarino ao outro por contacto, ou de um corpo vivo para uma representação gráfica, já que os desenhos de Laurent Goldring - digitalmente projectados na área de representação - respondiam às formas que eram executadas em palco. (...) Is You Me traz elegância ao fugaz, ao virtuoso e ao estranho. MJ Thompson, Dance Magazine, Julho 2008

DANÇA TER 14, QUA 15 SETEMBRO · 21h30 · Grande Auditório · €18 · M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda Culturgest, Fnac, Worten, El Corte Inglés, C.C. Dolce Vita,
Ag. Abreu, Megarede e www.ticketline.sapo.pt - Reservas Ticketline: 707 234 234

Preço único
até aos 30 anos
5 Euros



© Sara Amado

Sagrada Família de Jacinto Lucas Pires

Talvez a religião tenha de descer à terra
e tornar-se política.

TEATRO DE QUI 16 A SÁB 18 · DE SEG 20 A SÁB 25 DE SETEMBRO
21h30 · Pequeno Auditório · €12 · M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

← passar do tempo e dos livros, vai-se tornando mais sólido.

5. Da natureza do mal

No novo romance de João Tordo há mais do que um crime. No início, um narrador (o tal Dr. House dos livros) de mal com o mundo vai a Budapeste e aí encontra Vincenzo, um escritor italiano, acompanhado da sua agente, Nina, e da sua namorada, Olivia. Vincenzo é jovem, louco e audaz e convence o narrador a “arrastar” a sua bengala de Budapeste para passar o “bom Inverno” na espectacular casa do produtor de cinema Don Metzger em Sabaudia, no Lácio italiano.

Na casa de Metzger encontram Bosco, um artista catalão que constrói balões e depois os faz voar (criatura gigantesca, careca e de quem todos parecem ter medo), com o seu assistente Alípio, e a sua mulher cozinheira; e também encontram Roger, um realizador de filmes porno, Stella, a sua mulher e atriz-musa, e os actores da rodagem de um filme. Entre eles está Elsa Gorski: ela mesma, a famosa actriz “em quem era difícil não reparar”. Quando Metzger é encontrado morto, Bosco toma conta da situação e cerca todas as personagens até elas confessarem quem cometeu o odioso crime. Outros crimes serão cometidos até a verdade ser encontrada - se é que a verdade existe.

Ao contrário dos balões que se elevam no ar dando conta da leveza efémera da obra de arte, “O Bom Inverno” é uma espiral descendente em direcção ao inferno de um cerco, de uma clausura numa casa perdida na clareira de um bosque. Não há saída. O mal confunde-se com a justiça, a verdade com a mentira. Aquelas personagens vão odiar-se, trair-se e denunciar-se até não restar ninguém para contar a história.

São todos culpados. Não se sabe quem mata o Don Metzger porque é uma solução que não me interessa. Isso seria escrever um policial e eu não escrevo policiais, até porque um policial tinha de ter polícias e aqui não os há. Interessa-me que estes elementos do policial e do mistério sejam integrados numa ficção que não tenha necessariamente esses rótulos. Nesse sentido, aquele crime serve apenas para despoletar a história.

Assim enclausuradas entre quartos e corredores, no meio da clareira no bosque, estas personagens que à partida pareciam seguras tornam-se frágeis, expostas ao horror da luta pela sobrevivência. Do que o leitor não estava à espera era que o narrador inicial (hipocondríaco, lembram-se?) se tornasse agora no elemento mais forte da narrativa. É essa a ironia da ficção: um tipo débil no mundo real, atirado para dentro de um livro, torna-se um herói. Estas são as personagens preferidas de Tordo.

Personagens imensamente falhadas que nesta vida, a que chamamos real,



MIGUEL MANSO

Tordo não quis repetir a fórmula com que ganhou o Prémio José Saramago: quis fazer exactamente uma coisa que não tivesse nada a ver com “As Três Vidas”

“Há uma profissão de escritor que é ir a todas as conferências, a todos os debates (...). É um género de viver da escrita para o qual não tenho disponibilidade mental”

seriam despedidas, acoissadas, presas, humilhadas, desprezadas, e que em ficção são as que mais gostamos de ver. Apesar das suas falhas iniciais e dos defeitos que têm, continuam a ser fascinantes. Um tipo pode ser pífido e cruel e ser fascinante à mesma.

Como o Dr. House, por exemplo, ou o Sherlock Holmes (outro exemplo, de Tordo). Depois, estes “loosers”, falhados, são jogados para dentro do texto e, num ambiente escuro,

gótico, opressor, de calafrio, que vem das influências do escritor (Poe, escritores vitorianos do século XIX, Dostoiévski, Kafka, Kurt Hanson), tornam-se capazes de fazer o mal pelo bem. É esta a natureza do mal?

Não são impulsivas pela maldade, mas estão obcecadas com um certo objectivo. Não sei dizer o que é o mal, mas acho que nos meus livros há sempre personagens que não são exactamente más, mas também não são exactamente boas. [...] Não gosto de personagens que sejam más por natureza, porque isso torna-as unidimensionais. O Bosco é tudo menos isso: ao mesmo tempo que pode ser um assassino, também é um filósofo de pacotilha. [...] Não acho que qualquer destas personagens faça o mal pelo mal. Acho que têm caminhos muito definidos e fazem-no por uma questão de sobrevivência. É uma amoralidade completa do mal.

As personagens estão neste círculo vicioso, sem saída. E não há ninguém que as julgue, explica Tordo. Nem polícia, nem deus.

Ver crítica de livros na pág. 30 e segs.

O Ípsilon agradece ao Hotel Tivoli Lisboa a cedência do espaço para as fotografias

12 AGO | 12 SET
**LISBOA
 NA RUA
 COM'OUT
 LISBON**

ENTRADA LIVRE

ESTA SEMANA

3 SET SEXTA
 19H | JARDIM DO PRÍNCIPE REAL
OUT JAZZ

SARG
 22H | JARDIM AMÁLIA RODRIGUES /
 PARQUE EDUARDO VII

**FITAS NA RUA
 SESSÃO EXTRA**
 FADO – HISTÓRIA
 DE UMA CANTADEIRA
 PERDIGÃO QUEIROGA

4 SET SÁBADO
 19H | JARDIM DA ESTRELA
SOJOS COM CONVICÇÃO

SÓS
 (UMA HOMENAGEM)
 SOFIA FITAS

22H | PRAÇA EDUARDO MONDLANE
 (BAIRO DO CONDADO)

FITAS NA RUA
 FUERA DE CUADRO
 MARCIO LARANJEIRA
 GATO PRETO,
 GATO BRANCO
 EMIR KUSTURICA

5 SET DOMINGO
 19H | LARGO DO CARMO
CLASSICOS NA RUA

QUINTETO DE METAIS
 DA METROPOLITANA

22H | JARDIM AMÁLIA RODRIGUES /
 PARQUE EDUARDO VII

FITAS NA RUA
 RETRATOS
 LUISA HOMEM
 NON OU A VÁ
 GLÓRIA DE MANDAR
 MANOEL DE OLIVEIRA

ORGANIZAÇÃO
 Câmara Municipal de Lisboa **EGEAC** EMPRESA DE GESTÃO DE EQUIPAMENTOS E ANIMAÇÃO CULTURAL, Lda
 TURISMO DE PORTUGAL
 PARCEIROS
 PATROCINADORES
 PARCEIROS MEDIA
 APOIOS
 TODA A PROGRAMAÇÃO EM WWW.EGEAC.PT

G...A
M...A

Sexo?
 Sim, mas com
orgasmo

**ESTREIA
 8 SETEMBRO**

AUDITÓRIO CASINO ESTORIL

SAIBA MAIS EM WWW.GAM.PT | RESERVAS 707 234 234 | WWW.TICKETLINE.SAPO.PT

CASINO ESTORIL UXXU

casa da música



**BRUCKNER
 REVISITADO**

remix
 ensemble
 casa da música

18 SET

SÁB 18:00 SALA SUGGIA | € 10
 ÁUSTRIA 2010

PETER RUNDEL *direção musical*
 WOLFGANG MITTERER *órgão e electrónica*

Anton Bruckner [acc. H. Eislzer/K. Rankl/E. Stein] Sinfonia nº 7 (1ª e 2ª andamentos)

Georg Friedrich Haas *Remix* (encomenda conjunta da Casa da Música e Klangforum Wien)

Wolfgang Mitterer *The Church of Bruckner* (estreia mundial; encomenda da Casa da Música)

No âmbito do ano Áustria, o Remix apresenta dois andamentos da mais célebre sinfonia de Bruckner e estreia uma encomenda ao destacado compositor austriaco Wolfgang Mitterer, para quem Bruckner é uma forte influência. Completa o programa uma obra escrita para o Remix Ensemble Casa da Música pelo austriaco Georg Friedrich Haas.

Jantar + Concerto | € 25



remix ensemble
 casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA APOIO INSTITUCIONAL MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLO PARA BRUCKNER REVISITADO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

WWW.CASDAMUSICA.COM | WWW.CASDAMUSICA.TV | T. 220 120 220

Christophe Honoré entre as mulheres

“Não Minha Filha, Tu Não Vais Dançar” é o “filme feminino” que Christophe Honoré escreveu para Chiara Mastroianni. Ao Ípsilon, o cineasta fala de mulheres, das famílias do cinema francês e do escândalo “Homme au Bain”, que acaba de chocar Locarno. *Francisco Valente*

Depois de uma trilogia marcada pela presença de Paris na vida de diferentes gerações (“Em Paris”, “As Canções de Amor” e “La Belle Personne”), Christophe Honoré regressou à sua nativa Bretanha para realizar “Não Minha Filha, Tu Não Vais Dançar”, filme que o cineasta francês escreveu para colocar Chiara Mastroianni num papel principal e que se revelou o seu maior sucesso comercial até à data. A essa atriz-fétiche, Honoré juntou aqui, num gesto característico da sua obra, actores de diferentes heranças do cinema francês, prolongando um estudo que tem vindo a assumir-se como um dos pontos centrais da sua carreira. No filme que agora se estreia em Portugal, Honoré mostra-nos o universo feminino de uma família de três mães (Mastroianni, Marina Foïs e Marie-Christine Barrault) e as suas relações com homens e filhos, expondo a luta pela sobrevivência de Léna (Mastroianni), mãe solteira que sufoca por um reconhecimento do seu papel familiar e social. Um filme que se insere numa tendência recente do cinema francês (os “filmes de família”), e que Honoré iniciou com o seu olhar sobre os homens de “Em Paris”.

“Não Minha Filha, Tu Não Vais Dançar” foca-se no papel das mulheres dentro da família. Léna, a personagem de Chiara Mastroianni, é a única mulher que deixou a relação em que vivia, estando, em teoria, mais livre do que as outras. Contudo, ela sufoca na sua solidão. Chega a recair sobre ela, a dado momento, uma sensação de morte. O que lhe interessou na liberdade destas mulheres?

O interesse principal era perceber se, numa época em que a suposta emancipação das mulheres é algo assente, esta seria compatível com a ideia de liberdade tal como é vista no entendimento masculino. Interessava-me pegar em três mulheres com relações diferentes com os seus parceiros, mas que tinham vivido, ao mesmo tempo, episódios iguais na sua vida amorosa. Todas as três personagens sentiram a tentação de abandonar o papel de “mulher caseira” para viver uma aventura fora da esfera conjugal. A personagem de Marie-Christine Barrault fica no seu casamento graças à religião, foi dessa forma que conseguiu viver. A personagem de Marina Foïs tem também essa tentação, mas acaba por ficar com o marido. A única que

acaba por ser “a rebelde” é Léna. A ideia é mostrar que esta liberdade tem um preço. A sociedade sempre fez pagar caro às mulheres que quiseram ultrapassar os seus papéis de mães e de esposas. Numa sociedade moderna em que se fala da igualdade entre os sexos como um dado garantido, uma mulher que decide deixar o seu marido e levar os seus filhos com ela ainda é vista como uma marginal. **Simon, a personagem de Louis Garrel, diz a Léna: “A tua vida será aquilo a que estarás pronta a renunciar”. É preciso renunciar a alguns sentimentos para viver em liberdade?**

A personagem de Louis Garrel, que é mais jovem do que as outras, acaba por ter um sentido moral algo estranho. Diz que por ela ter deixado o marido terá de renunciar a outras coisas, que o preço a pagar será deixar os seus filhos. Existe muito a ideia de que uma mulher que ambiciona escapar ao seu papel de mãe e de esposa não o consegue fazer sem um sacrifício. É bastante surpreendente para os dias de hoje, mas vejo-o muito à minha volta: mulheres da minha idade que se divorciam e cujos pais, da geração do Maio de 68, lhes caem logo em cima. A separação é sempre um escândalo. Falamos muito de uma mulher livre, mas vemos que, na vida real, existe uma grande pressão sobre as mulheres, muito maior do que aquela que existe sobre os homens

que se encontram na mesma situação.

Apesar de este não ser um “filme social”, existe um sentimento de deslocação em Léna relativamente ao seu papel...

Sim. Não faço, de todo, um cinema “sociológico”, mas interessa-me sempre apanhar o “ar do tempo”. Sinto que estamos a dar alguns passos atrás, vejo que pessoas como a minha mãe eram muito mais livres nos anos 70 do que agora. Existe um lado retrógrado e reacção na nossa sociedade que recai sobre as mulheres. Não se trata de uma pressão exclusivamente masculina, é algo que elas próprias reivindicam. Vemos muitas mulheres

que, a partir do momento em que se tornam mães, sentem que chegaram à grande realização das suas vidas, embora, “a priori”, não existam razões, hoje em dia, para que se sintam unicamente realizadas pela maternidade. Como não me interessava retratar apenas uma vítima, trabalhei muito com Chiara Mastroianni para o filme não estar sempre do seu lado. A sua personagem também é insuportável, não é amável, não lhe damos sempre razão. Interessava-me mostrar que a liberdade passa também por um comportamento que incomoda.

É inevitável a comparação constante entre as três mães. As suas conversas são discussões violentas sobre o papel de cada uma. O sentimento de culpa maternal é constante no seu filme.

A culpa associada ao papel de mãe torna-se sempre o seu calcanhar de Aquiles. Existem poucas mulheres que não comecem a sentir essa culpa quando são acusadas de serem más mães. Os homens, enquanto pais, raramente se sentem culpados do que quer que seja, tanto em relação àquilo que poderá influenciar a vida dos seus filhos. É um sentimento muito feminino. É fácil culpabilizar uma mãe, desde o início. Quando falamos delas, é sempre para dizer que estão próximas ou distantes de mais, mas nunca se consegue definir o que é uma boa

Cinema

“Muitas mulheres da minha idade divorciam-se e [os] pais, da geração do Maio de 68, caem-lhes logo em cima (...). Estamos a dar passos atrás, [as] pessoas eram muito mais livres nos anos 70”



Chiara Mastroianni é Léna, a mulher contracorrente de “Não Minha Filha...”

Depois dos filmes que fez em Paris, e sobretudo com homens, Honoré quis realizar um filme de mulheres, passado na província (a Bretanha, de onde vem)

VINCENT WISST/REUTERS



mãe. Por isso, foi interessante ver que existe sempre aquela ideia da “mãe perfeita”, mas que, para uma mulher conseguir ser a mãe que é, é um inferno. Penso que Léna é uma mãe muito boa, embora de uma maneira diferente do que se convencionou.

Apesar de não renunciar à crítica, o filme presta uma homenagem às personagens femininas...

Trata-se, sobretudo, de uma vontade de trabalhar com certas atrizes. A origem deste filme está em “As Canções de Amor”, onde trabalhei com Chiara Mastroianni num papel secundário. Aqui, exprimi a minha vontade de colocá-la no centro do filme e de lhe dar um papel que fizesse avançar a história, e, a

partir daí, trabalhar com Marina Fois e Marie-Christine Barrault. Obviamente, a forma como se trabalha com as atrizes é muito diferente da forma como se trabalha com os actores. Atraía-me muito a ideia de fazer um “filme feminino”, da mesma maneira que fiz “Em Paris”, com Romain Duris, Louis Garrel e Guy Marchand. Era um “filme masculino” sobre como os homens se tornam pais, e o que significa ser um homem.

Escreve os seus filmes a pensar em certos intérpretes. Interessante, portanto, trabalhar com a sua “família de actores”?

Agrada-me a ideia de ter uma trupe à minha volta, pessoas com quem sei que poderei contar e cujo talento admiro. Interessa-me ter actores a quem posso propor papéis muito diferentes, como se fôssemos uma companhia de teatro. Tem a ver com os desafios que cada filme propõe e com uma vontade de sugerir coisas diferentes aos actores com quem trabalho.

Consegue, dessa forma, reunir diferentes linhagens do cinema francês. Neste filme, para além de Mastroianni, existe uma outra presença forte, a de Marie-Christine Barrault, que evoca outros filmes e papéis femininos, pois está muito ligada ao seu papel em “A Minha Noite em Casa de Maud”, de Éric Rohmer...

É uma tentativa de mostrar que a história →

Marie-Christine Barrault (em cima) e Marina Fois (em baixo), as duas outras mulheres deste filme feminino



← ria do cinema passa também pelos seus actores. Os meus filmes passam ← cada vez mais pela interrogação daquilo que é, hoje em dia, o cinema francês. Ainda existirá uma ideia de cinema francês tal como existiu na “Nouvelle Vague” e que possamos defender ainda hoje, num tempo em que à partida isso já não interessa a ninguém? Gosto de me confrontar com actores que participaram em filmes antes de eu chegar ao cinema. Os filmes que faço hoje com eles carregam todos os filmes que se filmaram antes de mim. Em relação a Marie-Christine Barrault, creio que sempre teve uma imagem muito doce, um lado bastante católico e de mãe de família, mas que tem, por outro lado, um lado mais voraz, tal como aparece em “Recordações” do Woody Allen: alguém que acaba por ver os seus desejos sexuais afirmarem-se mais do que o seu pudor. Interessou-me muito essa ideia: uma superfície doce e um lado mais provençal, numa personalidade que acaba por ser descomplexada a revelar os seus desejos mais apaixonados que a superfície não deixa expor. Interessava-me também trabalhar com actores como Louis Garrel, que filmei desde os seus inícios, e por outro lado, com actores de outros universos, alimentando-me da diferença que trazem para os meus filmes.

Ao ver obras mais recentes do cinema francês, vemos que existe uma tendência em fazer filmes à volta de famílias. Olivier Assayas e Arnaud Desplechin fizeram “Tempos de Verão” e “Um Conto de Natal”, respectivamente. Quais são as diferenças entre as sensibilidades destes filmes e o seu?

A família é algo que está muito presente no cinema francês, tal como, de outra forma, no cinema americano. Filma-se a família com um “local de ficção”. É verdade que esses filmes surgiram num curto espaço de tempo e que mostram um determinado enquadramento familiar. São obras que lançam também um olhar sobre as diferenças entre a metrópole de Paris e as casas de província, com uma mistura de actores que evoca um espírito de companhia teatral. Tanto Assayas como Desplechin são cineastas que admiro imensamente, mas não fazem bem parte da minha geração. Começaram a fazer filmes há bastante mais tempo e os seus trabalhos re-

flectem outras coisas. Nos filmes de Desplechin, sentimos algo ligado ao romanesco, uma lógica de ajuste de contas familiar e uma vontade de criar famílias algo monstruosas, no seu estilo grotesco. No centro do cinema de Olivier Assayas, vemos outra coisa: a herança que a sociedade francesa actual recebeu da França que existia antes. Admiro muito esses filmes, mas não sei se o meu filme, por retratar uma família na sua casa de província, terá mais pontos em comum com eles. Houve um filme japonês importante: “Andando”, de Hirokazu Koreeda. Inspirou bastante a criação da personagem de Léna como alguém que regressa aos pais e sente dificuldade em ser tratada como um adulto.

Uma cena importante do filme leva-nos a outra tradição do cinema francês - a tradição teatral. Trata-se da cena da dança, que é adaptada de um conto da Bretanha. Essa tradição é bastante forte em cineastas como Jacques Rivette. O Christophe Honoré está mais associado a um cinema que se apoia na literatura, sendo que também escreve livros. Sente-se, de alguma forma, ligado a essa tradição teatral?

O que é interessante no cinema francês é existir tanto uma forte ligação à literatura como ao teatro. Interessava-me, tanto a mim como a alguém como Arnaud Desplechin, trabalhar uma linguagem que não pretenda ser ultra-realista. Gosto dos filmes que propõem catarses ao espectador, mas que passem, também, por um certo artifício. Não quero fazer filmes que sejam apenas um espelho da vida e da realidade social. Este filme baseia-se numa crónica familiar realista, mas a presença desta cena de dança permite partir o corpo realista que o filme impôs ao espectador até esse momento, e lembrar-lhe, através de uma sequência num tempo longínquo e com códigos diferentes, que está a ver um filme.

Foi isso que quis fazer também quando pôs os actores a cantar em “As Canções de Amor”?

Exactamente. Foi o reflexo de uma vontade de filmar de maneira simples e directa, mas também a vontade de lembrar ao espectador que estamos, de facto, no cinema.

Com “Em Paris”, “As Canções de Amor” e “La

Belle Personne”, ganhou a reputação de ser um cineasta parisiense. Sentiu a necessidade, neste filme, de regressar às suas origens na Bretanha, ao seu passado e à sua família?

Sim, a verdade é que já estava um pouco farto de filmar a cidade, queria filmar outras paisagens. Apesar de não ser algo que me incomode profundamente, essa definição de “cineasta parisiense” é um pouco cínica, visto que cheguei muito tarde a Paris e que tenho um olhar algo provinciano sobre a cidade. Não sou parisiense, por isso não me vejo como um cineasta de Paris. Sei que vou lá filmar bastante no meu próximo filme, mas também sei que existe a ideia, no cinema francês, de que Paris tem uma influência algo vampírica na sua própria ficção.

A sua obra mais recente - “Homme au Bain” -, representa uma certa mudança em relação aos seus filmes precedentes. O que mais o desafiou, ao filmar com um actor que vem do cinema porno, por exemplo?

É uma experiência que vejo, agora, não ser tão fácil e tão compreendida. Tenho vontade de experimentar coisas diferentes, mas, como o cinema é uma arte cara, sentimo-nos muitas vezes presos. Por ter, de repente, a tecnologia que permite filmar de forma mais fácil e rápida - este filme foi filmado com uma máquina fotográfica em apenas uma semana -, arrisquei. As pessoas estavam mais disponíveis, pude trabalhar de maneira mais concentrada na

representação da homossexualidade: filmar corpos nus, criar uma ficção que não passasse tanto pelo diálogo. Vejo-o como um trabalho muito livre e experimental. O filme foi seleccionado para o Festival de Locarno, o que significa que terá uma saída comercial nas salas. Isso coloca-o num patamar igual ao dos outros [filmes que eu fiz], o que é estranho. Não significa que não goste dele, pois tem muitas coisas que me interessam muito, mas é difícil. É um filme centrado num lado mais sexual, o que choca ainda muitas pessoas que estejam apenas à espera de mais um filme meu, na sequência dos outros que já fiz, e que surge propositalmente como um objecto algo incompleto. Reflecte a minha vontade de experimentar coisas dentro do

“Gosto de me confrontar com actores que participaram em filmes antes de eu chegar ao cinema. Os filmes que faço hoje com eles carregam todos os filmes que se filmaram antes de mim”

meu ofício, sem ser de forma muito pretensiosa.

Mas é um filme sobre a sexualidade, algo que não é necessariamente novo no seu cinema. O que procurava mostrar?

A representação da sexualidade sempre foi trabalhada de forma diferente por vários cineastas. Mas relativamente à homossexualidade, ainda não foram feitos muitos filmes. Não é exactamente a mesma coisa termos dois rapazes a fazer amor do que termos um rapaz e uma rapariga. Não tinha, de todo, vontade de filmar pessoas que fizessem amor e mais nada. Interessava-me mostrar que a homossexualidade é muito plural, que existem muitos corpos diferentes. Fui buscar o François Sagat [estrela do cinema porno francês], que é uma imagem masculina muito forte e que se tornou na representação cliché da homossexualidade. Quis confrontá-lo com corpos actuais, que são muito diferentes e não se encontram no mesmo registo. Quis construir uma ficção à volta disso e contar, ao mesmo tempo, aquilo que é um sentimento amoroso quando se filma muito sexo. Penso que é um filme muito doce. Estou no exacto oposto daquilo que são cineastas provocadores como Bruce LaBruce ou Catherine Breillat. Não tenho nenhum prazer em chocar. Fiquei um pouco surpreendido com a reacção ao filme em Locarno, com as pessoas que sentiram agredidas. Sei que se tivesse filmado um casal heterossexual, não se teriam sentido assim.

Ver crítica de cinema na pág. 42 e seqs.



Honoré construiu uma família no cinema francês: dela fazem parte Louis Garrel e Chiara Mastroianni

Arnaud Desplechin e Olivier Assayas: outros cineastas franceses que recentemente se viraram para o tema da família



Mas o que é isto?

Veneza não sabe que não é “isto” que se espera de um filme de autor português?

“Isto” sendo um filme “de aventuras” com piratas anarco-tecnológicos à solta numa caravela chamada Vera Cruz, que é também um filme “musical” com músicos que não cantam, um filme “fantástico” à volta da utopia e da criação, e um filme “de geração” com uma sensibilidade “slacker” e descontraída, nos antípodos da imagem que se faz hoje em dia da cinematografia portuguesa à conta da austeridade de Pedro Costa ou Manoel de Oliveira.

Pelos vistos, não. O Festival de Veneza aceitou “A Espada e a Rosa”, primeira longa-metragem de João Nicolau, 35 anos, e colocou-a a concurso, no mesmo patamar de gente como José Luís Guerín ou Paul Morrissey, Guillermo Arriaga ou Vincent Gallo

(e até Manoel de Oliveira, cuja curta sobre os Painéis de São Vicente de Fora faz parte da selecção), na secção paralela Orizzonti (“as novas direcções do cinema mundial”).

Sem problemas com o facto de, com 2h20 de duração, “A Espada e a Rosa” ser a mais longa escolha da secção este ano, ou de o filme (apesar dos pontos de contacto com os filmes de Miguel Gomes) não se parecer com mais nada que o cinema português tenha feito nos últimos anos.

Questão que, aliás, também não incomoda Nicolau por aí além. “Espero bem que não, nunca houve essa vontade da minha parte”, diz-nos ele ao princípio da tarde de um sábado quente num café de Telheiras, bica e copo de água à frente, maço de cigarros e isqueiro a jeito. “Não tenho uma relação tão pensada quer com o meio quer, com o cinema português. Faço filmes, este como os outros que fiz e

os que espero fazer a seguir, apenas pela lógica daquilo que me dá gozo. Não gozo de gargalhar, mas gozo de tirar alguma coisa do próprio processo de feitura sem me preocupar muito em que estética ou em que corrente vai ser integrado pelos outros.”

Mesmo que exista um certo nível de expectativas por “A Espada e a Rosa” ir a Veneza? “Confesso que estou muito curioso. Há uma alegria enorme, quase ao nível da fascinação, e ao mesmo tempo fico bastante apreensivo, porque sei que apesar de tudo é um filme que pode ser algo duro, pela duração que tem, pela linguagem que utiliza. E nos grandes festivais há muito aquela coisa de supermercado, de as pessoas entrarem, espreitarem, verem meia hora e irem para outra projecção... Mas para o filme é excelente, porque lhe vai permitir ser seleccionado para outros festivais, ser visto por outras pessoas, e pode gerar



também alguma curiosidade junto do público português.”

Nicolau não é exactamente um novato em festivais: as suas duas curtas, “Rapace” (2006) e “Canção de Amor e Saúde” (2009), foram à Quinzena →

“A Espada e a Rosa” não se parece nada com o cinema português dos últimos anos

Cinema

O que é isto, João Nicolau?

“A Espada e a Rosa”, inclassificável primeira longa-metragem de João Nicolau, está a concurso no Festival de Veneza. O realizador explica o suficiente para percebermos porque é que este filme de utopias, aventuras, solidão e fim de Verão faz figura de óvni no cinema português. *Jorge Mourinha*

A primeira longa de João Nicolau, 35 anos, vai a concurso ombro-a-ombro com filmes de Vincent Gallo, José Luis Guerín, Guillermo Arriaga: “Estou muito curioso, e ao mesmo tempo bastante apreensivo”



WWW.FESTIVALFLAMENCODELISBOA.COM

FLAMENCO

Lorca em Lisboa

2010
3º FESTIVAL DE FLAMENCO

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

EMRÍQUE MORENTE

15 SETEMBRO 21:30

CAÑIZARES
MARCO ALONSO

16 SETEMBRO 21:30

MIGUEL DE TENA
E FAMILIA VARGAS

17 SETEMBRO 21:30

Local de venda:
Bilhetaria Teatro Nacional de São Carlos / El Corte Inglés (Bilás / Fines /
Lis. Bulbova (Ovras Park) / Lojas Viajosa ABBRU /
Wieros Pontos Megarede e www.ticketline.sapo.pt / 707 234 234



APÓIOS INSTITUCIONAIS



APÓIOS



MEIOS PARTNERS



APÓIO LOGÍSTICO



“Construí [‘A Espada e a Rosa’] como um épico - o argumento era muito maior, a rotação também, e mais não pôde ser porque um filme vive também dos constrangimentos práticos que o afectam”

“É um filme de utopias, que trabalha e relativiza essa ideia, e é um filme de aventuras que passam muito pela sociedade que se propõe.”

Ou ainda: “É um filme de fim de Verão, porque essa ideia do fim do Verão ser o fim do mundo, como diz a certa altura uma personagem, resume um pouco o espírito do filme.”

Ou também: “É um pouco sobre a tensão entre acomodarmo-nos ou não, entre compreender que existe um individualismo irremediável mesmo quando gostamos de estar em sociedade.”

Ou, mais pragmaticamente: “Construí-o, quase entre aspas, como um épico - o argumento era muito maior, a rotação também (a primeira versão tinha três horas) e mais não pôde ser porque um filme vive também dos constrangimentos práticos que o afectam.”

Para quem vê, é um filme cinéfilo (cita os filmes de piratas, os filmes musicais, a ficção científica clássica).

“Talvez porque sou um bocadinho mais inocente e ainda acredito numa coisa mais clássica”, explica João Nicolau. Mas entre uma olhadela ao jogo do Chelsea no televisor do café e mais um cigarro, João Nicolau avança que isso é mais “questão de gosto propriamente do que de frequência”: “Não sou cinéfilo, nunca fiz a escola de cinema, nunca sonhei fazer filmes - estudei Antropologia, fiz o mestrado em Antropologia Visual, convidaram-me a trabalhar em montagem, um dia arrisquei fazer uma curta e agora cheguei a fazer uma longa. Não passei muitas horas da minha juventude a ver filmes e a discuti-los. Há imensos filmes do Howard Hawks que não vi, só há relativamente pouco tempo é que descobri musicais de um dos meus realizadores preferidos, o Vincente Minnelli, como a ‘Gigi’ ou ‘O Pirata dos Meus Sonhos’. Como qualquer pessoa da minha geração, devo ter crescido a ficar fascinado com as coisas do David Lynch e do João César Monteiro, quando há um filme do Otar Iosseliani ou do Aki Kaurismaki gosto de ver, mas isso é mais uma questão de serem os filmes que gosto de ver.”

Se “A Espada e a Rosa” é um filme que outras pessoas vão gostar de ver, logo se verá - a passagem na secção Orizzonti é na próxima quarta, dia 8, em sessão aberta ao público; a estreia em sala por cá só muito mais lá para a frente.

João Nicolau já está descansado com uma coisa, no entanto: o seu não é o filme mais longo de Veneza 2010: “À mesma hora passa o filme do Abdellatif Kechiche na competição, que ainda é maior que o meu. Tem 2h40.”

← dos Realizadores em Cannes, pelo que a experiência do grande certame internacional já não lhe cria taquicardia. “Tive a sorte de a minha primeira curta ter sido seleccionada para a Quinzena - eu só queria provar a mim próprio que poderia fazer um filme, e o choque foi tão grande que, mais do que as expectativas, havia já um misto de alegria e fascínio por poder difundir o filme nesses sítios. Mas são coisas que escapam completamente ao criador do filme. E também não se pode atribuir demasiada importância a isso.”

O sonho comanda o filme

“A Espada e a Rosa”, então. A Espada é o símbolo do Plutex, uma substância primordial capaz de tudo e mais alguma coisa. A Rosa é um pirata reformado e misantropo com mau feitio que se desmultiplica em Michael Biberstein, Luís Miguel Cintra e José Mário Branco.

Há também o Manuel (o músico e cúmplice Manuel Mesquita, que já participava na primeira curta de Nicolau, “Rapace”): vive de biscates, evita o fiscal, tem um gato chamado Maradona (que rouba o filme sempre que entra) e abandona tudo para ir para alto mar com os piratas da caravela. Há canções, aventuras, piadas privadas, raptos, empregadas brasileiras, francesas petulantes, traições, cinema mudo, engenhocas e alemães com helicópteros.

Nas palavras de um dos três Rosas no final do filme, “sonho, amor, arte, ciência, literatura, música, tecnologia, café e rum”.

“Holy Santa Maria fuck!”, diz algo em a certa altura, e dizemos nós. O que é isto, João Nicolau?

Filme de utopias, de fim de Verão (ou de fim do mundo), ‘A Espada e a Rosa’ é também um objecto cinéfilo, que cita as aventuras de piratas, os musicais e a ficção científica clássica

a semana

MIGUEL SILVA



Fanfarlo O indie que fala sueco (com sotaque londrino) revela-se no Lux. Pág. 36



Sita Valles Reencontrada, numa biografia que é também uma História de Angola. Pág. 31

Gore Vidal “Washington D.C.”, primeiro volume da saga sobre o lugar a que este escritor chama casa: os corredores do poder americano. Pág. 30

m/18
GULO
EM

GRANDES

ENTRADA
LIVRE

CONCERTOS 23h00

DJ até às
03H00

todas as
5^{as}

DO CASINO 2010

CASINO
ESTORIL
www.casino-estoril.pt

Nouvelle Vague meets
Rui Pregal da Cunha 2-set



Rui Veloso

9-set



Visite a página Casino Estoril Red Carpet no Facebook e acesse a passatempo exclusivos, bilhetes para espectáculos e muitos outros prémios.

UXXU
www.uxxu.pt

Programa sujeito a alterações

Reservas:
info@dlounge.net | +351 919 938 114

Livros



Polêmica

O novo romance de **Michel Houellebecq**, "La Carte et le Territoire", foi arrasado por Tahar Ben Jelloun, escritor membro da Académie Goncourt, que atribui o prêmio literário homônimo. Num artigo no "La Repubblica", Tahar Ben Jelloun desfaz o livro,

criticando tudo, da presença de Houellebecq como personagem da sua própria história às abundantes referências a marcas: "Que novidade nos oferece este romance? Alguma conversa sobre a condição humana, uma escrita afectada (...), um bocado de publicidade

para alguns produtos". "La Carte et le Territoire", que sai esta semana, era, dizia-se, o romance com que Houellebecq ia finalmente ganhar o Goncourt. Agora sabe-se que pelo menos um dos dez membros do júri não estará muito para aí virado...

Ficção

A cozinha dos lençóis

Gore Vidal à porta de um clube muito exclusivo: o poder norte-americano.
João Bonifácio

Washington D.C.
Gore Vidal
(Trad. Maria João da Rocha)
Casa das Letras

★★★★★



Podemos defender que, até um certo ponto, a literatura possa ser "lida" sem contexto e que, face a um poema, conto, enfim, romance, o leitor, sem qualquer acesso às notas de rodapé históricas que levaram à prossecução da obra, "entende-a". É uma tese válida apenas enquanto "pede" à obra que mantenha uma certa "legibilidade" paratemporal, isto é, que não se deixe submergir de tal modo no tempo da sua acção e da sua escrita que a torne ilegível sem manual de instruções.

Mas nenhuma obra resiste verdadeiramente à passagem do tempo, razão pela qual mesmo os clássicos são "reescritos" à luz das mudanças da língua. E no caso particular de um escritor como Gore Vidal, é difícil não trazer o contexto pessoal do escritor para os romances históricos americanos: Vidal faz parte das mais poderosas oligarquias americanas, o que traz ao conjunto de obras que produziu (e que retratam as altas esferas do poder na vida americana) uma credibilidade que mais ninguém tem. Não podemos escapar ao contexto e neste caso não podemos sequer escapar à visão que o autor tem do seu contexto: no texto de introdução a esta reedição de "Washington D.C.", o primeiro livro que Vidal escreveu da mencionada saga (embora posteriormente tenha escrito outros que se situam antes deste, nomeadamente "Empire", que antecipa a personagem de Blaise Sanford, homem dos jornais, e da sua meia-irmã, que rivalizou com Randolph Hearst nos media escandalosos), Vidal defende o romance histórico face àquele em que cada um conta a sua historizinha.

É, claramente, um argumento falacioso, por duas razões: tal como quando um romancista conta a sua (ou da vizinha) historiazinha para chegar a algo mais lato e a que por

norma chamamos erradamente "universal", também esta saga parte de factos reais, uns conhecidos outros apenas acessíveis aos Vidais deste mundo, para chegar a essa tal "universalidade"; e, segunda razão, essa "universalidade" não é mais do que mostrar como os fios invisíveis que fazem o mundo girar são, muitas vezes, baseados em mesquinha, nas simpatias pélvicas ou em minúsculos detalhes que, noutro contexto social, seriam conversa de porteira.

Neste caso tudo começa em 1937, quando Roosevelt está no poder. Roosevelt não é uma personagem, os bastidores dos seus inimigos sim: o senador James Day (que na dúvida escolhe sempre não actuar), a sua filha feia, recta e posteriormente esquerdista adúltera, a sua mulher incontinente verbal, o poderoso Blaise Sanford, com a sua filha Enid e o seu filho Peter, tendencialmente anafado, tendencialmente apagado. Todas estas personagens se entretêm em pequenos jogos de manipulação, adulação e pequenas traições. Vindo do nada há uma personagem fundamental, Clay Overbury, assessor do senador, que gostaria de casá-lo com a filha, apaixonada que esta está por ele. Mais tarde ela casará com um esquerdista radical

sem uma perna, que depois deixará de ser porque a todos chega o momento de vergar - quando não se vergam, acontece o que aconteceu a Enid, que casará com Clay e se entregará ao deboche e à dissolução, não se sabe se à conta da indiferença deste se à conta da indiferença do pai, se à conta de tudo isto. Este é o valor fundamental de "Washington D.C.": todos têm de pactuar com alguma coisa. O senador, para conseguir ser eleito, tem de ser um pouco menos honesto; Clay tem de envergar um fato que não é o seu (mas que deseja profundamente) e, chegado o momento, trair quem mais o apoiou; Blaise tem de pôr a sua máquina mediática ao serviço de quem mais lhe convém, nem que para isso tenha de sacrificar a filha. E Enid comete o erro de dizer ao pai que este está "apaixonado" pelo genro. Mais do que uma insinuação homossexual, esta é a grande reflexão de Vidal sobre o poder: o homem que mexe os cordelinhos enamorou-se da sua criação e está disposto a destruir a sua própria criação por simples furor narcísico. Bem vistas as coisas, podemos concluir que Vidal funciona como porteira, mas como porteira de um clube muito exclusivo: o clube dos

que mandam nos EUA. Tudo o que aqui se narra podia pertencer a meia-dúzia de episódios de "Donas de Casa Desesperadas". Só que o diabo do contexto de Vidal, a bomba nuclear (que também por aqui passeia), a noção de aqui começa o Império americano, tudo isso não nos deixa de provocar um pequeno arrepio na espinha. Mas, enfim, a história sempre se jogou na cozinha e nos lençóis.

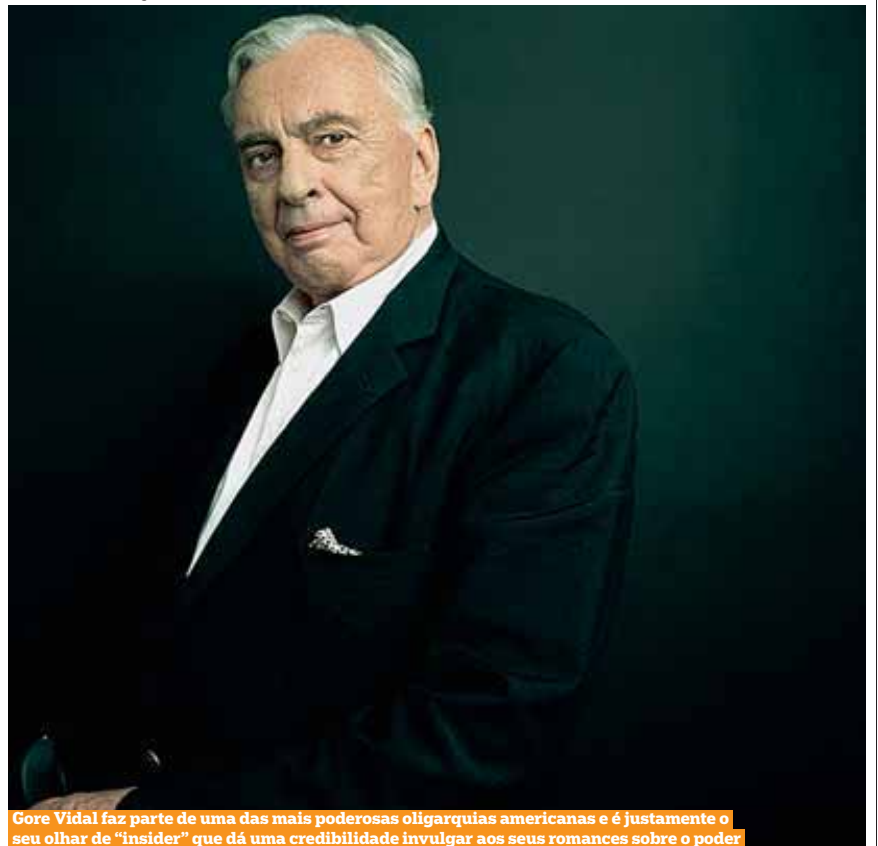
O Verão verdadeiro

Tordo demarca-se da aura do escritor, mas não abdica do jogo paródico nem da intertextualidade.
Eduardo Pitta

O Bom Inverno
João Tordo
Dom Quixote

★★★★★

A literatura comparada também é isto: com 48 horas de intervalo, dois escritores nos antípodas um do outro, o americano Bret Easton Ellis



Gore Vidal faz parte de uma das mais poderosas oligarquias americanas e é justamente o seu olhar de "insider" que dá uma credibilidade invulgar aos seus romances sobre o poder.



A tragédia de Sita Valles abate-se sobre o leitor, neste livro da jornalista Leonor Figueiredo, de forma quase íntima, familiar



(n. 1964) e o português João Tordo (n. 1975), repetem as mesmas ideias de forma quase literal.

Entrevistado pelo Ípsilon, Ellis afirma: "Não me preocupo com a Literatura." Põe aspas em literatura. Entrevistado pelo "Í", Tordo diz o que pensa do caso português: "Existe um conjunto de regras das quais não se deve sair se queremos fazer o que cá se chama literatura." Tal como Ellis, que evita o Panteão americano (James, Faulkner, Bellow, etc.), Tordo faz questão de deixar claro que "o que cá se chama literatura" pode não ser literatura, de facto. É o postulado de quem escreve ao arripio dos experimentalismos abjeccionistas e metafísicos que fizeram o mito da "ficção" portuguesa dos anos 60. (Quem a lê hoje?) Não está sozinho: Paulo Castilho, Hélia Correia e Ana Teresa Pereira, para dar exemplos claros, são predecessores bem sucedidos. Mas Tordo é o primeiro da sua geração a demarcar-se sem complexos da aura do escritor. Ainda que possa dizer, como a Llansol disse de si mesma: "escrevo sem romantismo, sem drama e sem consolação". O futuro dirá se valeu a pena.

"O Bom Inverno" é o quarto (e o melhor) romance do autor, que se estreou na literatura em 2004, depois de ter feito jornalismo literário e escrita criativa. No dia em que decidiu escrever o primeiro romance, "O Livro dos Homens Sem Luz", mandou o curso de Nova Lorque às urtigas. Aparentemente, não perdeu nada. A segurança da voz dá a medida do domínio dos recursos estilísticos.

Como em livros anteriores, a acção tem lugar fora de Portugal. O narrador é português e, apesar da pouca idade, coxo.

(Coxo à maneira do Dr. House, com pose, bengala Rosewood e consumo imoderado de vicodin.) O expediente ilustra o óbvio: "O ponto de vista é a condição primeira da narrativa e a narrativa a condição primeira da ficção." Vem a propósito notar que seria temerário confundir o narrador com a pessoa do autor. À

laia de "companion" de narratologia, as extensas notas de rodapé que fecham cada secção (não confundir com capítulos) sinalizam o subtexto com grande minúcia.

O narrador vai de Lisboa a Budapeste participar num ciclo de conferências, e é na capital húngara que conhece as personagens que animam a intriga. Em pouco tempo estamos enredados num "thriller" contagiante sobre o desejo e as expectativas de um grupo de criadores jovens que tudo fará para "agitar as águas" em Sabaudia: "Os verões na propriedade de Metzger são conhecidos na comunidade artística internacional, e não apenas a do cinema." A escolha de Sabaudia para cenário da história estabelece um contraponto irónico com as contradições sociais e políticas da contemporaneidade. Sabaudia é uma estância balnear italiana da região do Lácio, frequentada por homens tão diferentes quanto Mussolini e Pasolini, famosa pelo urbanismo de Cancellotti, Montuori, Scalpelli e outros arquitectos fascistas. É lá que Vincenzo e os amigos encontram a prova da sua finitude: "Todos a carregamos connosco de uma maneira ou de outra, porque estamos agora e para sempre predestinados ao fracasso." Faz parte do jogo paródico que os protagonistas se chamem Vincenzo Gentile e Don Metzger.

O desenlace lembra "A História Secreta" (1992), de Donna Tartt. De certo modo, a propriedade de Metzger é o equivalente boémio de Hampden; e o narrador podia ser Richard Papien: "Se, por hipótese, nenhum dos presentes fosse culpado do assassinato de Don Metzger, isso só serviria para suscitar ainda mais incógnitas: quem então o fizera?"

Apesar das diferenças



"O Bom Inverno" é o quarto e melhor romance de João Tordo

geracionais, o imaginário de Tordo tem afinidades com o de Tartt. Verosímeis, os diálogos são

adequados às circunstâncias e às personagens. Contrariamente ao que tantas vezes sucede na literatura portuguesa, ninguém se exprime como se estivesse a invocar o senhor Manuel Luís de Sousa Coutinho (cf. Garrett) numa sessão espírita. Essa desenvoltura contribui para sedimentar o "plot", mantendo a fluência do ritmo narrativo.

Biografia

A revolucionária sem medo

"Sita Valles - Revolucionária, Comunista até à Morte" não é um romance, antes um olhar sobre um episódio da História de Angola. Ainda que por vezes Sita Valles se confunda com a heroína de uma trágica ficção. Ana Dias Cordeiro

Sita Valles - Revolucionária, Comunista até à Morte (1951-1977)

Leonor Figueiredo
Altheia Editores



Sendo este um livro que conta a história da vida da revolucionária angolana Sita Valles e, ao mesmo tempo, retrata um episódio trágico da História de Angola, o seu desfecho está selado.

Aconteceu em 1977, o 27 de Maio. E, sobre ele, não há um voltar atrás. Sita Valles desapareceu. Não se sabe onde repousa. Apenas se sabe que teve um fim insuportável. Porém, a inevitabilidade dos acontecimentos

é-nos revelada em ritmo lento, de forma quase inesperada - como se fosse possível esperar outro final, menos trágico.

Sita Valles foi executada (como muitos milhares de pessoas), depois de violada por agentes da polícia política (DISA) do regime do Presidente Agostinho Neto, num país que vivia os primeiros tempos - com encantos e desencantos - de uma independência declarada em Novembro de 1975. Estava prestes a fazer 26 anos. Tinha um filho de seis meses, e possivelmente estaria grávida de um segundo. Dedicara a vida a um ideal, a uma revolução. Entregou-se à luta antifascista e anticolonial em Portugal e, mais tarde, em Luanda, junto do movimento dos "nitistas", que contestava o rumo seguido pela liderança de Agostinho Neto e do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) e era liderado por Nito Alves. Este tinha a seu lado José Van-Dunem, companheiro e pai do filho de Sita Valles.

A intensidade dos acontecimentos abate-se no livro da jornalista Leonor Figueiredo de forma quase íntima, com o discreto apagar de um pai, Edgar Francisco Valles, subjugado pelo desgosto, e as súplicas de uma mãe incrédula, Lúcia Valles, incrédula, em cartas sem resposta dirigidas ao ministro da Justiça a perguntar pela filha e pelo filho Ademar, depois do desaparecimento de ambos. Apesar de ser do MPLA, Ademar não era militante do partido e não estava envolvido na política ou no movimento nitista. Mas também ele foi preso e executado, por ter o nome Valles - tal era a frieza do sistema, tal era a influência de Sita e o impacto do seu activismo.

Quando nasceu em 1951, os seus pais, como que adivinhando um percurso excepcional, escolheram para ela um nome que aludia à deusa Sita, "personagem de um épico hindu, símbolo da mulher ideal, brilhante e com uma força e uma coragem únicas". A menina angolana, de uma família de Goa,

estudante de Medicina primeiro em Luanda e depois em Lisboa, tornou-se numa distinta líder do movimento estudantil na União de Estudantes Comunistas (UEC) e depois num dos nomes mais importantes da contestação ao poder de Agostinho Neto, dentro do MPLA. (A saída do PCP foi-lhe imposta quando decidiu regressar a Angola, em 1975.)

No momento do fuzilamento, Sita Valles quis olhar de frente os seus carrascos, recusando a venda nos olhos. Morreu como viveu e como abraçou a causa da revolução - sem medo. A sua morte foi um choque para muitos que a conheciam e que a lembram, neste livro, como uma figura exemplar, uma líder estudantil insubstituível, carismática e inteligente, idealista e sonhadora, e ao mesmo tempo organizada e com uma capacidade de trabalho e de argumentação ímpares.

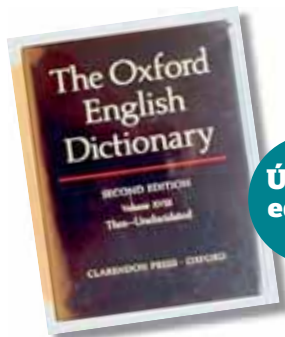
Vítima dos acontecimentos? Ou dela própria? Sita Valles entregou-se com uma tal intensidade à luta que a pergunta se coloca. Para a maioria ela foi corajosa, para alguns foi imprudente.

O livro deixa outra questão em aberto - o 27 de Maio foi "um golpe", "uma acção?" - e relembra a tese de que a intenção dos "nitistas" era enfrentar o poder, contando com o apoio de uma parte do Exército e das tropas cubanas, o que não aconteceu.

AGENDA CULTURAL FNAC
entrada livre



LANÇAMENTO
MORRO BEM, SALVEM A PÁTRIA!
Livro de José Jorge Letria
Apresentação por Annabela Rita e Miguel Real
09.09. 18H30 FNAC COLOMBO
Todos os eventos culturais FNAC em <http://cultura.fnac.pt>



Última edição

O **Oxford English Dictionary** (OED), a principal obra de referência da língua inglesa, vai deixar de ter uma versão impressa. A quebra nas vendas, provocada pela crescente popularidade das alternativas “on-line”,

ditou esta decisão, que afectará já a terceira edição do OED: “O mercado dos dicionários impressos está a desaparecer”, disse Nigel Portwood, director executivo da Oxford University Press, ao “Sunday Times”. A nova edição do OED, que

começou a ser preparada há 21 anos por uma equipa de 80 especialistas, vai sair apenas em formato electrónico. Não há ainda data de lançamento prevista, mas estima-se que faltem mais de dez anos para que a obra esteja completa.

Várias versões se cruzam. Os números dos mortos que não deixaram rasto nem registos apenas podem ser aproximados. Muita gente continua a não querer falar sobre o que se passou. Por receio ou para não despertar os seus próprios fantasmas. Mais de 20 mil pessoas terão desaparecido, entre os quais portugueses do PCP que viviam em Luanda. Muitas outras foram torturadas. Sobreviveram ou não. Esta ainda é uma história por contar. E o que nos dá este livro é uma parte dessa história, bem como um olhar humano sobre uma figura heróica que, para alguns, pecou pelos excessos e, para outros, fez apenas aquilo que acreditava ser justo para contribuir para um mundo melhor.

Muito dizem da época que se vivia os testemunhos e documentos publicados pela ex-jornalista do “Diário de Notícias”: os discursos de Agostinho Neto em que este anuncia que não haverá perdão para os “fracionistas”, os apelos ao povo a pedir ajuda para prendê-los, os editoriais no “Jornal de Angola” a diabolizá-los. Ou as cartas pessoais dos familiares de Sita.

Depois do 27 de Maio, o silêncio das autoridades sobre os desaparecidos adensa o medo que se adivinha nas ruas e nas casas de outras vítimas. A tragédia é a de um terror organizado e imparável, como que anestesiado, contra os que desafiam a política do MPLA.

Nito Alves, o carismático líder afastado, como José Van-Dunem, dos importantes cargos que havia ocupado no MPLA, ambicionava o lugar de Lúcio Lara, “número dois” do regime. Mas também acreditava que seria possível instaurar o poder

popular, conduzindo uma linha marxista-leninista dentro do MPLA. Estaria ele disposto a tudo? Terão as pessoas da direcção do MPLA encontradas às primeiras horas desse dia 27 de Maio sido mortas pelos “nitistas”, como fez crer o regime?

Sem o 27 de Maio, que MPLA teria Angola hoje? É outra questão, de resposta já impossível.

Ensaio

A crítica da crítica

Será o gosto o pecado capital da crítica?

Pedro Mexia

ABC da crítica
Nuno Júdice
Dom Quixote

★★★★☆



A crítica da crítica empreendida por Nuno Júdice neste breve ensaio peca por alguma imprecisão. Qual é o seu objecto? A crítica portuguesa?

Mas a “crítica portuguesa”, como Júdice reconhece, já não existe enquanto instituição estável e influente no espaço público. E os praticantes que ainda sobrevivem são demasiado diferentes para uma teoria global. Nuno Júdice diz, e é óbvio, que o

objecto da crítica é o texto, uma entidade que existe; mas o objecto desta crítica da crítica não existe exactamente. Pouco mais temos, em termos concretos, do que algumas picardias com os críticos de poesia do “Expresso” e uns sarcasmos avulsos.

Ou seja, há uma base polémica neste ensaio que parece mal conduzida. Acerta na água, uma vez que só existe água. A crítica em Portugal acabou nos tempos de Gaspar Simões e dos suplementos literários. Hoje ainda há uns quantos “críticos”, mas já não há “crítica”. E os críticos, ao contrário do que Júdice sugere, não têm grande autonomia. Textos curtos? As nefandas estrelinhas? Isso são ditames editoriais, que poucos críticos apreciam. O espaço da crítica luta todos os dias pela sua sobrevivência.

Dito isto, reconheçamos que Nuno Júdice escreve coisas sensatas neste pequeno manual de título poundiano, e que cita os mestres na matéria, de Eliot a Bloom. A crítica, diz Júdice, não é uma reacção imediata a um objecto, nem uma elaboração teórica, mas a leitura inteligente de um texto. A obrigação de ser inteligente, já reclamada por Trilling, é o primeiro dever de um crítico, que se põe no lugar do leitor e o guia. A crítica não é uma sentença, é uma iluminação.

Há por isso uma série de competências que se exigem a um bom crítico, nomeadamente capacidade de contextualização, acutância, brevidade, comunicabilidade. Todos conhecemos instâncias daquilo a que Júdice chama ignorância e biografia na crítica, bem como de impressionismo ou pseudocientismo. Mas aquilo que mais preocupa Júdice é que a crítica (portuguesa) se tornou, escreve, demasiado justiceira, relevando uma “forte resistência” aos autores portugueses. Júdice não dá exemplos que comprovem essa tese, e confunde a recepção crítica dos textos com outro tipo de opiniões do jornalismo cultural. E aí perde o rumo ao discurso. Quando Júdice diz que os escritores portugueses mais traduzidos são os mais importantes só pode estar a fazer género.

Em todo o caso, o argumento de Júdice dirige-se essencialmente contra o gosto. “O gosto é o pecado capital do crítico”, escreve. Especialmente atacada é a implacável “crítica-guilhotina”. E com razão. Mas é discutível chamar a essa prática “crítica de gosto”. Segundo o autor, o bom crítico distancia-se ao ponto de conseguir alguma objectividade, e é isso que faz dele um crítico. Mas essa descrição fraqueja. A objectividade, em crítica, fica-se pela ficha com o título e a editora. Tudo o mais é subjectivo. Um crítico não deve fazer

coincidir a qualidade literária com o pequeno reduto das suas preferências? É verdade, mas o gosto é mais do que isso. O gosto é uma forma de juízo, e a crítica de jornal, imediatista por natureza, exige um juízo.

“ABC da Crítica” inclui aliás uma passagem que reconhece isso. Um crítico tem uma espécie de “autoridade” que resulta da sua “voz”. O crítico não é neutral e inócuo, não é simplesmente analítico, porque, na imprensa, o leitor espera uma orientação prática. E nesse aspecto a empatia é essencial: “O que importa num discurso crítico é o reconhecimento da pessoa que está por detrás dele: para além da objectividade indispensável, há também um factor subjectivo fundamental para que se dê a empatia do leitor com a opinião do crítico. É essa qualidade de convencimento que o crítico tem de transmitir; e é por isso que, quando o crítico dispõe de uma qualidade, uma originalidade e uma percepção pessoal nos textos que escreve, eles sobrevivem e continuam a ser lidos” (p. 111). A subjectividade e o gosto, bem como a qualidade da escrita, não são desvários, mas os elementos que nos levam a seguir ou a rejeitar determinado crítico. Porque, e isso é importante, o leitor habitual e habituado também tem um gosto, e também escolhe os seus críticos. É tudo uma questão de gosto.

O amor em visita de estudo

Quietude ou arrebatamento? Segurança ou liberdade? Um pássaro na mão ou os outros a voar? O dilema amoroso é um quebra-corações. Até quebrou o discernimento do autor. Rui catalão

O Paradoxo do Amor
Pascal Bruckner
(Trad. Duarte da Costa Cabral)
Publicações Europa-América

★★★★☆



O trabalho de Pascal Bruckner (Paris, 1948) oscila entre reflectir sobre a relação do pensamento ocidental com o resto do mundo, e sobre aquilo a que podemos chamar as ideologias da sociedade contemporânea. Depois de “A Euforia Perpétua” (2000), e antes de

“Le Mariage d'Amour a-t-il Échoué?” (em português: o casamento por amor fracassou?), cuja edição francesa está prevista para este ano, “O Paradoxo do Amor” é mais uma espiral do autor em volta do tema da felicidade amorosa, desde que em 1977 publicou, em co-autoria com Alain Finkielkraut, “A Nova Desordem Amorosa”.

Partindo da herança da geração de 60/70 (a sua), que criou (e praticou) a ideologia da paz por via da libertação sexual, Bruckner analisa em “O Paradoxo do Amor” a sua consequência mais evidente: o dilema social transferiu-se para o foro íntimo. O que era uma fractura exposta tornou-se uma hemorragia interna. A sagração do erotismo (que gerou formulações carismáticas, como a “economia libidinal” de Lyotard ou as “máquinas do desejo” de Deleuze e Guattari) pacificou a sociedade, mas fez a guerra ao indivíduo: “Grande reviravolta: o prazer deixa de ser suspeito e passa a ser obrigatório, e todo o homem que se negue a ele possivelmente sofre de uma doença grave. Um novo terrorismo do orgasmo substitui as antigas proibições.”

Não há nada de novo na interpretação da relação amorosa como uma guerra e da dependência do casal como uma doença. O que Bruckner, autor do romance “Lua-de-mel, Lua-de-fel”, afirma, ao coligir os sintomas da vida contemporânea, acompanhados de velhos aforismos literários, é que “o velho mundo não morreu”: “O amor continua a ser uma aldeia encantada de onde estão excluídos os velhos, os feios, os disformes, os sem vinténs”. Mais: “O poder e a fortuna são factores eróticos, o conto de fadas continua muito próximo da conta bancária, ama-se sobretudo dentro da mesma classe social e do mesmo meio social e, se possível, num meio superior ao seu”. O amor como instrumento de uma “evolução espiritual” falhou.

“O que ganhámos com esta libertação? O direito a estarmos só! E este não é um pequeno passo, se nos lembrarmos que a igreja condenou, durante muito tempo, a autarcia (bastar-se a si próprio, não ter necessidade de ninguém), considerando-a uma prova de orgulho, e que o século XIX votava o celibato, com o seu perfume a onanismo e mal-estar material, ao opróbio (...). Subsiste a ideia de que estamos perante uma conquista negativa, pelo simples facto de uma pessoa não ser amada nem desejada por um outro.” Ou isso, ou o desejo de muitos: a vida sexual contemporânea não se distingue pela monogamia nem pela poligamia, mas pela monogamia em série: “Sentimos por este acervo de homens e de mulheres, que nos foram queridos, que foram amantes



O argumento de Júdice dirige-se essencialmente contra o gosto da crítica, ignorando a questão essencial: a crítica, em Portugal, acabou nos tempos de Gaspar Simões e dos suplementos literários



OLIVIER HANIGAN

Neste ensaio sobre o amor, a erudição habitual em Pascal Bruckner resvala para o senso comum

ardentes, que magoámos, que mal amámos, um enorme reconhecimento; eles fizeram de nós o que nós somos, e um pouco da sua essência continua entranhada na nossa carne”.

Outra distinção entre o antigo e o novo regime da vida amorosa: onde antes havia códigos e valores, agora impera uma cartografia de pormenores: “Um pequeno senão pode virar-se contra nós ou então jogar a nosso favor, a idade, a estatura, o aspecto, o vestuário, a voz (...). Quem não viveu essas reviravoltas instantâneas em que se passa do gostar ao não gostar só por causa de um pormenor, de uma careta, de um jeito de rir?”

Nesta nova economia, em que o negócio amoroso é mais liberal, os feios também participam, e muito activamente. O preço é escutarem as confidências dos amantes, e dos seus desgostos, abandonados que foram por quem era mais bonito. Ou talvez não: “Encontramos (...) na Internet ‘sites’ de apreciadores de obesos e de velhos de idade propecta, gerontófilos inveterados que denunciam o seu apetite pelos corpos delibitados ou envelhecidos. Extraordinária tendência que não deixa ninguém de fora!”

Pela mostra de citações, o leitor já terá notado que a confusão de Bruckner não é menor do que a dos amantes. Bruckner, que faz parte de uma geração de intelectuais com uma espantosa erudição, escreve sobre tanta coisa... até derrapar no senso comum e estatelar-se no não-importa-o-que. Há elegância na fluidez, no discorrer, as citações são abundantes e as anedotas ilustrativas generosas, mas o discurso é circular, contraditório, e a estrutura inexistente (apesar da aparente arrumação).

A capacidade de análise de Bruckner é semelhante à de alguém que observa os estilhaços de um vidro partido e em todos vê reflexos da realidade. Tudo acaba por ficar resumido a generalidades. A uma graciosa conversa de “bistrot”.

Nota sobre o tradutor: provavelmente até faria boa figura, não se desse o caso de o trabalho de revisão ter sido esquecido.



Isabel Coutinho

Ciberescritas

Os e-books do senhor Wylie

É assim que eles se apresentam: “As edições Odyssey são uma empresa de publicação de e-books destinada a levar clássicos de ficção e de não-ficção para os leitores a uma escala global.”

Quando chegamos agora ao “site” das Odyssey, somos informados de que os seus autores disponíveis são Saul Bellow, Jorge Luis Borges, William S. Burroughs, Louise Erdrich, Norman Mailer, Oliver Sacks e Evelyn Waugh. Há um mês não era assim.

Tudo começou quando Andrew Wylie, o mais famoso agente literário norte-americano, que representa cerca de 700 autores, abriu um “site” onde disponibilizou 20 títulos, antigos, de fundo de catálogo, de alguns dos mais importantes autores que agencia. Estavam lá obras como “O Complexo de Portnoy”, de Philip Roth, “A Cidadela Branca”, de Orhan Pamuk, “Filhos da Meia-Noite”, de Salman Rushdie, “London Fields”, de Martin Amis, a trilogia do Coelho, de John Updike, e “Lolita”, de Nabokov.

No “site”, estes livros podiam ser comprados através de um “link” que nos enviava para a loja Kindle da Amazon. Os eBooks não podiam ser adquiridos em mais sítio nenhum, nem noutra formato. Andrew Wylie tinha feito um acordo exclusivo com a empresa norte-americana. Isso enfureceu muita gente, porque o formato Kindle só pode ser lido em aparelhos comercializados pela Amazon ou, então, com a ajuda da aplicação desta empresa para telemóveis como o iPhone e o Blackberry ou para computadores (PC ou Mac) que tiverem instalado o programa disponibilizado gratuitamente. As obras ficariam à venda exclusivamente na loja Kindle durante dois anos a 9,99 dólares (o preço normal seria 15) e assim era excluída a leitura em qualquer outro aparelho.

Vale a pena navegar no “site” das Odyssey por causa das informações úteis sobre os livros

Quem não ficou nada contente com isto foi a editora norte-americana Random House. Enviou à Amazon uma carta a contestar o direito de Andrew Wylie poder vender estes títulos alegando que estavam sujeitos a contratos activos com ela. O passo seguinte foi ameaçar Andrew Wylie considerando-o um “concorrente directo”: não iriam fazer nenhum negócio de direitos para língua inglesa com a sua agência até que a questão estivesse resolvida. Wylie defendia-se dizendo que os contratos dos direitos destes livros tinham sido assinados antes de 2000, altura em que ainda não havia uma cláusula específica para os direitos digitais. Um mês depois, Andrew Wylie e o grupo editorial Random House sentaram-se a uma mesa e chegaram a acordo quanto aos direitos de e-books de fundo de catálogo. O agente literário, e agora editor, retirou do “site” da Odyssey vários dos e-books disponíveis. Ficaram só sete livros dos 20 anteriores. Apesar disso, vale a pena navegar no “site” das Odyssey por causa das informações úteis sobre os livros que vendem. Por exemplo, na secção do e-book “The Adventures of Augie March”, de Saul Bellow, é possível ler um excerto, um texto de Philip Roth sobre Bellow e ainda ver páginas do manuscrito. O mesmo acontece com outras obras. Estão lá pedaços dos manuscritos de Louise Erdrich, Oliver Sacks e Norman Mailer, entre outros.

Edições Odyssey
<http://www.odysseyeditions.com/>

The Wylie Agency
<http://www.wylieagency.com/>

isabel.coutinho@publico.pt

(Ciberescritas já é um blogue <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>)

6 a 10 | Seg a Sex Formação
Curso de Verão América Latina Hoje – 3.ª ed.
ISCTE-IUL

9 | Qui Música | Madre Tierra
22h00
Café-Concerto
CAL

11 e 25 | Sáb Teatro | Como se faz um País?
17h00
Espectáculo Histórico
CAL (11 México | 25 Chile)

14 | Ter Artes | Aventuras del Pincel
18h30
en el País de los Pixeles
CAL
Exposição de Pintura de Isabel de Anda (até 24 de Setembro)

15 | Qua Literatura | Amo Agora
18h30
Apresentação do Livro de Casimiro de Brito e Marina Cedra
Casa Fernando Pessoa

17 | Sex Reconhecimento | Prémio de Literatura
12h00
Casa da América Latina / BANIF
CAL
Cerimónia de Entrega do Prémio a Hector Abad Faciolince

21 | Ter Música | À Descoberta da América
21h00
Concerto de Orquestra pela
CCB
Metropolitano de Lisboa

23 | Qui Música | Latin Concepción
22h00
Ciclo Noites do Atlântico
MNAA

25 | Sáb Gastronomia | Oficinas de Cozinha
10h00
da América Latina
Cantina LX Factory (México)

28 | Ter Artes | Olhando para a América Latina
18h30
Exposição de Fotografia de Daniel Dujisin
CAL



* Programa sujeito a alterações

Avenida 24 de Julho, nº 118-B - Tel. 21 395 53 09
geral@casamericalatina.pt • www.casamericalatina.pt



UNIVERSIDADE CATOLICA PORTUGUESA | FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

THE LISBON CONSORTIUM

Programa de Mestrado e Doutoramento em Estudos de Cultura, em parceria com:



Candidaturas abertas até 9 de Setembro*
*Serviços encerrados de 16 a 27 de Agosto.

Contactos:
Tel.: 21 721 41 94 / Fax.: 21 721 40 82
E-mail: cnunes@fch.lisboa.ucp.pt / fabiola.mauricio@fch.ucp.pt

www.fch.ucp.pt

Exposições



Festival

A fotografia é um dos destaques da próxima edição do **Festival TODOS - Caminhada de Culturas 2010**, que ocupa o **Martim Moniz**, em Lisboa, de **16 a 19 de Setembro**. O Núcleo Fotográfico do Arquivo

Municipal de Lisboa recebe uma exposição de **Camilla Watson, Carlos Morganho, Cláudia Damas, Luís Pavão e Luísa Ferreira**: cinco olhares sobre a identidade múltipla do **Martim Moniz**,

um território estrangeiro mesmo no centro da cidade. A exposição pode ser vista entre as 10h e as 20h e há visitas guiadas por moradores da zona.

A cosmologia de Rui Toscano

Depois de "The Great Curve", no Espaço Chiado 8, o espaço celeste regressa ao trabalho do artista.

José Marmeleira

Out of a Singularity

Lisboa. *Cristina Guerra Contemporary Art*. R. Santo António à Estrela, 33. Tel.: 213959559. Até 11/09. 3ª a 6ª das 11h às 20h. Sáb. das 15h às 20h.

Desenho, Pintura.

★★★★☆

Já lá vai o tempo em que a música pop-rock ou a auto-representação se revelavam de forma assertiva nas exposições de Rui Toscano (Lisboa, 1970). Desde o início da década passada, a obra deste artista tem estabelecido relações mais intensas com outros motivos e contextos, sendo a paisagem um dos mais recorrentes. Vale a pena lembrar os vídeos "The Sprawl" (1999/2002), "São Paulo 24 SET OI" (2001), "Faial" (2002) ou "To The Mountain Top" (2004), em que a imagem em



"Messier 5 (NGC 5904)", a maior e melhor pintura da exposição: uma explosão bidimensional de luz e acrílico

movimento convidava a uma percepção do infinito da paisagem urbana; ou os desenhos que realizou sobre a cidade de São Paulo entre 2002 e 2003.

"Out of a Singularity", na Galeria Cristina Guerra, parece surgir na

continuação desse interesse, embora no domínio da cosmologia. Em vez de planos de cidades, vemos estrelas, poeiras cósmicas, aparentes eclipses. O espaço celeste não é um assunto inédito no percurso de Rui Toscano (a sua primeira abordagem remonta a

1993, quando pintou com Rui Valério "The Space Experience") e não será alheio ao gosto do artista pela ficção científica, partilhado com Miguel Soares e Alexandre Estrela - aliás, já merece uma tese a dialéctica entre fenómenos e paisagens naturais vs.

Agenda

Inauguram



Victor Willing: Uma Retrospectiva
Cascais. Casa das Histórias - Paula Rego. Av. da República, 300. Tel.: 214826970. De 09/09 a 02/10. 2ª a Dom. das 10h às 20h. Visita Guiada: 18/9 e 19/9 às 10h. Inaugura 9/9 às 18h30. Pintura.

Paula Rego Anos 70 - Contos Populares e Outras Histórias De Paula Rego.
Cascais. Casa das Histórias - Paula Rego. Av. da República, 300. Tel.: 214826970. De 09/09 a 16/10. 2ª a Dom. das 10h às 20h. Visita Guiada: 18/9 e 19/9 às 14h30. Inaugura 9/9 às 18h30. Pintura, Desenho.

Tales From... Nowhere
De António de Sousa.
Porto. Reflexus Arte Contemporânea. R. Miguel Bombarda, 531. Tel.: 936866492. De 03/09 a 15/09. 3ª a Sáb. das 15h às 19h. Inaugura 3/9 às 21h. Outros.

Arroz em Pó
De Ana Borges.
Tavira. Museu Municipal de Tavira - Palácio da Galeria. Calçada da Galeria. Tel.: 281320540. De 09/09 a 09/09. 5ª das 22h30 às 0h. Instalação, Performance.

Continuam

WARHOL TV
De Andy Warhol.
Lisboa. Museu Coleção Berardo. Praça do Império - Centro Cultural de Belém. Tel.: 213612878. Até 17/10. Sáb. das 10h às 22h. 2ª a 6ª e Dom. das 10h às 19h.

Fotografia, Pintura, Vídeo, Som, Outros.

Grazia Toderi
Porto. Museu de Serralves. Rua Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 31/10. 3ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 20h. Desenho, Fotografia, Vídeo.

Quando os Convidados se Tornam Anfitrião - Porto
De Wochenklausur, Supersudaca, Freee.
Porto. Culturgest. Avenida dos Aliados, 104 - Edifício da CGD. Tel.: 222098116. Até 15/10. 2ª a Sáb. das 10h às 18h. Instalação, Outros.

POVOpeople
De Almada Negreiros, Paula Rego, Nuno Cera, Joana Vasconcelos, entre outros.
Lisboa. Museu da Electricidade. Avenida Brasília - Edifício Central Tejo. Tel.: 210028120. Até 19/09. Sáb. das 10h às 20h. 2ª a 6ª e Dom. das 10h às 18h. Documental, Pintura, Fotografia, Vídeo, Outros.

Marlene Dumas: Contra o Muro
Porto. Museu de Serralves. Rua Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 10/10. 2ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 20h. Pintura.

Sem Limites - Nadir Afonso
Lisboa. MNAC - Museu do Chiado. Rua Serpa Pinto, 4. Tel.: 214332148. Até 03/10. 3ª a Dom. das 10h às 18h. Pintura.

Mais Que a Vida
De Vasco Araújo, Javier Téllez.
Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian. Avenida de Berna, 45A. Tel.: 217823700. Até 06/09. 3ª a Dom. das 10h às 18h. Vídeo, Fotografia, Instalação, Outros.

Tudo O Que é Sólido Dissolve-Se no Ar: O Social na Coleção Berardo



Lisboa. Museu Coleção Berardo. Praça do Império - Centro Cultural de Belém. Tel.: 213612878. Até 12/09. Sáb. das 10h às 22h. 2ª a 6ª e Dom. das 10h às 19h. Pintura, Outros.

Zao Wou-Ki
Lisboa. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva. Praça das Amoreiras, 56/58. Tel.: 213880044. Até 26/09. 2ª, 4ª, 5ª, 6ª, Sáb. e Dom. das 10h às 18h. Pintura.

A Secreta Vida das Palavras
De Nuno Cera, Ana Jotta, Vasco Costa, entre outros.
Sines. Centro Cultural Emmerico Nunes. Largo do Muro da Praia, 1. Tel.: 914827713. Até 25/09. 2ª a Sáb. das 14h30 às 18h30. Pintura, Escultura, Fotografia, Vídeo, Instalação, Outros.

Summer @ My Place
De André Almeida e Sousa, Bela Silva, Diogo Guerra Pinto, entre outros.
Lisboa. Alecrim 50. R. do Alecrim, 48-50. Tel.: 213465258. Até 22/09. 2ª a 6ª das 11h às 19h. Sáb. das 11h às 18h. Pintura, Desenho, Escultura.

Regresso a Casa
De Helena Almeida, Sílvia Bachli, Christian Boltanski, entre outros.
Porto. Museu de Serralves - Casa. Rua Dom João de

Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 26/09. 3ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h. Pintura, Fotografia, Escultura, Vídeo, Instalação.

Summer Calling
De Daniel Lipp, Deborah Engel, Filipa Burgo, entre outros
Lisboa. 3 + 1 Arte Contemporânea. Rua António Maria Cardoso, 31. Tel.: 210170765. Até 18/09. 3ª a 6ª e Sáb. das 14h às 20h. Pintura, Fotografia, Vídeo, Instalação, Escultura.

O Caçador de Borboletas
De Eduardo Matos.
Lisboa. Galeria Ze dos Bois. Rua da Barroca, 59 - Bairro Alto. Tel.: 213430205. Até 18/09. 4ª a Sáb. das 18h às 23h. Fotografia, Outros.

O Contra-Céu - Ensaio Sobre o Hiato
De Mattia Denisse.
Lisboa. Galeria Ze dos Bois. Rua da Barroca, 59 - Bairro Alto. Tel.: 213430205. Até 18/09. 4ª a Sáb. das 18h às 23h. Desenho.

Mata-Velhos
De António Carrapato.
Lisboa. Ermida de Nossa Senhora da Conceição. Travessa do Marta Pinto, 12. Tel.: 213637700. Até 12/09. 3ª a 6ª das 11h às 17h. Sáb. e Dom. das 14h às 18h. Fotografia.

1990/2010 Cabinet D' Amateur
De Ahmed Ismael, Ana Vieira, Armanda Duarte, Barbara Lessing, entre outros.
Lisboa. Museu Nacional de História Natural - Sala do Veados. Rua da Escola Politécnica, 58. Tel.: 213921800. Até 30/10. 3ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb. e Dom. das 11h às 18h.



FUNDAÇÃO
Ricardo do Espírito Santo Silva

ESAD

Escola Superior de
Artes Decorativas

Licenciaturas

Artes Decorativas
Conservação e Restauro

Mestrados

Design de Interiores
Ciências da Cultura/Cultura Artística
Conservação e Reabilitação de Interiores
Conservação e Restauro

Pós-Graduações

Peritagem em Arte/Mobiliário

Cursos de Especialização Tecnológica

Conservação e Restauro de
Madeira e Mobiliário; Pintura sobre Madeira;
Pintura Mural; Estuques Decorativos

nível 4 de qualificação profissional

IAO

Instituto de
Artes e Ofícios

Cursos de Educação e Formação

Artesão Marceneiro Embutidor
Artesão Marceneiro Entalhador
Técnico de Pintura Decorativa
Técnico de Encadernação e Decoração
de Encadernações

12º Ano / nível 3 de qualificação profissional

INSCRIÇÕES ABERTAS

esad.geral@fress.pt - iao.geral@fress.pt
www.fress.pt



percepção que estes e outros nomes (por exemplo Daniel Malhão, Edgar Martins e Raquel Feliciano) têm abordado, com objectivos e meios distintos, com maior ou menor frequência, nos seus trabalhos.

A actual exposição de Rui Toscano consiste, fundamentalmente, em pinturas e desenhos, mas também inclui duas obras de "The Great Curve", individual que Rui Toscano apresentou no final de 2009 no Espaço Chiado 8 e na qual predominavam a instalação, o vídeo e a escultura. A sua inclusão explica-se pelo vínculo que liga os dois momentos, o estudo do cosmos: a origem e o destino do Universo, a sua forma, os elementos que o compõem,

A exposição "inspira-se" numa teoria específica, a teoria do Big Bang, como resultado de uma "singularidade" ou zona de densidade infinita, um fenómeno que, pensam os cientistas, habita os buracos negros. Da singularidade do processo do artista nascem, entretanto, as pinturas de objectos estelares, sobretudo de enxames e aglomerados de estrelas como o "Messier 5 (NGC 5904)" representado na maior e melhor pintura de "Out of a Singularity": uma explosão bidimensional de luz e acrílico que sugere uma narrativa com a série "Untitled (Cluster)", esta

composta por pinturas de formatos médios, onde as estrelas sofrem ligeiras variações de cor e forma.

O jogo de escalas é um dos aspectos mais interessantes e a montagem assegura ao espectador tal experiência, como acontece nos pequenos desenhos da série "The Olbers Paradox", feita com "dripping" de tinta do spray. Este trabalho torna o paradoxo descoberto em 1823 pelo astrónomo alemão Heinrich Wilhelm Olbers - como pode o céu manter-se negro à noite se está cheio de estrelas infinitas de um universo também ele infinito? - objecto de uma ficção sobre papel: o céu é branco e as estrelas são pontos negros. Os restantes trabalhos remetem mais directamente para "The Great Curve" ("Mother And Child") ou sugerem movimento ("Across The Universe").

Permanece admirável na prática artística de Rui Toscano a capacidade de substanciar ideias, sejam elas inspiradas pela observação de objectos celestes ou simples paisagens. No entanto, a experiência que algumas obras oferecem à percepção (sobretudo "Mother And Child" e "Across the Universe") nem sempre tem a energia de outros trabalhos. É como se houvesse um certo enstimesmamento (independente dos suportes, a uma rarefacção. Demasiado cósmica.

Pintura, Desenho, Escultura, Instalação, Outros.

Donnerstag e Outros Desenhos

De Jorge Queiroz.

Lisboa. Chiado 8 - Arte Contemporânea. Largo do Chiado, 8 - Edifício Sede da Mundial-Confiança. Tel.: 213237335. Até 17/09.

2ª a 6ª das 12h às 20h.

Desenho, Outros.

Chapéus-de-Sol

De Inês Lobo.

Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian - Jardim. Avenida de Berna, 45A. Tel.: 217823700. Até 30/9.

Instalação. Programa Gulbenkian Próximo Futuro/Next Future.

Natureza Morta

De Barrão.

Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian. Avenida de Berna, 45A. Tel.: 217823700. Até 30/9.

Instalação, Escultura. Programa Gulbenkian Próximo Futuro/Next Future.

Der Geist Unserer Zeit

De Fernando Brito.

Guimarães. Centro Cultural Vila Flor. Avenida D. Afonso Henriques, 701. T. 253424700. Até 27/6. 3ª a sáb das 10h às 12h30 e das 14h às 19h. Domingo e feriados das 14h às 19h.

Escultura, Pintura, Outros.

A Invenção Da Glória. D. Afonso V e as Tapeçarias de Pastrana

Lisboa. Museu Nacional de Arte Antiga. Rua das Janelas Verdes - Palácio do Alvor. Tel.: 213912800. De 12/06 a 12/09. 3ª das 14h às 18h. 4ª a Dom. das 10h às 18h.

Tapeçaria, Outros.

O Jardim das Maravilhas

De Joan Miró.

Oeiras. Centro Cultural Palácio do Egipto. R. Álvaro António dos Santos - Vila de Oeiras. Tel.: 915439065. Até 26/09. 3ª a Dom. das 11h30 às 18h. Pintura.

Arena

De Carla Filipe, João Tengarrinha, Paulo Brighenti.

Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian e Costa. Ed de Espanha - R. Soeiro Pereira Gomes 11 - 6ª A/C/D. Tel.: 217803003. Até 16/10. 4ª a Sáb. das 15h às 20h.

Desenho, Outros.

Pra Quem Mora Lá, O Céu é Lá - OSGEMEOS

De Gustavo Pandolfo, Otávio Pandolfo (OSGEMEOS).

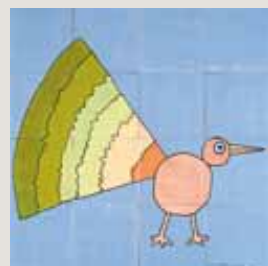
Lisboa. Museu Coleção Berardo. Praça do Império - Centro Cultural de Belém. Tel.: 213612878. Até 19/09. Sáb. das 10h às 22h. 2ª a 6ª, Dom. e Feriados das 10h às 19h.

Pintura, Outros.

René Bertholo

Estói. Ruínas Romanas de Milreu. Rua de Faro. Tel.: 289997823. Até 29/09. 3ª a Dom. das 09h30 às 18h. Algarve 2010.

Azulejos.





ZDB

A ZDB já tem programação musical para os próximos três meses, com destaque para as visitas das meninas Nina Nastasia

(1 de Outubro), Josephine Foster (21 de Outubro, com Barn Owl) e Scout Niblett (5 de Novembro, dia de aniversário da ZDB), e também para o colectivo

Master Musicians of Bukkake, que vem de Seattle para actuar na sala de Lisboa a 17 de Outubro e dois dias depois sobe ao Passos Manuel, no Porto.

Pop

Fanfarlo, a caminho de serem Arcade Fire

Terça-feira, no Lux, um concerto no momento certo. **Mário Lopes**

Fanfarlo

Lisboa. Lux Frágil. Av. Infante D. Henrique - Armazém A (Cais da Pedra a Santa Apolónia). 3º, dia 7, às 22h30. Tel.: 218820890. 20€.

Foram buscar o nome a um conto de Baudelaire, já foram ouvidas versões dos Neutral Milk Hotel nos seus concertos e o seu álbum de estreia foi produzido por Peter Dinklage, que trabalhou anteriormente com os National e os Interpol. Chamam-se Fanfarlo, são a banda que o sueco Simon Balthazar juntou em Londres, e a prova de que os Arcade Fire já têm descendência directa.

Ou seja, banda séria e literata, banda que procura extrair algo de épico e catártico das diabruras da vida normal. Também são uma banda grande, não tanto pelo número de elementos (cinco), mas mais pelos instrumentos em que se dividem: nas suas canções ouvem-se, para além dos habituais guitarras, baixo, bateria e teclados, violinos e trompetes, vibrações e bandolim, clarinetes e glockenspiel.

“Reservoir”, de 2009, foi o álbum de estreia dos Fanfarlo e é o que vêm apresentar terça-feira, dia 7, ao Lux, a partir das 22h30. Ainda chegam no momento certo, quando são fenómeno circunscrito a um núcleo de entusiastas conquistados por esta moderníssima confluência de referências. Os Fanfarlo têm muito dos supracitados Arcade Fire na instrumentação e no crescendo das melodias, apreciam certamente os Beirut de Zach Condon (a voz segue-o e o trompete não engana) e fazem da pop uma caminhada sobre a tênue linha que separa o lúdico da grandiloquência.

Em 2008 tocaram no Festival Sudoeste. Dois anos depois, com um álbum que os tornou nome sussurrado e respeitado entre a comunidade indie, chegam ao Lux e, se tudo correr como mandam os manuais de mitificação, darão um concerto que levará muitos a afirmar orgulhosamente, quando os Fanfarlo forem anunciados para o Pavilhão Atlântico daqui a uns anos, “eu estive lá em 2010”.



Os Fanfarlo têm tanto dos Arcade Fire que suspeitamos que o concerto de terça-feira no Lux seja só um primeiro passo para o Pavilhão Atlântico

Clássica

Um mestre do violino abre o Festival Mozart

O violonista alemão Christian Tetzlaff dirige a Orquestra Gulbenkian. **Cristina Fernandes**

Orquestra Gulbenkian
Com Christian Tetzlaff (d direcção musical e violino) e Hanna Weinmeister (viola).

Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian - Grande Auditório. Avenida de Berna, 45A. 4ª, 8, às 21h. Tel.: 217823700. 10€ a 20€.

Festival Mozart. Obras de Haydn, Schönberg e Mozart.

A primeira temporada Gulbenkian da responsabilidade do novo director do Serviço de Música, o finlandês Risto Nieminem, marca a diferença logo desde o início, começando várias semanas antes do que era habitual e propondo um festival temático, este ano dedicado a Mozart. Em Setembro e Outubro poderemos ouvir um programa centrado nas primeiras e nas últimas obras do grande compositor austríaco, incluindo um olhar contemporâneo através da ópera de John Adams, “A

Flowering Tree” (uma alusão a “A Flauta Mágica”), no dia 11, e intérpretes tão notáveis como os maestros René Jacobs e Philippe Herreweghe, o pianista Andreas Staier ou os violinistas Florian Zwiauer e Christian Tetzlaff.

O festival começa já na próxima quarta-feira, pelo que esta semana haverá apenas dois concertos. O primeiro (dia 8, às 19h, no Auditório 2) apresenta os solistas do Festival Cantabile na interpretação do Trio para piano e cordas K. 502 e o Quarteto K. 478 (ver texto seguinte). O segundo (no mesmo dia, às 21h, no Grande Auditório) traz a Lisboa o violonista e maestro alemão Christian Tetzlaff, que irá dirigir a Orquestra Gulbenkian num programa composto pela Sinfonia nº 80, de Haydn, a Sinfonia Concertante K. 364, de Mozart, e “A Noite Transfigurada”, op. 4, de Schönberg, obra apaixonante estreada em Viena em 1902, que faz a despedida do Romantismo e anuncia o Expressionismo.

Christian Tetzlaff, que voltará a Lisboa ao longo do ano para outros concertos (incluindo a interpretação das Sonatas e Partitas de Bach), é um dos mais ilustres violonistas do actual

panorama musical. Tem-se destacado num imenso repertório, que se estende do barroco ao século XX, tanto a solo como na música de câmara, e possui uma premiada discografia, na qual se inclui a integral dos concertos de Mozart com a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen. É também colaborador habitual de pianistas como Leif Ove Andnes e Lars Vogt.

ALEXANDRA VOESING

Christian Tetzlaff é um dos mais ilustres violonistas actuais, com um repertório que vai do barroco ao século XX, das interpretações solo à música de câmara



ANDRÉ NACHO

Lisboa é protagonista no primeiro concerto da temporada da Orquestra Metropolitana

Um novo festival para a música de câmara

Festival Cantabile 2010 - A Arte da Música de Câmara

Com Elina Vähälä (violino), Diemut Poppen (viola), Alexander Chaussian (violoncelo) e Ralf Gothóni (piano), Laia Falcón (soprano) e Maximilian Schmitt (tenor).

Lisboa, Sintra e Mafra. Programa completo em <http://www.goethe.de/Portugal>

Obras de Bach, Mozart, Schnittke, Brahms, Schumann, Ravel e Crumb.

Um novo festival promete dar cartas neste início de temporada. Trata-se do Festival Cantabile 2010, organizado pelo Goethe-Institut e vocacionado para o repertório de câmara e para a formação de jovens intérpretes. Desde ontem e até dia 11, um pequeno grupo de instrumentistas de nível internacional (Elina Vähälä, Diemut Poppen, Alexander Chaussian e Ralf Gothóni) e os cantores Laia Falcón e Maximilian Schmitt apresentam-se em recitais de câmara em locais tão emblemáticos como o Teatro Nacional de São Carlos, o Palácio de Monserrate em Sintra, o MUDE - Museu do Design e da Moda, o Palácio Nacional de Mafra, a Fundação Gulbenkian, o Centro Cultural de Belém e o próprio Goethe-Institut Portugal. Tal como os locais são representativos de várias estéticas e épocas históricas, também o programa, idealizado pela violoncelista e pedagoga alemã Diemut Poppen (uma das fundadoras da prestigiada Orquestra de Câmara da Europa), percorre um largo espectro temporal, que vai do Barroco ao século XX e compreende obras de compositores como J. S. Bach, Mozart, Brahms, Ravel, Schumann, Schnittke ou George Crumb.

O primeiro recital, dedicado a J. S. Bach, realiza-se no dia 4, às 19h, no Palácio de Monserrate (Sintra), seguindo-se no dia 5 (às 21h, no MUDE) um programa com sonatas de Mozart, Hindemith e Crumb e o Quarteto op. 47, de Schumann. O bicenténario de Robert Schumann será também assinalado no dia 7 (às 21h, no São Carlos) com o ciclo de canções "Dichterliebe", pelo tenor Maximilian Schmitt. No dia seguinte, o Festival Cantabile

O tenor Maximilian Schmitt festeja o bicenténario de Schumann com o ciclo de canções "Dichterliebe"

cruza-se com o Festival Mozart da Gulbenkian e no dia 9 (no Goethe Institut) os instrumentistas do festival participam no projecto "Música e Arte", em colaboração com a artista dinamarquesa Lone Haugaard Madsen. Do programa fazem parte obras de Ravel, Bruno Maderna e Alfred Schnittke. Haverá ainda actividades pedagógicas como a "masterclass" de canto com o barítono Tom Krause no São Carlos (de 2 a 9 de Setembro). C.F.

Sons de Lisboa com a Metropolitana

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Direcção Musical de Pedro Neves. Com Ricardo Parreira (guitarra portuguesa).

Lisboa. Câmara Municipal - Salão Nobre. Pç. do Município. 3ª, 7, às 18h30. Tel.: 213617344. Entrada gratuita (mediante confirmação de lugar).

Obras de Saint-Saëns, Milhaud, Frederico de Freitas e Carlos Paredes.

Para o primeiro concerto da temporada, a Orquestra Metropolitana escolheu uma série de obras raramente ouvidas, todas elas inspiradas na cidade de Lisboa. O concerto, marcado para terça, dia 7, às 18h30, no Salão Nobre da Câmara Municipal, terá direcção musical de Pedro Neves e inicia-se com "Une nuit à Lisbonne", op. 63, de Camille Saint-Saëns, uma barcarola dedicada ao rei D. Luís de Portugal e publicada em 1881. O género da barcarola, muito em voga no século XIX, inspirava-se nas canções dos gondoleiros venezianos, correspondendo neste caso a uma visão idealizada de Lisboa e marcada pelo gosto da época pelo exótico e pelo pitoresco. Segue-se "Prelúdio sobre um pregão de Lisboa" (1924), de Frederico de Freitas, uma obra que data do tempo em que este

eclectico compositor - autor de composições arrojadas no campo da música erudita, mas também de fados e de música de sucesso para o teatro de revista - frequentava ainda o curso superior do conservatório. "Musique pour Lisbonne", op. 420, de Darius Milhaud, resultou de uma encomenda da Gulbenkian realizada em 1966, tendo a obra sido estreada em 1968, no Teatro Tivoli, no XII Festival Gulbenkian de

O TEATRÃO

OMT - PROGRAMAÇÃO SET-DEZ 2010

SET|09

POP DELL' ARTE Música
9 de Setembro | 21h30

O TRONO SAIU À RUA Teatro
Limite Zero (Programa Oficial do Centenário da República)
11 de Setembro | 17h | M6

FORUM TEATRÃO / OMT 2011-12
Os objetivos d'O Teatrão e da OMT em discussão pública
12 de Setembro | 16h

BOOM & BANG Teatro
Visões Úteis | 16 de Setembro | 22h

A COMISSÃO Teatro
Visões Úteis | 17 de Setembro | 21h30 | M12

DANA FALCONBERRY & MATT BAUER Música
Lugar Comum/O Teatrão | 18 de Setembro | 22h

MOSCA TOSCA Música / Dança
24 de Setembro | 22h

BICICLETA DA REPÚBLICA Teatro
Suzana Branco, Tânia Cardoso e Vera Alvelos
(Programa Oficial do Centenário da República) | 26 de Setembro | 17h | 19h

AGÊNCIA DE VIAGENS Música
Tabacaria | 30 de Setembro | 22h

OUT|10

REPÚBLICA2 Teatro
O TEATRÃO (Programa Oficial do Centenário da República)
7 de Outubro a 7 de Novembro | Quarta a Sábado | 21h30 | Domingo | 19h | M12

TRIBUNA DE RUA Intervenção
Videolab / O TEATRÃO (Com a colaboração de várias Repúblicas de Coimbra)
Praça da República, Praça 8 de Maio, Praça Dom Dinis, Largo da Portagem
27 de Setembro a 1 de Outubro | Segunda a Sexta | 12h às 15h

VIDEOLAB REPÚBLICA2 Instalação
Videolab / O TEATRÃO | Durante a temporada de REPÚBLICA2

JOE BLACK Música
X-Productions / O TEATRÃO | 12 de Outubro | 22h

MOSTRA BANDO À PARTE exercício teatral
O TEATRÃO | 16, 23 e 30 de Outubro | 18h

NOV|11

DEAD COMBO Música
11 de Novembro | 21h30

VICE-VERSA Dança
Victor Hugo Pontes | 13 de Novembro | 17h | M3

PALAVRA DE MULHER Música
Sofia Vitória e Luís Figueiredo tocam Chico Buarque | 25 de Novembro | 22h

DEZ|12

NOITE DE REIS Teatro
William Shakespeare | O TEATRÃO
9 de Dezembro a 29 de Janeiro | Quarta a Sábado | 21h30 | Domingo | 19h00 | M12

VIDEOLAB [DIS]FARÇA Instalação
Videolab / O TEATRÃO | Durante a temporada de NOITE DE REIS

PROJECTO PEDAGÓGICO

CLASSES DE TEATRO 2010-11 | A partir dos 6 anos

CLASSES DE TEATRO 2010-11 | A partir dos 3 anos
Inscrições até 24 de Setembro

WORKSHOPS DE FÉRIAS EXPRESSÃO DRAMÁTICA
a partir dos 6 anos | 20 a 23 de Dezembro | Segunda a Sexta | Inscrição: 30 euros

O Teatrão é uma estrutura apoiada por:



INFORMAÇÕES E RESERVAS

Oficina Municipal do Teatro | Rua Pedro Nunes | 3030-199 Coimbra
Telef.: 239 714 013 | Telex: 914 617 383 Fax: 239 724 490

www.oteatrao.com | oteatrao.blogspot.com | geral@oteatrao.com



O super-guitarrista Kurt Rosenwinkel junta-se à Orquestra de Jazz de Matosinhos na Festa do Avante



Jean-Luc Ponty no Festival de Jazz de Sines

← Música. Na mesma época, Milhaud escreveu várias peças dedicadas a outras cidades (Praga, Nova Orleães, Graz, São Francisco, etc.). Foi ainda lançado o desafio ao jovem compositor Tiago Derricha (n. 1986) para orquestrar "Lisboa e o Tejo", de Carlos Paredes, obra que terá Ricardo Parreira como solista na guitarra portuguesa. C.f.

Jazz

Jazz Avante

Com Kurt Rosenwinkel, a Orquestra de Jazz de Matosinhos marca um dos pontos altos da Festa. Rodrigo Amado

Orquestra de Jazz de Matosinhos e Kurt Rosenwinkel

Amora. Quinta da Atalaia. Amanhã, à meia-noite. Tel.: 212224000. 19,5€ (pré-venda) a 29€ (passe). Festa do Avante 2010.

A decorrer novamente no espaço da Quinta da Atalaia, no Seixal, a Festa do Avante constitui já um evento obrigatório na "rentrée" cultural do país. Numa programação jazz que inclui ainda espectáculos pelo Sexteto de Ricardo Pinheiro, o trio de Bernardo Sasseti ou o quarteto de Demian Cabaud com o pianista Leo Genovese, o grande destaque vai para o concerto da northenha Orquestra de Jazz de Matosinhos, tendo como convidado o super-guitarrista Kurt Rosenwinkel. Com a edição de um novo disco prevista ainda para este ano, "Kurt Rosenwinkel & OJM: Our Secret World", o ensemble liderado por Pedro Guedes e Carlos Azevedo dá continuidade a uma brilhante colaboração que tem já alguns anos.

Mariza em Vila Nova da Barquinha, Salvaterra de Magos e Águeda



Agenda

Sexta 3

25 anos da Carvalhosa + Catarina dos Santos + Dany Silva + Celina Pereira + Muxima
Amora. Quinta da Atalaia, às 21h. Tel.: 212224000. 19,5€ (pré-venda) a 29€ (passe). Festa do Avante 2010.

Âme (Kristian Bayer)
Lisboa. Lux Frágil. Av. Infante D. Henrique - Armazém A, às 22h. Tel.: 218820890.

Kristi Stassinopoulou
Barcarena. Fábrica da Pólvora. Estrada das Fontainhas, às 22h. Tel.: 214387460. Entrada gratuita. Festival Sete Sóis Sete Luas 2010.

Carminho + Amigos do Alheio
Montemor-o-Novo. Parque de Exposições Municipal, às 21h30. Tel.: 266898100. Entrada gratuita.

Mariza
Vila Nova da Barquinha. Praça de Touros. Rua José Felipe Rebordão, às 22h. Tel.: 249710469. 15€ a 25€.

Fernando Tordo
Espinho. Casino. R. 19, 85, às 23h. Tel.: 227335500. 32,5€ (jantar-concerto).

Ana Moura
São João da Pesqueira. Anfiteatro, às 21h30. Tel.: 254489999. Entrada gratuita.

Sander Mester
Cascais. Centro Cultural de Cascais. Av. Rei Humberto II de Itália, às 21h30. Tel.: 214848900. 5€.
Obras de Dowland, Bach, Seixas, Gulliani, Sor, Tarrega, Bartok e Paredes.

Do Reno aos Alpes Marítimos
Guimarães. Centro Cultural Vila Flor. Avenida D. Afonso Henriques, 701, às 22h. Tel.: 253424700. 5€.
Encontros Internacionais de Música de Guimarães.

Tord Gustavsen Ensemble
Silves. Castelo, às 22h. Tel.: 282445624. Entrada gratuita. Festival de Jazz de Silves.

Orquestra de Jazz de Lagos
Direcção Musical de Hugo Alves.
Lagos. Centro Cultural de Lagos. R. Lançote de Freitas, 7, às 21h30. Tel.: 282770450. Comemorações do

Centenário da República.

Quarteto de André Matos
Porto. Maus Hábitos. R. Passos Manuel, 178, às 22h. Tel.: 222087268.

Cambatango
Sesimbra. Cine-Teatro Municipal João Mota. Av. Liberdade, 46, às 21h30. Tel.: 212234034. 10€.

Gene Loves Jezebel + Tarantula + Miss Lava + Alter Ego
Devesa. Estádio da Devesa, às 20h. 7,5€ (dia) a 12€ (passe). GSM Fest 2010.

Sábado 4

Jean-Luc Ponty & His Band
Silves. Castelo, às 22h. Tel.: 282445624. 20€.
Festival de Jazz de Silves / Allgarve'10.

Diabo na Cruz + Cacicque '97 + Bunnyranch + Deolinda + Pedro Abrunhosa + Comité Caviar + A Nalfa + Bernardo Sasseti Trio
Amora. Quinta da Atalaia, às 11h. Tel.: 212224000. 19,5€ (pré-venda) a 29€ (passe). Festa do Avante 2010.

Soulwax + 2 Many DJs + Dada Life + Goose + Moulinox
Lisboa. Cais da Matilha. Rua da Cintura do Porto de Lisboa, às 23h. 15€ a 20€.
Optimus Hype.

Alek Rein + Iconoclasts + Youthless + DJ MadM
Lisboa. LX Factory. Rua Rodrigues Faria, 103, às 22h. Tel.: 21343399.
LX Popfest 2010.

Blind Zero
Paços de Ferreira. Jardim Municipal, às 22h30. Tel.: 255860700. Entrada gratuita.

Squeeze.Theeze.Pleeze + Virgem Suta
Cuba. Recinto da, às 22h30. Tel.: 284419900. Entrada gratuita.

Micro Audio Waves + Kaviar + Mr. Smith + DJ Fernando Alvim
Abrantes. Quinta Santa Catarina - Abrancahã de Baixo, às 22h. Tel.: 966651374. Entrada gratuita. LANfestival 2010.

The Legendary Tigerman + Livin'Paradies + Chocaise
Figueira. Polidesportivo. Mexilhoeira Grande - Estrada Nacional, 125, às 21h30. Tel.: 282470832. Entrada gratuita.

Tiago Bettencourt & Mantha
Mangualde. Av. Conde D. Henrique, às 22h30. Tel.: 232619880. Entrada gratuita.

Buraka Som Sistema
Viseu. Exposiv - Feira de São Mateus. Campo de Vriato, às 22h. Tel.: 232422018. 2,5€.

Jorge Fernando Trio
Olival Basto. Centro Cultural da Malaposta. Rua

Angola, às 21h30. Tel.: 219383100. 10€.

Ana Moura
Santiago do Cacém. Parque de Feiras e Exposições, às 22h. Tel.: 269829400. Entrada gratuita.

Mariza
Salvaterra de Magos. Praça de Touros. Av. Dr. Roberto Ferreira Fonseca, às 22h. Tel.: 263504201. 11€ a 15€.

Trio
Com Elina Vähälä (violino), Diemut Poppen (viola), Alexander Chaushian (violoncelo).
Monserrate. Palácio de Monserrate - Sala de Música. Estrada de Monserrate, às 19h. Tel.: 219231201. Entrada gratuita.
Festival Cantabile 2010 - A Arte da Música de Câmara.

Cordas na Intimidade
Com Gerardo Ribeiro (violino), Xavier Gagnepain (violoncelo), Jorge Alves (viola), Alexei Eremin (piano).
Guimarães. Centro Cultural Vila Flor. Avenida D. Afonso Henriques, 701, às 22h. Tel.: 253424700. 5€.
Encontros Internacionais de Música de Guimarães.

Quarteto de André Matos
Fundão. A Moagem, Cidade do Engenho e das Artes. Largo da Estação, às 22h. Tel.: 275774052. Entrada gratuita.

Mind da Gap + MC Berna + Sonoplastia + Contrabando 88
Devesa. Estádio da Devesa, às 20h. 7,5€ (dia) a 12€ (passe). GSM Fest 2010.

Domingo 5

Melech Mechaya + Expensive Soul + Dazkarieh + Peste & Sida + Tim e Companheiros de Aventura + Os Tornados + Brigada Victor Jara + Demian Cabaud Quarteto com Leo Genovese + António Chaiinho



Amora. Quinta da Atalaia, às 11h. Tel.: 212224000. 19,5€ (pré-venda) a 29€ (passe). Festa do Avante 2010.

Quarteto Nelson Cascais + DJ Enigma
Lisboa. Tapada das Necessidades. Largo das Necessidades, às 17h. Entrada gratuita Out Jazz 2010.

Deolinda + Diabo Na Cruz
Montemor-o-Novo. Parque de Exposições Municipal, às 21h30. Tel.: 266898100. Entrada gratuita.
Quarteto
Com Elina Vähälä (violino), Diemut Poppen (viola), Alexander Chaushian (violoncelo), Ralf Gothóni (piano).
Lisboa. MUSEU - Museu do Design e da Moda. Rua Augusta 24, às 21h. Tel.: 218886117. Entrada gratuita.
Festival Cantabile 2010 - A Arte da Música de Câmara.

Quinteto de Metais
Lisboa. Largo do Carmo, às 19h. Tel.: 213617320. Entrada gratuita.
Clássicos na Rua / Lisboa na Rua.

Orquestra de Jazz de Lagos

Direcção Musical de Hugo Alves.
Silves. Castelo, às 21h. Tel.: 282445624. 10€.
Festival de Jazz de Silves.

Segunda 6

Trio
Com Elina Vähälä (violino), Diemut Poppen (viola), Alexander Chaushian (violoncelo).
Mafra. Palácio e Convento de Mafra - Biblioteca. Terreiro de D. João V, às 21h30. Tel.: 261817550. Entrada gratuita.
Festival Cantabile 2010 - A Arte da Música de Câmara. Obras de Bach e Hindemith.

Terça 7

Micaela Vaz
Porto. Casa da Música - Sala 2. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 19h30. Tel.: 220120220. 7,5€.

Novos Talentos do Fado.

Maximilian Schmitt e Ralf Gothóni
Lisboa. Teatro Nacional de São Carlos - Salão Nobre. Lg. S. Carlos, 17, às 21h. Tel.: 213253045. 7€.
Festival Cantabile 2010 - A Arte da Música de Câmara. 200 anos de Schumann.

Jovens Músicos
Lisboa. Goethe-Institut. Cp. Mártires Pátria, 37, às 18h. Tel.: 218824510. Entrada gratuita.
Festival Cantabile 2010 - A Arte da Música de Câmara.

Quarta 8

Grünen + João Gomes
Lisboa. Odessa. Av. Infante D. Henrique - Armazém B, Lj.9, às 0h. Tel.: 218822898. 5€ (dia) a 25€ (passe).
Festival Jazz.pt.

Quarteto
Com Elina Vähälä (violino), Diemut Poppen (viola), Alexander Chaushian (violoncelo), Ralf Gothóni (piano).
Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian - Grande Auditório. Avenida de Berna, 45A, às 19h. Tel.: 21822898. 5€ (dia) a 25€ (passe).
Festival Mozart/Festival Cantabile 2010 - A Arte da Música de Câmara.

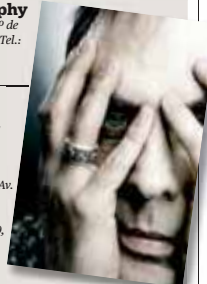
Mariza
Águeda. Largo 1º de Maio, às 22h30. Tel.: 234610720 / 234610722. 3€.

Quinta 9

Peter Murphy
Águeda. Largo 1º de Maio, às 22h30. Tel.: 234610720 / 234610722. 3€.

Faustino/Roder/Eberhard/Neuser + Johnny
Lisboa. Odessa. Av. Infante D. Henrique - Armazém B, Lj.9, às 0h. Tel.: 218822898. 5€ (dia) a 25€ (passe).
Festival Jazz.pt.

Afonso Pais Trio
Lisboa. Odessa. Av. Infante D. Henrique - Armazém B, Lj.9, às 22h30. Tel.: 218822898. Entrada gratuita.
Festival Jazz.pt.



UGURU APRESENTA

rodrigo leão

CONCERTO ESPECIAL AVE MUNDI LUMINARI

COM A PARTICIPAÇÃO DE: CINEMA ENSEMBLE | CORO DE CÂMARA DA ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA | VOX ENSEMBLE

COLISEU DE LISBOA | 5 NOVEMBRO | 21h 30

COLISEU DO PORTO | 13 NOVEMBRO | 21h 30

BILHETES À VENDIA

BILHETES À VENDIA NAS SALAS DE ESPECTÁCULO DO FNAC, EM WWW.BILHETERIAONLINE.PT E EM WWW.TICKETLINE.PT

DISCOS

Pop

Pirómano visionário

O anti-herói do “flower power” redescoberto em dois discos irrepitíveis da música experimental.

Mário Lopes



Galactic Zoo Dossier
Kingdom Come
Esoteric Recordings;
distri. Mbari

★★★★★



Arthur Brown
The Crazy World of Arthur Brown
Esoteric Recordings;
distri. Mbari

★★★★☆

“I am the God of hellfire, and I bring you... Fire!”. Nada discreto o grito de alerta, nada discreta a forma como Arthur Brown se anunciou ao mundo: uma linha de teclado em contraponto ao “Fire” que a voz gritava, um refrão a dar ares de canção pop diabólica e, ali em 1968, Brown a surgir como anti-herói do “flower power”, com a cara pintada e um capacete ritual libertando labaredas.

Na história da pop, Arthur Brown não tem direito a mais que nota de rodapé, mas não podemos dizer que tenha sido um óvni que surgiu tão rapidamente quando desapareceu, deixando olhares estupefactos à sua curta passagem. A reedição de “The Crazy World Of Arthur Brown”, o seu primeiro álbum, gravado em 1968, depois de a sua banda ter sido assinada por insistência de Pete Townshend, e de “Galactic Zoo Dossier”, editado em 1971, quando o trio Crazy World já dera lugar aos Kingdom Come, permite-nos compreender melhor o alcance da história. Arthur Brown é um louco genial, um apocalíptico obsessivo, um Screamin’ Jay Hawkins que, em vez de se erguer do caixão para nos aterrorizar, caminha na nossa direcção gritando que o mundo vai acabar, que olha em frente e vê apenas dor e sombras, que caminhemos com ele e aproveitemos o que for possível: “the price of your entry is sin”.

“The Crazy World Of Arthur Brown”, meio álbum conceptual - ideia única, fogo, labaredas, regeneração -, que não chegou a álbum conceptual inteiro por pressão da editora, temendo gravar algo demasiado alienante, é ópera de terror com groove da “swinging



Os Crazy World of Arthur Brown não tiveram tempo para ser mais do que uma nota de rodapé da história da pop - mas é uma nota de rodapé fascinante

London”. Nada de guitarras, antes um combo jazz tripado, convertido à ideia de rock’n roll sem o tocar declaradamente - as canções “crescem” com as secções de cordas e metais que, a espaços, nos fazem lembrar uns zombies que levassem à letra o nome com que se baptizaram.

Acompanhado pelo teclista Vincent Crane, pelo baixista Nick Greenwood e pelo baterista Drachen Theaker, Arthur Brown recita textos pirómanos, alterna entre voz tonitruante e gritos de gárgula assustadora. A música alterna entre o “vaudeville” inquietante e a elegância de um Hammond que ferve sobre a secção rítmica. “Fire” é o grande single, um bizarro teatro pop com linha melódica inesquecível e metais aumentando a estridência da canção. “I put a spell on you”, por sua vez, é a versão inevitável - Screamin’ Jay Hawkins é um dos pais espirituais de Brown.

O problema da estreia de Arthur Brown é a incapacidade de levar até às últimas consequências a ideia original. A partir de “I put a spell on you”, o pirómano ganha um pouco de compaixão e perde inspiração. Exagerando, diríamos que um Arthur Brown serenado é um Arthur Brown aborrecido. “The Crazy World Of Arthur Brown” é, assim sendo, um grande meio álbum - agora reeditado com segundo CD, onde encontramos as habituais versões alternativas e um single não incluído no disco original, “Devil’s grip” e “Give him a flower”.

Os Crazy World Of Arthur Brown desapareceriam em 1970, quando Vincent Crane e Carl Palmer, baterista que entretanto substituiu Drachen Theaker, saem para fundar os Atomic Rooster (Palmer seria depois o terceiro apelido nos Emerson, Lake & Palmer). Brown, naturalmente, não parou. Juntou novos músicos e criou os criminosamente ignorados Kingdom

Come, com os quais gravaria três álbuns até 1973.

“Galactic Zoo Dossier” é o primeiro - e é uma obra-prima de um experimentalista esquizoide. Continuam as visões apocalípticas, mas já não há orquestrações ou sugestões de “vaudeville”, antes guitarras e experimentalismo de estúdio, sintetizadores acentuando um tom demente e, genericamente, um ambiente de “Thick As A Brick” que correu bem (por ser absolutamente anarca e verdadeiramente visionário), ou de uns Van der Graaf Generator levados ao extremo.

“I can feel insanity” é das primeiras coisa que ouvimos a Arthur Brown e os ecos dessa primeira declaração atravessam todo o álbum. Riffs hard-rock cruzam-se com jogos vocais que Peter Hammill apreciaria e ouvem-se dissonâncias que os exploradores noise de início de século XXI poderiam ter tido como inspiração - se tivessem ouvido este disco, claro está. “Metal monster” prenuncia o ambiente sombrio e paranóico do

pós-punk, “Simple man” é “trip” cósmica com sintetizador ameaçador, “Night of the pigs” é sátira de um Kurt Weill encharcado em LSD. Ouvem-se canções sabotadas em estúdio, retalhadas e montadas novamente para, soluçantes, acentuarem o ambiente ameaçador do álbum. Ouve-se a voz de Arthur Brown, qual barítono perverso, brincando com o ouvinte, provocando-o com tom de anjo negro que vocifera, abanando-o com os gritos de gárgula que são a sua imagem de marca.

De certa forma, percebe-se que ninguém tenha ouvido “Galactic Zoo Disaster” em 1971. Tudo isto era demasiado. Um experimentalismo fincado no seu tempo por onde se escapavam visões de um futuro por vir. Uma tresloucada obra-prima. Vanguardista, inimitável e irrepitível.

Uma viagem americana

Isobel Campbell & Mark Lanegan
Hawk
V2; distri. Nuevos Medios

★★★★★



Toda a América cabe neste disco saído da cabeca de uma escocesa. Ouve-se blues-rock como o que Chicago

nos ofereceu em 1950 ou 1960, ouvem-se baladas country assombradas, passamos pelos cenários pop misteriosos e opulentos de orquestração de Lee Hazlewood, pela folk acústica de cantautor e pela folk spectral que já não ouvimos desde que desapareceram os Mazzy Star. Mais uma vez, a ex-violoncelista dos Belle & Sebastian é quem orquestra toda a música, quem desenha os ambientes e quem compõe as canções. Mark Lanegan, o ex-vocalista dos Screaming Trees, colaborador de Queens Of the Stone Age e dono de →



A América da escocesa Isobel Campbell é uma viagem que vai do blues-rock à country e à folk

← uma muito recomendável carreira a solo, é quem lhes dá o tom.

Que Isobel se coloque numa posição subalterna (só surge como vocalista principal em "To hell and back", a que recorda ambientes Mazzy Star, e em "Sunrise") só revela que tem perfeita noção daquilo que melhor serve a música que cria. De resto, o facto de Lanegan não ser o único vocalista masculino do álbum - Willy Mason surge num par de canções, incluindo uma versão de "No place to fall", do obrigatório Townes Van Zandt -, é prova disso mesmo. Lanegan, contudo, e como não poderia deixar de ser, é a presença marcante: o grão da sua voz grave é veículo perfeito para dar às canções a sensibilidade dramática, vivida, que pedem - a voz dela, frágil e discreta, quase sussurrada, surge como contraponto perfeito, como que um refúgio de doçura.

Álbum de fascínios, os de Isobel por linguagens clássicas da música americana, "Hawk" poderia resultar noutras mãos numa colecção de exercícios de estilo. Tal não sucede porque se sente nestas 13 canções uma naturalidade na interpretação que as resguarda de qualquer tipo de cinismo, um conhecimento profundo do universo em que viajam que nos transmite uma sensação de verdade e, tão ou mais importante do que o resto, um talento óbvio de composição. "Hawk" não são canções dispersas reunidas num mesmo disco: cada uma delas surge como peça necessária ao puzzle que, no fim, veremos na sua totalidade.

O blues eléctrico e cortante de "You won't let me down again", com Lanegan a cantar assombrações e Isobel pairando como fantasma de sensualidade provocadora, olha de frente o veneno dos banhos de "Snake song" (a segunda versão de um original de Townes Van Zandt incluída neste disco). O sentido trágico de "Come undone", magnifica na sua dramática orquestração, resolve-se na reconfortante "Time of the season", serenata a dois com o espírito de Hazlewood e Nancy Sinatra pairando por perto.

O álbum que começa com folk descarnado, crepuscular, afundar-se em amor amaldiçoado e encontrará redenção. Será telúrico, com cheiro a terra e convocando imagens de mitos folk, será sonhador nessa "Sunrise" feita do eco de uma voz etérea e do dedilhar da guitarra (um "Bang bang" sem tragédia), será grandioso quando as orquestrações se ouvem e eléctrico e urgente quando o espírito de John Lee Hooker é convocado. Terminará, como não podia deixar de ser, com um soul gospel de coro bem afinado e ambiente geral de celebração.

"Hawk" não é simplesmente uma colecção de canções inspiradas. É uma viagem pela qual Isobel Campbell nos guia com mestria. M.L.

Um álbum inteiro a partir de "I'm not in love", dos 10cc? Pode parecer estranho, mas "Relayted" é uma pequena maravilha



Dupla vitória

Gayngs
Relayted
Jagjaguwar; distri. Flur

★★★★★



A estreia dos Gayngs é um objecto estranho. A intenção inicial de fazer um álbum inspirado por "I'm not in love", dos

10cc, não é um truque de "marketing" - o clássico da pop melosa está presente, em espírito, nestas 11 canções. A boa notícia é que os Gayngs - supergrupo com 25 músicos do universo indie - beberam do clássico de 1975 as suas melhores características, rejeitando o exercício copista ou reverente.

É certo que "Relayted" está muitas vezes a um passo do gosto duvidoso. Há teclados e solos de saxofone a pingar romantismo, cantores a carpir mágicas de amor, mas o prazer que se retira da sua audição não tem ponta de ironia. Boa parte da culpa recai na forma engenhosa como Ryan Olson produziu o álbum, revestindo as canções com uma mesma toada vagamente narcótica e organizando contextos em que um determinado som de baixo ou de sintetizadores, que poderia ser justamente desprezado noutras situações, revela a sua beleza intrínseca.

"The gaudy side of town", com camadas de vozes encharcadas em reverberação e baixo "sexy", lembra tanto a canção dos 10cc como George Michael. "Cry" desacelera o original dos Godley & Creme e trá-lo para territórios fantasmagóricos, enquanto "No sweat" é uma espantosa balada ao piano com uma voz à Luther Vandross. "Crystal rope", que Sade não enjeitaria, é outro ponto alto. Há ainda espaço para um momento extraterrestre, "False bottom", pequena maravilha de saxofones, teclados, percussão desordeira e vozes manipuladas.

"Relayted" é uma dupla vitória. Primeira: a ideia inicial foi um mero pretexto para uma aventura de

estúdio com liberdade total. Segunda: conseguir fazer disso um disco coerente. Aqui está ele, "Relayted". Que a aventura Gayngs não fique por aqui. **Pedro Rios**

Clássica

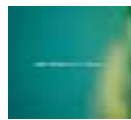
Recriando o barroco português

Os Sete Lágrimas mostram novas facetas e novas cores de alguns nomes maiores do barroco nacional.

Cristina Fernandes

Sete Lágrimas
Pedra Irregular
Direcção artística de Filipe Faria e Sérgio Peixoto
Arte das Musas / MureRecords

★★★★★



"Pedra Irregular", o mais recente CD dos Sete Lágrimas, evoca simbolicamente a origem

portuguesa da palavra "barroco", sinónimo de pedra irregular, e o nascimento desta corrente estética em Portugal, através de uma criteriosa selecção de obras de Diogo Dias de Melgaz (1638-1700), Carlos Seixas (1704-1742), Francisco António de Almeida (c. 1702-1755?) e António Teixeira (1707-1774). Com a excepção de algumas sonatas de Seixas, o repertório é de natureza sacra e foi composto para coro (com ou sem solistas) e baixo contínuo, mas os Sete Lágrimas recriam-no através de combinações variadas que

recorrem apenas a três cantores (a soprano Mónica Monteiro e os tenores Filipe Faria e Sérgio Peixoto), instrumentos melódicos (oboé, flauta, violino barroco) e uma ampla secção de baixo contínuo (violoncelo e contrabaixo barroco, tiorbas, órgão). Algumas peças vocais (como "Adjuva nos", de Melgaz, e "Tanta grassabatur", de Teixeira) surgem assim em versões puramente instrumentais, enquanto outras assumem configurações mistas. Em ambos os casos, os instrumentos contribuem para uma maior riqueza de colorido e uma maior nitidez da textura.

Se as peças com efectivos mais amplos (como "Si quæris miracula", de Almeida, ou "Hodie nobis" e "Sicut cedrus", de Seixas) são as que ilustram melhor o esplendor do estilo barroco e avultam entre os momentos altos da gravação, em boa parte dos casos o grupo cria um ambiente intimista e meditativo, mais próximo da música de câmara do que do contexto sumptuoso das cerimónias litúrgicas do tempo de D. João V, em que provavelmente algumas destas peças chegaram a ser interpretadas. Há também situações em que a voz superior (soprano) é cantada uma oitava abaixo por um tenor, originando um ambiente sonoro mais sombrio e opaco, como sucede, por exemplo, em "O quam suavis", de Almeida.

Um conjunto vocal mais amplo seria mais fidedigno em termos históricos e a adição de instrumentos no contexto das práticas de execução da época carece de mais investigação. No entanto, a filiação dos Sete Lágrimas não é a das "interpretações historicamente informadas", ainda que os seus membros tenham formação nessa área e usem instrumentos antigos. É antes a da experimentação e da proposta de um olhar próprio, como o grupo tem demonstrado através de uma original discografia onde cabem projectos tão diversos como "Kleine Musik", "Diáspora.pt" ou "Silêncio". Nesse sentido, "Pedra Irregular" é uma aposta ganha, até porque contribui para realçar a qualidade da música e revelar novas facetas de cada obra através de uma interpretação cuidada e de um estudo atento à retórica barroca e à relação texto-música.



A meio-soprano Sarah Connolly canta Handel com elegância e expressividade

Handel vezes dois

Handel
Duets
Rosemary Joshua
Sarah Connolly
The English Concert
Direcção de Harry Bickert
Chaconne / Chandos

★★★★★



A música de Handel tem ocupado um lugar de destaque nas carreiras da soprano Rosemary

Joshua e da meio-soprano Sarah Connolly, tanto nos palcos de ópera e concert como em disco. Para o presente álbum, em colaboração com a prestigiada orquestra barroca The English Concert, seleccionaram alguns dos mais belos duetos da produção dramática de Handel, incluindo óperas sérias à italiana ("Radamisto", "Rodelinda", "Ottono", "Ariodante", "Tamerlano", "Sosarme", "Agrippina", "Giulio Cesare") e oratórias em inglês com grande potencial dramático, como é o caso de "Theodora" e "Belshazzar". Na época, a maior parte destes duetos era destinada a um soprano e a um "castrato". Como era habitual no Barroco, Handel compunha para cantores específicos, tendo contado com a colaboração de estrelas como a soprano Francesca Cuzzoni ou o "castrato" Senesino. Como tal, a escrita vocal é exuberante e luminosa, percorrendo uma ampla paleta expressiva e exigindo quer agilidade e virtuosismo, quer um excelente domínio do "legato" e do "cantabile". Apesar da sua diversidade tímbrica, as vozes de Rosemary Joshua e Sarah Connolly combinam bastante bem. As duas intérpretes transmitem segurança técnica, encontram uma boa sintonia ao nível da arte de frasear e cantam com elegância e expressividade, oferecendo-nos momentos de grande beleza em trechos como "Io t'abbraccio" (da ópera "Rodelinda"), "Streams of leisure ever flowing" ("Theodora"), "Vivo in te" ("Tamerlano") ou "Caro! Bella!" ("Giulio Cesare"). Tanto as cantoras como a direcção musical de Harry Bickert (que em 2007 substituiu Trevor Pinnock, o lendário fundador do grupo) mantêm porém alguma contenção e sobriedade, abdicando de contrastes demasiados incisivos ou de grandes rasgos de teatralidade, o que confere uma certa uniformidade ao programa, quando ouvido no seu conjunto. C.F.



A vocação dos Sete Lágrimas para a experimentação a partir do repertório é um dos méritos de "Pedra Irregular"

A Either Orchestra é a suprema "small big-band experience"

ERIC ANTONIOU

Jazz

Time bandits

A Either Orchestra lança-se numa nova aventura, entre as estruturas de Ellington e os salões do Cairo.
Rodrigo Amado

Either Orchestra
Mood Music for Time Travellers
Accurate

★★★★☆



Construída em torno da comunidade musical de Boston, a Either Orchestra é uma pequena "big band" (os músicos são apenas dez, mas o som é enorme), liderada pelo saxofonista Russ Gershon e formada com o intuito de explorar as ligações das "outras músicas" à improvisação jazz. Com uma ligação de anos à riquíssima tradição musical etíope e aventuras partilhadas com os "enormes" Mulatu Astatke (composição, piano, vibes), Mahmoud Ahmed (voz) ou Getachew Mekurya (saxofone), viram já o seu som imortalizado em registos como "Live in Addis" (inserido na série "Ethiopiques", e absolutamente obrigatório) ou "The Brunt". Neste "Mood Music", a primeira sensação é de que estamos num dos muitos "nightclubs" do Cairo, em plenos anos 60, a escutar uma banda de repertório profundamente influenciada pelo jazz norte-americano. É precisamente nesta irónica sensação de deslocação temporal que reside o grande fascínio da Either Orchestra. Isso e, claro, o facto de todos os seus elementos serem incríveis instrumentistas, impulsionados pelas improvisações poderosas de Gershon e convidados, com destaque para o fabuloso saxofonista barítono Charlie Kohlhasse. A uma música acessível, quase dançável, juntam-se melodias

complexas e arranjos sinuosos que evocam não só Mingus, mas também Duke Ellington, Sun Ra, Carla Bley, Burt Bacharach ou a vibração africana de Trevor Watts. Boogaloo, rumba, calypso, funk, afro-beat, e toda uma infinda variedade de detalhes musicais fazem da Either Orchestra a suprema "small big-band experience".

Um passo certo

Gonçalo Marques

Da Vida e da Morte dos Animais
Tone of a Pitch; distri. Dargil

★★★★☆



A calma atravessa todo o registo de estreia de Gonçalo Marques, dando-lhe uma consistência assinalável. Uma

calma relativa - todo o disco se desenvolve em torno de andamentos médios e lentos - que só é quebrada pela intensidade exploratória de Bill McHenry, saxofonista americano que se revela uma escolha certa para contrapor fogo e intuição às abordagens de Marques, Demian Cabaud (contrabaixo), e Bruno Pedroso (bateria). McHenry improvisa com imaginação e enorme criatividade, contrapondo-as à postura mais ponderada (por vezes demasiado) dos restantes músicos. Quando entra em cena, a música abre-se e surgem de imediato novos horizontes melódicos e harmónicos. Nada disto retira mérito ao conceito trabalhado por Gonçalo Marques, que assina a quase totalidade das composições. Ao som quente e envolvente do saxofone tenor de McHenry, Marques responde com um tom bem construído (a lembrar Dave Douglas), fruto de um percurso que o levou do Hot Clube para a Berklee College of Music. "Da Vida e da Morte dos Animais" tem o raro mérito de, quando chega ao fim, nos deixar vontade de ouvir mais. Está tudo lá, falta só um pouco mais de ousadia e de sentido de aventura. R.A.



Gonçalo Marques: só lhe falta um pouco mais de sentido de aventura

PRÉMIO JOVENS MÚSICOS 2010
www.rtp.pt | antena2.rtp.pt

CHEGOU A HORA DE DESCOBRIR QUEM É MÚSICO DOS PÉS À CABEÇA

FINAIS 3 A 7 DE SETEMBRO
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

3 de Setembro | 14h PERCUSSÃO NÍVEL SUPERIOR
TROMPETE NÍVEL MÉDIO

4 de Setembro | 14h CONTRABAIXO NÍVEL SUPERIOR
FLAUTA NÍVEL SUPERIOR

5 de Setembro | 14h MÚSICA DE CÂMARA NÍVEL MÉDIO
MÚSICA DE CÂMARA NÍVEL SUPERIOR

6 de Setembro | 14h OBOÉ NÍVEL SUPERIOR
VOZ NÍVEL SUPERIOR

7 de Setembro | 14h VIOLINO NÍVEL MÉDIO

PRÉMIO JOVENS MÚSICOS
um challenge a descobrir talentos

75 ANOS
1938-2013

ANTENA 2

casa da música

orquestra
sinfónica
do porto
casa da música



PERCUSSÃO SOLISTA B
FUNÇÕES: MULTI-PERCUSSÃO, LÂMINAS, TÍMPANOS
CONTRATO PERMANENTE

DOMINGO 21 NOVEMBRO 2010

PROGRAMA

ACCESSÓRIOS - JF Lézé: Étude pour accessoires d'orchestre (ed. F Dhalmann)
MARIMBA - JS Bach: Gavotte en rondeau de 3ª Partita para violino solo
CAIXA DE RUFO e ACCESSÓRIOS - M Jazze: Gigue de Suite Ancienne (ed. Leduc)
MULTI-PERCUSSÃO - M Jazze: Rigaudon de Suite Ancienne (ed. Leduc)
Excerpts do repertório orquestral a comunicar.

DATA LIMITE PARA RECEPÇÃO
QUINTA 23 OUTUBRO 2010

A candidatura (com CV), a ser enviada por correio, fax ou e-mail para o seguinte endereço, deverá ser recebida até à data mencionada acima.

Orquestra Sinfónica do Porto (Audições)
Fundação Casa da Música
Avenida da Boavista 604-610
4149-071 Porto | Portugal
tel: +351 220 120 200
fax: +351 220 120 298
e-mail: audicoes@casadamusica.com
www.casadamusica.com

As provas decorrerão na Casa da Música. Os candidatos serão alvo de uma pré-selecção e receberão uma resposta até 10 dias após o encerramento das candidaturas. As partituras e demais informações serão fornecidas aos candidatos admitidos.

orquestra sinfónica
porto - casa da música

RECENA ORQUESTRAL SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA



PREMIOS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



PREMIOS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



As estrelas do público

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Mário J. Torres	Vasco Câmara
Casamento a Três	★★★★☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
A Dança	★★★★☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Entre Irmãos	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Irène	★★★★☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	★★★★☆
Não, minha filha, tu não vais dançar	☆☆☆☆☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Os Mercenários	★★★★☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Origem	★★★★☆	☆☆☆☆☆	★★★★☆	●
Predadores	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Presente de Morte	★★★★☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	★★★★☆
Salt	★★★★☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆



Chiara Mastroianni: uma personagem "refractária" ao "statu quo" familiar, mesmo que Chiara fique a milha

Estreiam

No cravo e na ferradura

Uma relativa dureza sentimental, mas é o filme de Honoré que é mais "argumento filmado".

Luís Miguel Oliveira

Não Minha Filha, Tu Não Vais Dançar
De Christophe Honoré,
com Chiara Mastroianni, Marina Fois, Marie-Christine Barrault, Louis Garrel. M/12

★★★★☆

Lisboa: Medéia Monumental; Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h30, 17h40, 19h50, 22h, 00h30

"Em Paris" e "As Canções de Amor" fizeram de Christophe Honoré uma das novas coqueluches do cinema francês. Como este "Não, Minha Filha, Tu Não Vais Dançar" de título longo e loboantunesiano, eram filmes que trabalhavam o tema da "família em convulsão" mas que o faziam sob uma muito explícita memória da "nouvelle vague",

trabalhada como referente em primeiro lugar afectivo (sobretudo em "As Canções de Amor"), mas no melhor caso ("Em Paris") um pouco mais do que apenas isso. Sem abandonar a questão familiar, "Não, Minha Filha..." despe-se desse tipo de referências para encontrar outro rio tradicional do cinema francês: o realismo naturalista, ou o naturalismo realista, que iam qualificar com o adjectivo "famigerado" se depois não fosse preciso explicar longamente porque é que o fazíamos. Assim, muito abreviadamente diríamos que dessa tradição há uma tendência dura e cheia de ossos (modelo Pialat) e outra mole e fácil de mastigar (modelo, sei lá, Claude Miller, ou o pior Truffaut, o Truffaut pasmado que enfureceu Godard). Não é certo para qual das tendências aponta Honoré, mas parece-nos - pior das opções - que procurou uma no cravo e outra na ferradura. Uma relativa dureza sentimental, uma não desinteressante aspereza no desenho das personagens, psicologia e relacionamentos, até mesmo na presença dos actores (sobretudo de Chiara Mastroianni, na sua personagem "refractária" ao "statu quo" familiar, mesmo que Chiara fique a milhas da atitude desafiante, antipática, "anti-empática", da melhor Sandrine Bonnaire). Mas, depois, o risco permanente da

amorfia completa, um cinema subjugado ao argumento e aos diálogos (é o filme de Honoré que é mais "argumento filmado", e incluímos na conta o indigesto "Ma Mãe"), uma espécie de abandono auto-complacente, ou pior ainda auto-compungido (climax disto: perto do final, a entrada a martelo de Antony & the Johnsons na banda sonora), aos rodriguinhos narrativos e ao "roteiro psicológico" da personagem central na sua viagem de progressivo abandono familiar, sempre sublinhada e, na relação com o espectador, sempre manipulada com recurso aos cordeinhos mais gastos e estereotipados. A força esvaiu-se, e o impacto emocional fica, certamente, com quem se deixar conquistar para ele - mas, e isto também é certo, já não há aqui nem sombra de um "momento Kim Wilde"...

Predadores

Predadores
De Nimród Antal,
com Adrien Brody, Laurence Fishburne, Tophér Grace, Alice Braga. M/16

★★★★☆

Lisboa: Castelo Lopes - Loures Shopping; Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h10, 18h40, 21h30, 23h50; CinemaCity Alegro Alfragide; Sala 8: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h, 18h20, 21h50, 24h Sábado Domingo 11h30, 13h40, 16h, 18h20, 21h50,

24h; CinemaCity Beloura Shopping; Cinemax: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h55, 16h35, 18h45, 21h30, 23h50 Sábado Domingo 11h45, 13h55, 16h35, 18h45, 21h30, 23h50; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros; Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 15h45, 17h50, 19h55, 21h55, 00h10; UCI Cinemas - El Corte Inglés; Sala 5: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h30, 16h55, 19h20, 21h40, 00h20 Domingo 11h30, 14h30, 16h55, 19h20, 21h40, 00h20; UCI Dolce Vita Tejo; Sala 9: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h40, 19h25, 21h50 6ª Sábado 14h15, 16h40, 19h25, 21h50, 00h25; ZON Lusomundo Alvalária: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h25, 15h50, 18h20, 21h30, 23h55; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h45, 15h40, 18h20, 21h15, 23h50; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h30, 18h10, 21h20, 23h55; ZON Lusomundo Odivelas Parque: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 18h20, 21h30 6ª Sábado 13h, 15h30, 18h20, 21h30, 00h15; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h50, 18h30, 21h45, 00h20; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h30, 18h50, 21h50, 00h20; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping; Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h10, 21h20, 23h50; ZON



"Predadores" não é o prego no caixão do "franchise", antes a sua ressurreição

série ipsilon II

+3 DVD

Sexta-feira,
dia 10 de Setembro,
o DVD "Em Paris",
de Christophe Honoré.

Todas as sextas,
por + €1,95.





O Auditório de Serralves apresenta a 16 de Setembro, às 21h30, ODDSAC, filme experimental concebido e realizado pelo grupo **Animal**

Collective (música) e **Danny Perez** (imagem). Depois de a **Filho Único** ter apresentado o filme em Lisboa (foi em Junho), é agora a vez de o mostrar no Porto.



Lusumundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h40, 18h15, 21h10, 00h05

Porto: Arrábida 20: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h15, 16h45, 19h15, 21h55, 00h30 3ª 4ª 16h45, 19h15, 21h55, 00h30; ZON Lusumundo Ferrara Plaza: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h50, 18h20, 21h30 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 18h20, 21h20, 00h10; ZON Lusumundo Marshopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h10, 18h40, 21h30, 24h; ZON Lusumundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 17h10, 19h40, 22h10, 00h50; ZON Lusumundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h40, 18h30, 21h30, 00h10; ZON Lusumundo Fórum Aveiro: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h35, 21h20 6ª Sábado 13h10, 15h50, 18h35, 21h20, 00h10

Para quem reacar de "Predadores" o mais recente exemplo de como Hollywood pode destruir de vez um "franchise", bastarão duas palavras para os reconfortar: Robert Rodriguez. O amigo de Tarantino e aficionado das emoções baratas do cinema xunga de salas de bairro e "drive-ins" tomou as rédeas da saga do caçador extra-terrestre e entrega com "Predadores" a digna e verdadeira seqüela do original de 1986 com Arnold Schwarzenegger dirigido por mestre John McTiernan. Verdade seja dita, nem Rodriguez (que apenas produziu, mas cujas mãoszinhas se notam à distância) nem o húngaro Nimrod Antal ("O Motel", 2007) são McTiernan. E, para quem tem memória cinéfila, o guião de Alex Litvak e Michael Finch é demasiado derivativo de coisas como "O Malvado Zoroff" (Irving Pichel e Ernest Schoedsack, 1932) ou "A Presa Humana" (Cornel Wilde, 1966): um grupo de soldados e assassinos de elite acorda num planeta distante e compreendem rapidamente estarem ali como caça para os alienígenas. Mas se Antal (que está a provar ser um digno herdeiro dos funcionários clássicos especializados em séries B) não consegue nunca tornar "Predadores" no angustiante exercício de estranheza que algumas cenas (e, sobretudo, a partitura muito Jerry-Goldsmithiana) sugerem, isso é muito mais do que compensado pela eficácia despachada, econômica, dir-se-ia mesmo clássica, da sua encenação. "Predadores" não é o prego no caixão do "franchise", antes a sua ressurreição - discreta, mas indelmentável. **Jorge Mourinha**



"Entre Irmãos": um filme que não chegou a ser

Entre Irmãos

Brothers
De Jim Sheridan,
com Jake Gyllenhaal, Natalie Portman, Tobey Maguire, Sam Shepard. M/16



Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 5: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h40, 18h40, 21h40 6ª 15h40, 18h40, 21h40, 00h10 Sábado 13h, 15h40, 18h40, 21h40, 00h10 Domingo 13h, 15h40, 18h40, 21h40; Castelo Lopes - Londres: Sala 1: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h, 21h30 6ª Sábado 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 5: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h, 16h05, 19h10, 22h, 00h05 Sábado Domingo 11h50, 14h, 16h05, 19h10, 22h, 00h05; Medeia Saldanha Residence: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 15h45, 17h50, 19h55, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 14: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h, 16h25, 19h, 22h, 00h20 Domingo 11h30, 14h, 16h25, 19h, 22h, 00h20; ZON Lusumundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h30, 21h30, 00h10; ZON Lusumundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h10, 18h40, 21h25, 00h15; ZON Lusumundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h30, 18h, 21h10, 23h55; ZON Lusumundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h25, 16h05, 18h40, 21h15, 00h15

Porto: Arrábida 20: Sala 10: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h20, 16h50, 19h25, 22h, 00h35 3ª 4ª 16h50, 19h25, 22h, 00h35; ZON Lusumundo Dolce Vita Torres: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h30, 19h30, 22h, 00h30

Há um grande filme dentro de "Entre Irmãos" que só escapa a espaços: a tragédia clássica da família destruída e dos irmãos desavindos confrontados com o pai que desaprova de um e prefere o outro. Por si, nada de novo; mas o modo como o irlandês Jim Sheridan ("Em Nome do Pai", 1993; "Na América", 2002) o filma é algo de magistral, sobretudo nas cenas de refeição onde basta uma palavra inocente ou um olhar de esguelha para fazer explodir a tensão insuportável que se sente no ar. Esse filme é o que eleva "Entre Irmãos" a alguns grandes momentos de cinema, com o elenco de luxo a carburar a toda a força em perfeito entrosamento. O problema é o outro dos dois filmes que aqui se esconde e que é inseparável do anterior, porque faz parte do código genético do projecto, uma "remake" do filme da dinamarquesa Susanne Bier "Brødre" (2004, inédito em

Portugal). Os dois irmãos são aqui, como no original, um arruaceiro local e um militar exemplar, e o "gatilho" da situação é o desaparecimento do militar durante uma missão no Afeganistão e o modo como o irmão se torna no apoio da cunhada e dos sobrinhos. Mesmo que a fidelidade ao original o impusesse, o lado de filme de guerra que a narrativa implica (sobretudo nestes tempos em que o envolvimento americano no Iraque e no Afeganistão é um alvo bastante assediado por Hollywood) é uma "figura obrigatória" que claramente interessa menos a Sheridan, com evidentes consequências na economia narrativa e emocional do filme. "Entre Irmãos" resulta desequilibrado, sem conseguir dar aos actores tudo o que eles necessitam para o sustentar - Jake Gyllenhaal e Sam Shepard são muito bons, Natalie Portman tem pouco que fazer com um papel ingrato, Tobey Maguire não consegue acertar no tom de uma personagem difícil. Mas quando tudo se entrosa - e não são poucos os momentos em que o consegue, quase todos quando a família se confronta - é um filme notável. E é nesses momentos em que "Entre Irmãos" é um grande filme que lamentamos a que podia ter sido e não chegou a ser. **J.M.**

Continuam

Presente de Morte
The Box
De Richard Kelly,
com Cameron Diaz, James Marsden, Frank Langella. M/12



Lisboa: CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h35, 19h40, 22h05, 00h30; Medeia Monumental: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h50, 19h20, 21h50, 00h20; ZON Lusumundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 16h30, 19h05, 21h45, 00h25; ZON Lusumundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 00h25; ZON Lusumundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h35, 18h30, 21h10, 23h50

Porto: Arrábida 20: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h55, 16h35, 19h20, 22h05, 00h45 3ª 4ª

MILK
ESTREIA MUNDIAL A 23 DE ABRIL DE 2010 NA GALA INTERNACIONAL DE BRITANIA DA COMPANHIA NACIONAL DE BRITANICO
COREOGRAFIA ANDRÉ MESQUITA
INTÉRPRETES TERESA ALVES DA SILVA, GUZMÁN ROSADO

SOLO
ESTREIA MUNDIAL A 16 DE SETEMBRO DE 2010
COREOGRAFIA E INTERPRETAÇÃO SHUMPEI NEMOTO

SUGGESTIONS FOR WALKING ALONE
ESTREIA MUNDIAL A 16 DE SETEMBRO DE 2010
COREOGRAFIA ANDRÉ MESQUITA
(EM COLABORAÇÃO COM OS INTÉRPRETES)
INTÉRPRETES TERESA ALVES DA SILVA, SÃO CASTRO, KELLY NAKAMURA, SYLVIA RUMER, SHUMPEI NEMOTO

NOVA CRIAÇÃO TOK'ART
ESTREIA MUNDIAL
DIRECCÃO ARTÍSTICA ANDRÉ MESQUITA E TERESA ALVES DA SILVA

CENTRO CULTURAL CARCAHO
SEX. SÁB.
10-11. SET. 2010
21H30

Info: 243701600
Bilhetes: 8€ (desconto 50% para menores 30 e M/65 anos)

Carcaho Município centro cultural carcaho

TOK'ART

FORÇA AÉREA
DISCIPLINA ACCÃO FORMAÇÃO

REGIME DE CONTRATO
CANDIDATURAS ONLINE

OFICIAIS (ATÉ 27 ANOS) BACH./LICENCIATURA
PRAÇAS (18-24 ANOS) 9º ANO ou 11º/12º ANO

Formação: Topografia - Operações - Controlo de Tráfego Aéreo - Condição de Intercepção - Condição Auto-Comunicações - Meteorologia - Estatística de Detecção - Armamento e Equipamento - Construção e Manutenção de Infra-estruturas - Electricidade - Electro-Autómatos - Electrostática - Música - Outros - Material Aéreo - Material Terrestre - Montagem - Operador de Sistemas de Assistência e Socorro - Manutenção e Substituição - Informática - Pessoal e Apoio Administrativo - Polícia Aérea - Recursos Humanos e Logística - Saúde - Secretariado e Apoio dos Serviços

Linha Grátis 800 206 448
recrutamento.fap@emfa.pt www.emfa.pt

Não dispense consulta do Anejo de Abertura do concurso publicado em Diário da República.

www.ipsilon.pt



"Wendy & Lucy" em Viana do Castelo

Cineclubes

para mais informações consultar: www.fpcc.pt

Cine-Teatro S. Pedro

Largo S. Pedro - Abrantes

Uma Outra Educação
De Lone Scherfig, 2010, M/12
08/09, 21.30h

Cinema Teixeira de Pascoaes

Centro Comercial Santa Luzia - Amarante

Tudo Pode Dar Certo
De Woody Allen, 2009, M/12
03/09, 21.30h

Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão

Parque de Sinças - Famalicão (CC de Joane)

Conto de Verão
De Eric Rohmer, 1996, M/12
07/09, 21.30h

Fantasia Lusitana
De João Canijo, 2010, M/6
09/09, 21.30h

Cinema ao Ar Livre

Cemitério antigo de Cacela-a-Velha - Faro

Significado...
De Tiago Pereira, 2010, M/6
(PRESENÇA DO REALIZADOR)
Polifonias- Paci é saluta
De Michel Giacometti e Pierre-Marie Goulet, 1997, M/6
07/09, 22:00h

Ruínas
De Manuel Mozos, Portugal, 2009, M/12
09/09, 22:00h

Centro Cultural Vila Flor

Av. D. Afonso Henriques, 701 - Guimarães

O Tempo Que Resta
De Elia Suleiman, 2009, M/12
05/09, 21:45h

Jardim do Breyner 85

Rua do Breyner, 85 - Porto

Curtas ao Ar Livre
(info www.cineclubedoporto.wordpress.com)
07/09, 22h

Cinema Passos Manuel

Rua Passos Manuel, 137 - Porto

Pierrot le fou
De Jean-Luc Godard, 1965, M/12
09/09, 22h

Cine-Teatro António Pinheiro

R. Guilherme Gomes Fernandes, 5 - Tavira

Mother - Uma Força Única
De Joon-ho Bong, 2009, M/16
05/08, 21.30h

Eu Sou o Amor
De Luca Guadagnino, 2009, M/12
09/08, 21.30h

Cinema Verde Viana

Praça 1ª de Maio, Centro Comercial - Viana do Castelo

Wendy & Lucy
De Kelly Reichardt, 2008, M/12
09/02, 21.45h

Projecto

Acto 8 para a dupla Burton/Depp: "Dark Shadows", adaptação de uma "soap opera" americana dos anos

60. história de uma família, os Collins, e outras aparições. Depp vai ser um vampiro de 175 anos.



JACKY NAGELEIN/REUTERS



Diaz e Marsden: demasiados saudáveis para a ambiguidade (a)moral que se pedia

◀ 16h35, 19h20, 22h05, 00h45; ZON Lusomundo GaiaShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 21h40, 00h30 4ª 00h30; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h50, 21h10, 23h30; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 17h, 20h, 22h40; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h40, 21h30 6ª Sábado 13h, 15h40, 18h40, 21h30, 00h20

Porque é que ao olharmos para estes dois, Cameron Diaz e James Marsden, temos saudades do Kyle MacLachlan e da Laura Dern do "Blue Velvet"? Porque não há pinga de sinuosidade (a)moral nos saudáveis Cameron e James, e isso era fundamental para este casalinho mais que perfeito que um dia recebe uma caixa e as seguintes instruções: carregam no botão e ganham um milhão de dólares - mas alguém há-de morrer. Depois do tal filme de culto, "Donnie Darko" (2001), Richard Kelly pôs-se em bicos de pés e entregou-nos "Southland Tales" (2006), filme de um auto-convencimento que se admirava à distância, pela "lata", mas que não convencia. Foi um desastre que pode ter prejudicado as ambições de carreira do realizador mas ajudou a sublinhar um suposto "enigma": Richard Kelly, ele próprio. O filme seguinte, este "The Box", já é coisa realizada com o rabinho entre as pernas (é o lado "contos do imprevisito", redondo...). E o "enigma" Kelly, afinal? Wonder-boy

ou bluff? Estava já tudo explicitado no tal "Donnie Darko", aliás, começa a ser algo próximo do paradigma: a incompletude. Como uma criança que se farta do(s) brinquedo(s), Kelly começa um filme, depois passa a outro e depois passa a outro... (e em "The Box", filme sem ponta de mistério, pode passar de Lynch a Kubrick) mas sempre tudo dentro do mesmo filme. Resultado: não chega a completar a coisa. Vasco Câmara

Irene Irene
De Alain Cavalier, com . M/12

★★★★☆

Lisboa: Medea Saldanha Residence: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 14h55, 16h40, 20h30, 22h15, 00h10

Não sabemos o que nos leva a retrair-nos deste modo perante "Irene" - afinal, o cinema recente do francês Alain Cavalier (que apenas tem chegado a Portugal através de exposições pontuais em festivais) baseia-se todo na exposição pública da sua vida privada, numa espécie de diário audiovisual do seu quotidiano onde o cineasta simultaneamente explora uma nova linguagem documental e afina uma variação muito pessoal sobre o filme-ensaio. "Irene" é, talvez, o



"Irene": experiência tão formalmente fascinante como emocionalmente desconfortável.

filme-limite dessa procura: ao mesmo tempo exorcismo da e penitência pela morte da sua mulher Irène, falecida num acidente de automóvel em 1972, nele Cavalier se expõe de um modo insustentavelmente doloroso, filmando um fantasma que não está lá, os vazios resultantes na sua obra e na sua vida, o modo como o tempo se transforma. "Irene" evita o voyeurismo graças à sinceridade terminalmente confessional de Cavalier, mas a coragem admirável com que o cineasta se expõe levanta uma série de questões (sobre o olhar, sobre as fronteiras da privacidade) que o tornam numa experiência tão formalmente fascinante como emocionalmente desconfortável. J. M.

Salt Salt
De Phillip Noyce, com Angelina Jolie, Liev Schreiber, Chiwetel Ejiofor, Daniel Olbrychski, Andie Braugher. M/12

☆☆☆☆☆

Lisboa: CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h35, 15h30, 17h30, 19h30, 21h35, 23h40; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 15h50, 17h55, 19h50, 21h50, 23h50; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 4: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h35, 15h45, 17h50, 19h50, 21h55, 00h15 Sábado Domingo 11h35, 13h35, 15h45, 17h50, 19h50, 21h55, 00h15; CinemaCity Classic Alvalade: Sala 3: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h35, 17h35, 19h35, 21h45, 23h45 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h35, 23h40; Medeia Fonte Nova: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h, 19h30, 22h; Medeia Saldanha Residence: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 13: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h30, 16h55, 19h20, 21h40, 00h20; Domingo 11h30, 14h30, 16h55, 19h20, 21h40, 00h20; UCI Dolce Vita Tejo: Sala 9: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h25, 19h10, 21h45 6ª Sábado 14h, 16h25, 19h10, 21h45, 00h20; ZON Lusomundo Alvalaxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h40, 18h, 21h40, 00h15; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h20, 17h50, 21h, 23h20; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h20, 18h40, 21h30, 23h50; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h25, 17h55, 21h15, 23h45; ZON Lusomundo Dolce Vita Miraflores: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h20, 18h20, 21h20 6ª Sábado 15h20, 18h20, 21h20, 00h20; ZON Lusomundo Odivelas Parque: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h30, 18h, 21h15 6ª Sábado 13h10, 15h30, 18h, 21h15, 23h50; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h45, 18h15, 21h30, 24h; ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h45, 15h, 17h15, 19h30, 21h50, 00h15; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h30, 18h50, 21h50, 00h15; Algrine - Sines: Sala 1: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h, 18h30, 21h30 6ª Sábado 15h, 18h30, 21h30, 24h; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h, 18h25, 21h25, 24h; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 18h10, 21h50, 24h

Porto: Arrábida 20: Sala 11: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h25, 18h55, 21h35, 00h20; Arrábida 20: Sala 12: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h25, 18h55, 21h35, 00h20; Vivacine - Maia: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h10, 18h40, 21h40, 00h05; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h10, 19h15, 21h50, 00h20; ZON Lusomundo Ferrara Plaza: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h, 17h20, 19h40, 22h 6ª Sábado 15h, 17h20, 19h40, 22h, 00h25; ZON Lusomundo GaiaShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 16h05, 18h50, 22h, 00h20; ZON Lusomundo MaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h30, 19h05, 21h40 6ª Sábado 13h20, 16h30, 19h05, 21h40, 00h25; ZON Lusomundo Marshopping: 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 15h50, 18h20, 21h40, 00h10; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 15h50, 18h20, 21h40, 21h20, 23h50; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h10, 19h, 21h50, 00h20; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h15, 18h45, 21h20 6ª Sábado 13h40, 16h15, 18h45, 21h20, 23h55; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h40, 19h15, 21h50, 00h25

Nem tudo o que Noyce fez é totalmente mau, mas a meio do visionamento de "Salt" o que nos salta à memória são as boas histórias que ele

"Salt": a acção é desenxabida, género "montagem frenética a ver se parece que alguma coisa de emocionante está a acontecer"



"Minority Report"

arruinou - "Calma de Morte", ainda na sua Austrália natal (e com uma muito jovem Nicole Kidman), ou "Sliver", já na América (e com Sharon Stone no seu apogeu). Não quer dizer que a história de "Salt" seja particularmente boa, apenas que ganharia com um cineasta interessado em ter personagens em vez das silhuetas baças que tem (o marido de Salt, por exemplo, é uma anedota que só lá está para resolver um ponto da intriga) e em reduzir a narrativa ao seu esqueleto - é tudo tão inverosímil que cada nova "explicação" só piora as coisas (o desfecho da história com o "presidente russo" é francamente ridículo). A acção é desenxabida, género "montagem frenética a ver se parece que alguma coisa de emocionante está a acontecer", abundam os diálogos em chatíssimos campos-contracâmpos. Por amor de Deus: há mais personagens, mais imaginação, mais "panache", melhores diálogos melhor filmados, no filme do desgraçado Stallone. L.M.O.

Cinemateca Portuguesa

R. Barata Salgueiro, 39 Lisboa. Tel. 21 3596200

Sexta, 3

Romance

De Catherine Breillat.

15h30 - Sala Félix Ribeiro

As Vinhas da Ira The Grapes of Wrath

De John Ford

19h - Sala Félix Ribeiro

Onde Quer que Estejas Wherever You Are

De Krzysztof Zanussi

19h30 - Sala Luís de Pina

Aquela Loira Casque d'Or

De Jacques Becker

22h - Sala Luís de Pina

Nome de Código: Cloverfield Cloverfield

De Matt Reeves

22h30 - Esplanada

Sábado, 4

O Sr. e a Sra. Smith Mr. and Mrs. Smith

De Alfred Hitchcock

15h30 - Sala Félix Ribeiro

Os Ídolos do Estádio

Olympia, Teil - Fest der Völker

De Leni Riefenstahl.

19h - Sala Félix Ribeiro

A Mãe

Mat



De Vsevolod Pudovkin. Com Anna Zemtsova. 80 min.

22h - Sala Luís de Pina

Relatório Minoritário Minority Report

De Steven Spielberg

22h30 - Esplanada

Segunda, 6

Ulisses

De Mario Camerini, Mario Bava.

Com Kirk Douglas. 91 min.

15h30 - Sala Félix Ribeiro

Corações na Penumbra Sweet Bird of Youth

De Richard Brooks

19h - Sala Félix Ribeiro

A Multidão The Crowd

De King Vidor

19h30 - Sala Luís de Pina

Vontade Indômita The Fountainhead

De King Vidor

21h30 - Sala Félix Ribeiro

Sonhos de Ouro Sogni d'oro

De Nanni Moretti . Com Nanni Moretti. 104 min.

22h - Sala Luís de Pina

Terça, 7

O Intruso L'Innocente

De Luchino Visconti

21h30 - Sala Félix Ribeiro

Moonlighting

De Jerzy Skolimowski. Com Jeremy Irons. 97 min.

19h - Sala Félix Ribeiro

O Fim da Aventura The End of the Affair

De Edward Dmytryk

15h30 - Sala Félix Ribeiro

Corações na Penumbra Sweet Bird of Youth

De Richard Brooks.

120 min.

19h30 - Sala Luís de Pina

Onde Quer que Estejas Wherever You Are

De Krzysztof Zanussi. 107 min.

22h - Sala Luís de Pina

Quarta, 8

Steamboat Round the Bend

De John Ford. Com Anne Shirley

96 min. M16.

15h30 - Sala Félix Ribeiro

Ana e As Suas Irmãs Hannah and Her Sisters

De Woody Allen

19h - Sala Félix Ribeiro

Que Pena Seres Vigarista! Peccato che Sia una Canaglia

De Alessandro Blasetti

19h30 - Sala Luís de Pina

Algemas de Cristal The Glass Menagerie

De Paul Newman

21h30 - Sala Félix Ribeiro

Fanny e Alexandre Fanny och Alexander

De Ingmar Bergman

22h - Sala Luís de Pina

Quinta, 9

Caught

De Max Ophuls

15h30 - Sala Félix Ribeiro

Trás-os-Montes + Jaime

De António Reis, Margarida Cordeiro.

19h - Sala Félix Ribeiro

Belíssima Bellissima

De Luchino Visconti

19h30 - Sala Luís de Pina

A Casa e o Mundo Ghare-Baire

De Satyajit Ray.

22h - Sala Luís de Pina

Planeta dos Macacos Planet of the Apes

De Tim Burto

22h - Esplanada



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

MESTRADOS - 2.º CICLO

Mestrado em Ciências da Comunicação (5 especializações)

Comunicação, Organização e Liderança

Media e Jornalismo

Internet e Novos Media

Comunicação e Gestão Cultural

Comunicação, Marketing e Publicidade

Mestrado em Ciências da Família (3 especializações)

Políticas de Família

Orientação e Mediação Familiar

Contextos Familiares de Risco

Mestrado em Estudos de Cultura - integrado na Rede THE LISBON CONSORTIUM*

Estudos de Cultura

Performance e Criatividade **NOVO**

*em parceria com várias instituições culturais da cidade de Lisboa.

Mestrado em Línguas Estrangeiras Aplicadas:

TEFL (Teaching English as a Foreign Language)

Business and Languages - Línguas e Negócios **NOVO**

Mestrado em Tradução **NOVO**

Mestrado em Serviço Social (2 especializações)

Serviço Social

Acompanhamento Social e Inserção

Mestrado em Filosofia (3 especializações)

Filosofia da Linguagem e Ciências Cognitivas

Estética e Filosofia da Arte **NOVO**

Filosofia Ibérica

DOUTORAMENTOS - 3.º CICLO

Doutoramento em Ciências da Comunicação

Doutoramento em Estudos de Cultura - integrado na Rede THE LISBON CONSORTIUM*

*em parceria com várias instituições culturais da cidade de Lisboa

Doutoramento em Serviço Social

Secretariado
Cristina Nunes e Ana Morais | Tel: 217214194 | 217214202
Email: crunnes@fch.lisboa.ucp.pt | amorais@fch.lisboa.ucp.pt
www.fch.lisboa.ucp.pt

CAMARÉ
Do Amor e dos Dias

CCB 07OUT 21HRS.

APRESENTAÇÃO **NOVO DISCO**

01OUT 21:30H TEATRO AVERRENSE AVEIRO
09OUT 21:30H TEATRO MUNICIPAL VILA DO CONDE
30OUT 21:30H CCC CALDAS DA RAINHA

Teatro/Dança



Lá fora

De 7 a 12 deste mês, o **Visões Úteis** está em Cluny para apresentar "A Língua das Pedras", instalação multimédia que integra o programa de

"Toute L'Europe à Cluny", encerramento oficial das comemorações dos 1100 anos daquela ordem religiosa. Espalhada pelos seis pisos da Tour des

Fromages, a instalação da companhia portuguesa foi criada na sequência de viagens a quase 20 sítios cluniacenses de França, Alemanha, Itália e Suíça.

As regras da manipulação

No purgatório da Tenda de Saias, não há espaço para lamentações. Só para a Verdade. **Filipa Mora**

Cem Lamentos

De Marta Freitas. Pela Tenda de Saias e Teatro Bruto. Encenação de Ana Luena. Com Olinda Favas, Rute Pimenta, Tânia Dinis, Xana Miranda.

Porto. Fábrica Social / Fundação José Rodrigues. R. da Fábrica Social. De 08/09 a 18/09. 5ª a Sáb. às 22h. Tel.: 919063185 / 912071530. 5€ a 7€.

Façam apostas. Três mulheres num jogo para a ansiada absolvição dos "pequenos pedaços da vida sujos". Há regras neste combate e uma Mestre de Cerimónias - eximamente interpretada pela convidada do elenco, Rute Pimenta - que é encarregue de levar os participantes ao limite. Fã-lo lasciva e sadicamente, num jogo que conduz as três mulheres à total submissão dos limites da moral humana. Manipulam-se estímulos e os pensamentos mais egocêntricos e mesquinhos podem vencer.

Os participantes: uma mulher que acumula graus académicos, depressões e dívidas (Olinda Favas); uma mãe de família (Tânia Dinis) com dois filhos que "obtem tudo com muito esforço"; e um Bruno que se sente Bruna e pretende com o "concurso" ter dinheiro para a operação que lhe permitirá mudar

de sexo (Xana Miranda). Lisa, Magda e Bruna, respectivamente. Várias "ledges" azuis e vermelhas e holofotes iluminam a passadeira vermelha, inóspita e evocando um "cabaret-reality-show". Na bizarra "Irmandade do Ciclo", este lugar "na defensiva não se consegue vencer o combate", as regras são explícitas e "a decisão da Mestre de Cerimónias é soberana" (regra número 3) mesmo que a regra número 7 seja "não haver regras". Não importa. Porque "o importante é acreditar" (regra número 6). As frustrações mais inquietantes de vidas tão anónimas como comuns são instigadas por uma Mestre de Cerimónias "dominatriz" cujos maneirismos e provocações não deixam ninguém indiferente.

O purgatório criado por Marta Freitas e encenado por Ana Luena em "Cem Lamentos", em cena a partir de quarta-feira na Fábrica Social, Porto, nada mais procura do que a Verdade. Para tal, cada uma das participantes se submete às manipulações mais cruéis da Mestre. Desenvolvida em parceria entre a Tenda de Saias e o Teatro Bruto, "Cem Lamentos" é ua peça sobre "voyeurismo, manipulação, adrenalina e insatisfação" que trata questões de moral, "sem querer ser moralista". A arma de defesa é a ironia que preenche toda a peça. "Chega a ser ridícula", conta Ana Luena. Em conversa com a encenadora, desmonta-se a ideia do "espectáculo onde são expostos assuntos que só deveriam dizer respeito às pessoas envolvidas". O voyeurismo cabe ao público, espectador da podridão deste "show". "Acaba por haver

contradição nestas personagens e em nós próprios." No combate, a acompanhar as personagens, a moral individual e a moral colectiva.

"Cem Lamentos" trava o duelo entre ficção e realidade, entre os instintos mais primitivos e os racionais. Mas ali, naquele jogo de regras sem regras, todos têm direito ao descontrolo. Inclusive a Mestre

que só quando usa a máscara de porco (de carrasco), se revela. Para Ana Luena, que prefere trabalhar as novas dramaturgias, o desafio passou por trabalhar o texto original de Marta Freitas, autora que conhecia as atrizes com as quais trabalhou durante todo o processo. "Não é um texto clássico que toda a gente conhece e do qual tem referências, foi um texto especificamente escrito para a Tenda de Saias". A ideia passou por "extravasar para outro ambiente e cruzar zonas em dimensões diferentes, que vão para um universo de sonho a partir das histórias de cada personagem." Foram vários os filmes relacionados com o universo de Marta Freitas que serviram de inspiração às atrizes: do "Transamérica" de Duncan Tucker ao "Veludo Azul" de Lynch, passando pelos "Sacanas sem Lei" de Tarantino.



Ennio Marchetto

Agenda

Teatro

Estreiam

Um Elétrico Chamado Desejo De Tennessee Williams. Encenação de Diogo Infante. Com Alexandra Lencastre, Albano Jerónimo, Lúcia Moniz, entre outros.

Lisboa. Teatro Nacional D. Maria II - Sala Garrett. Pç. D. Pedro IV. De 09/09 a 31/10. 4ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 213250835. 7,5€ a 30€.

Ver texto na pág. 6 e 9es.

The Man and the Show

De e com Ennio Marchetto.

Lisboa. Casino. Alameda dos Oceanos. De 07/09 a 31/12. 3ª a Sáb. às 22h. Dom. às 17h. Tel.: 218929070. 18€ a 22€.

Sexo? Sim, Mas Com Orgasmo De Dario Fo. Encenação de António Pires, Cassiano Carneiro. Com Guida Maria.

Estoril. Casino. Pç. José Teodoro dos Santos. De 08/09 a 31/12. 4ª a Sáb. às 22h. Dom. às 17h. Tel.: 214667700. 10€ a 20€.

Condomínio



De Ana Mendes. Pelo Teatro Nova Europa. Encenação de Luís Mestre. Com Ana Luísa Azevedo e Tiago Correia.

Porto. Balletteatro Auditório. Pç. 9 de Abril, 76. De 07/09 a 12/09. De 3ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 225508918.

Continuam

Mulher Mim

De e com Rafaela Santos.

Lisboa. Clube Estefânia. R. Alexandre Braga, 24 A. De 09/09 a 12/09. De 5ª a Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 915039568. 10€.

Cabeças Falantes - Festival de Monólogos.

Janis e a Tartaruga



De Pedro Pinto, Filipe Pinto. Encenação de Luísa Pinto. Com Carla Galvão.

Matosinhos. Cine-Teatro Constantino Nery. Avenida Serpa Pinto. Até 04/09. 5ª a Sáb. às 21h30. Tel.: 229392320.

Uma Família Portuguesa

De Filomena Oliveira, Miguel Real. Pelo Teatro Aberto. Encenação de Cristina Carvalhal.

Guarda. Teatro Municipal. Rua Batalha Reis, 12. Dia 04/09. Sáb. às 21h30. Tel.: 271205241. 7,5€.



"Cem Lamentos" é um combate a quatro: três mulheres e uma sádica e lasciva Mestre de Cerimónias

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
 Bilhetes à venda Culturgest, Fnac, Worten, El Corte Inglés, C.C. Dolce Vita,
 Ag. Abreu, Megarede e www.ticketline.sapo.pt - Reservas Ticketline: 707234234
 Preço único até aos 30 anos 5 Euros



Nelson Cascais Guruka

Programador: Manuel Jorge Veloso

Contrabaixo Nelson Cascais Saxofones Pedro Moreira Guitarra André Fernandes
 Piano, Fender Rhodes João Paulo Bateria Iago Fernandez Músico convidado Rita Maria (voz)

Um quinteto em estado de glória - Nelson Cascais regressa em força com aquele que é já considerado um dos grandes discos de jazz do ano. Paulo Barbosa, Ipsilon, 25.03.09

JAZZ SEX 17 DE SETEMBRO - 21H30 - GRANDE AUDITÓRIO - €18 - M12

CaixaBI
 Banco de Investimento

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

casa da música

Uma viagem aos sons e às cores matriciais de diferentes culturas, é o que propõe esta original homenagem ao célebre Duo Quco Negro. Algumas vozes fundamentais da música lusófona juntam-se neste projecto criado por Manuel d'Oliveira e David Benasulín, dando novos contornos às criações de Raúl Indipwo e Milo MacMahon.

Jantar - Concerto | € 30

SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLO PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

Festival Mozart Set – Out

Óperas, concertos e filmes

08 / Setembro

19:00h — *Grande Auditório*
Entrada Livre

Solistas do Festival Cantabile

Elina Vähälä VIOLINO, Diemut Poppen VIOLA,
Alexander Chaussian VIOLONCELO, Ralf Gothóni PIANO

TRIO PARA PIANO E CORDAS, K. 502
QUARTETO PARA PIANO E CORDAS Nº 1, K. 478

20:00h — *Auditório 2*

Encontro com os artistas

EM COLABORAÇÃO COM



21:00h — *Grande Auditório*

Christian Tetzlaff DIRECÇÃO E VIOLINO

Orquestra Gulbenkian

Hanna Weinmeister VIOLA

HAYDN — SINFONIA Nº 80
SCHÖNBERG — NOITE TRANSFIGURADA, OP. 4
MOZART — SINFONIA CONCERTANTE, K. 364

Bilhetes à venda

WWW.MUSICA.GULBENKIAN.PT

11 / Setembro

19:00h — *Grande Auditório*

A Flowering Tree

ópera de John Adams

Joana Carneiro MAESTRINA

Coro Gulbenkian
Orquestra Gulbenkian

Rui Horta CONCEPÇÃO CÉNICA E DIRECÇÃO DE ACTORES

Ciclo de filmes Mozart

Entrada Livre

11 / Setembro 16:00h — *Auditório 3*

A Flauta Mágica • Ingmar Bergman

12 / Setembro 16:00h — *Auditório 3*

Grandes Intérpretes Mozartianos I

Carlo Maria Giulini, Daniel Barenboim,
Yehudi Menuhin, Herbert von Karajan

18:00h — *Auditório 3*

Così fan tutte • Patrice Chéreau



© BOB HOOKS (NEW DELHI, INDIA)

GULBENKIAN MÚSICA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN